

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MICHELE DOS SANTOS

**DO CHORO AO RISO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO PROGRAMA
CIDADE ALERTA, DA REDE RECORD DE TELEVISÃO**

Caxias do Sul

2015

MICHELE DOS SANTOS

**DO CHORO AO RISO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO PROGRAMA
CIDADE ALERTA, DA REDE RECORD DE TELEVISÃO**

Monografia de Conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para aprovação parcial para obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof^a Ms. Marliva Vanti Gonçalves.

Caxias do Sul

2015

MICHELE DOS SANTOS

**DO CHORO AO RISO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO PROGRAMA
CIDADE ALERTA, DA REDE RECORD DE TELEVISÃO**

Monografia de Conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para aprovação parcial para obtenção do título de bacharel.

Aprovada em ___/___/___

Banca Examinadora

Professora Ms. Marliva Vanti Gonçalves

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Professora Ms. Ivana Almeida da Silva

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Professora Ms. Adriana dos Santos Schleder

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico este trabalho a Deus e a
minha família, que jamais deixou
de incentivar.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de agradecer. Em primeiro lugar a Deus sem ele não teria forças para chegar ao fim desse trabalho. Aos meus pais, Miguel e Neli, obrigada por existirem e compreenderem o processo pelo qual passei. Em especial à Neli, que por vezes, me tirou de casa para que eu não me sentisse tão cansada e enxergasse que o mundo não é o Cidade Alerta. Não posso deixar de agradecer à empresa que me ajudou com a clipagem das edições do programa, a CWA Clipping.

Também não posso esquecer daquela que ao longo da faculdade foi como uma segunda mãe para mim. Marliva, quero que saibas o quanto é importante na construção de uma nova profissional. Não existem palavras para descrever a alegria de poder ser tua orientanda. Tenho a certeza que não existiria pessoa melhor para me incentivar em um momento tão importante. Obrigada por tudo.

Como poderia esquecer dos meus amigos, essas pessoas que ignorei ao longo do processo. Prometo que a partir de agora voltarei à minha “vida normal” e vou lembrar de vocês. Franciele Zanrosso, minha prima, amiga e irmã, obrigada por me incentivar e fazer desse processo algo mais fácil e desculpa por “chorar” tanto. Suélen, desculpa por ter me afastado, mas te amo muito. Ao pessoal da academia, que fez das minhas manhãs, manhãs de alegria. Obrigada a todos que de uma forma ou de outra foram importantes para a construção dessa pesquisa.

RESUMO

O espetáculo da vida ganha um tom dramático na voz do apresentador, que narra o fato como se ele fosse uma peça teatral. As imagens fortes mostram aspectos do real, ao mesmo tempo em que o acontecimento toma contornos surreais. Enquanto isso, o público assiste a tudo e sente como se fosse com ele. Programas sensacionalistas usam e abusam da emoção para obter audiência, gênero que se utiliza do exagero para impactar o público. Segundo dados do IBOPE, o Cidade Alerta é o programa que recebe a segunda maior audiência na Rede Record. Por meio de Análise de Conteúdo e de Discurso pode-se verificar aspectos importantes para a construção do Cidade Alerta e entender porque tem audiência.

Palavras-Chave: Jornalismo. Cidade Alerta. Sensacionalismo. Grotesco.. Espetáculo. Violência.

ABSTRACT

The spectacle of life takes a dramatic tone of voice from the presenter, who narrates the fact as if it were a play. The images show strong aspects of reality, while the event takes surreal contours. Meanwhile, the public watch everything and feel like it was with him. Hyped programs use and abuse of emotion to get audience, in this genre that uses exaggeration to impact the public. According to IBOPE data, the City Alert is the program that receives the second largest audience in Rede Record of television. Through Content and Discourse Analysis we can see important aspects to build the City Alert and understand why it has audience.

Key-words: Journalism. City Alert. Sensacionalism. Grotesque. Spectacle. Violence.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 TELEVISÃO: UM VEÍCULO IDEOLÓGICO	10
1.2 SENSACIONALISMO E ESPETÁCULO	12
1.3. GROTESCO E POPULARESCO	17
1.4 CIDADE ALERTA, SEUS PERSONAGENS E “CONCORRENTES”	20
1.5 ALGUMAS QUESTÕES A SEREM ESTUDADAS	22
1.6 PESQUISA	24
2. TELEVISÃO	29
2.1 IDEOLOGIA DA TELEVISÃO.....	29
2.2 DÉCADA DE 1950: O INÍCIO	32
2.3. 1960: CRESCIMENTO	35
2.4. DÉCADA DE 1970: ENTRE A REPRESSÃO E A “LIBERDADE”	38
2.5. DÉCADA DE 1980: O RETORNO DO POPULARESCO	42
2.6. DÉCADA DE 1990: O CRESCIMENTO DO SENSACIONALISMO E O POPULARESCO	43
2.7. ANOS 2000: A EVOLUÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA	48
2.8. GÊNEROS E FORMATOS TELEVISIVOS	49
3. O PROGRAMA	51
3.1 A HISTÓRIA DA REDE RECORD E DO CIDADE ALERTA	51
3. 2 A CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA CIDADE ALERTA	55
3.2.1. Estrutura	55
3.2.2. O novo cenário do Cidade Alerta e seus objetos	58

3.2.3. As cores do Cidade Alerta	59
3.2.4. Os personagens do Cidade Alerta	62
3.3. A NOTÍCIA VIOLENTA	67
4. METODOLOGIA	71
4.1 DECUPAGEM DOS PROGRAMAS	73
4.1.1. Glossário de termos telejornalísticos	73
4.1.2. 1º Programa – 01/09/2014	74
4.1.3. 2º Programa – 02/09/2014	82
4.1.4. 3º Programa – 03/09/2014	93
4.1.5. 4º Programa – 04/09/2014	104
4.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO	112
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	129
ANEXO.....	134

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar de que maneira o programa Cidade Alerta, da Rede Record, é realizado, por meio da análise de aspectos como: os personagens, o formato das matérias, a participação dos repórteres, os enquadramentos de imagens, o discurso dos apresentadores e os cenários do programa.

A questão norteadora: quais são os principais aspectos do discurso do Cidade Alerta, passíveis de garantir a audiência, mesmo sendo de cunho sensacionalista? Demonstra o desejo de explicar a relação entre um programa sensacionalista e sua audiência crescente

1.1 TELEVISÃO: UM VEÍCULO IDEOLÓGICO

A televisão não é um simples equipamento, tudo que é feito por ela tem cunho ideológico. Segundo Durkheim, ideologia é “todo conhecimento da sociedade que não respeite tais critérios da objetividade” (DURKHEIN *apud* CHAUI, 2001, p. 32). Para Marx, o conceito de ideologia estava ligado às condições materiais da vida humana, principalmente ao trabalho. Mas, hoje, surge um novo conceito, que é independente destas condições.

Nasce agora a ideologia propriamente dita, isto é, o sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente ligados à produção material das condições de existência (CHAUI, 2001, p. 62).

O conceito de ideologia passou por um longo processo até chegar ao atual. No livro *O que é Ideologia*, Marilena Chauí comenta sobre os principais autores que conceituaram ideologia. Ao final do percurso a autora afirma que ideologia é um conjunto de ideias e valores impostos que permeiam nossa vida.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem sentir, o que devem fazer (CHAUI, 2001, p. 108).

Por isso, a matéria mais simples, terá o poder de mostrar as ideias de um veículo. Em seu livro *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (2005), José Arbex Júnior reflete sobre o assunto e diz que a televisão não é uma mera “observadora” dos fatos. As emissoras têm o poder de escolher o que será notícia.

A televisão é um polo do processo de seleção e divulgação das notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera “observadora” ou “repórter”: tem o poder de interferir nos acontecimentos (ARBEX JÚNIOR, 2005, p. 98).

Diariamente os veículos de massa “bombardeiam” o público com notícias escolhidas. O nome deste fenômeno é “agenda-setting”. As notícias são transmitidas em uma ordem pré-determinada, segundo a sua importância e impacto. A agenda-setting parte do pressuposto que as pessoas entendem a realidade social por meio do *mass media*, e assim algumas vezes são influenciadas. O público receberia “por empréstimo” e via mídia, a realidade social.

[...] a hipótese do *agenda-setting* é, portanto, mais um núcleo de temas e de conhecimentos parciais, susceptível de ser posteriormente, organizado e integrado numa teoria geral sobre a mediação simbólica e sobre os efeitos de realidade exercidos pelo *mass media*, do que um modelo de pesquisa definido e estável (WOLF, 2002, p. 145).

Neste ponto é importante definir o capitalismo, pois o sistema econômico, político e social está diretamente ligado à Indústria Cultural e à comunicação. Baseia-se na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando o lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços (ANJOS; FERREIRA, 2001, p. 129). Ou seja, um sistema político e econômico que visa o lucro por meio da venda de mercadorias.

A notícia não é um retrato fiel da realidade, mas sim uma interpretação do fato. Antes de ser veiculada a notícia passa por uma “engrenagem” composta de várias óticas: produtores, editores, cinegrafistas, etc ... e pelo interesse das emissoras, inseridas em um sistema capitalista. Este conceito surgiu junto à atividade jornalística, que ganhou vários “apelidos” para definir a busca pelos fatos. A televisão foi considerada uma janela para o mundo, construtora de realidades, intérprete audiovisual do cotidiano. A essência do veículo está diretamente ligada ao “dia-a-dia”.

Em certo sentido, essa percepção da mídia como “janela” para o mundo ecoa a ideia da arte romântica do século XIX, quando a “verdade” da imagem dependia de seu grau de fidelidade à paisagem observada, ou a do realismo, que pressupunha que o trabalho do artista deveria ser regido pela “experiência direta da realidade”, como condição para poder retratá-la (ARBEX JÚNIOR, 2005, p. 104).

Quando se reflete sobre um telejornal, (lugar, por excelência, da notícia de tevê) logo se pode ver um padrão pré-definido. O programa tem curta duração, suas matérias não são longas e os enquadramentos são bem definidos. O jornal televisivo é feito para informar de maneira que o telespectador possa saber o que está acontecendo, mas ao contrário do telejornal, o programa sensacionalista tem reportagens de longa duração e os enquadramentos são utilizados para ressaltar as emoções dos momentos.

1.2 SENSACIONALISMO E ESPETÁCULO

Segundo Jaime Carlos Patias, em seu artigo no livro *Comunicação e sociedade do espetáculo* (2006, p. 83), o sensacionalismo começou a se propagar pelos Estados Unidos a partir do século XX. A espetacularização dos fatos cria um novo mercado para os comunicadores americanos, que afirmam que o “crime vende”. Com isso, programas que mostram a violência tinham altos índices de audiência. “O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Quase fabrica uma nova notícia, que passa a se vender por si mesma” (CASTRO; COELHO, 2006, p. 81). A pesquisa vai aprimorar os efeitos e as causas deste discurso carregado pelo apelo emocional.

O sensacionalismo tem o poder de “tocar” e de criar um vínculo com o telespectador. As imagens de grande impacto o sensibilizam ou causam “enjoo” em quem assiste. Muitas vezes, o próprio apresentador tenta amenizar a sensação ruim fazendo piadinhas sobre assuntos paralelos. O sensacionalismo é às vezes criticado exatamente pelos sentimentos que causam. No livro *Comunicação e Sociedade do espetáculo*, de Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro, os autores ressaltam a crítica que associa o sensacionalismo com outros fenômenos da comunicação, como o grotesco e o popular.

A crítica ao popular na televisão frequentemente é feita pela associação daquele com o grotesco, que resultaria em degeneração de valores considerados importantes para a sociedade para à qual os programas ditos populares se dirigem (COELHO; CASTRO, 2006, p.63)

Os fenômenos sensacionalistas estão ligados à comercialização da informação. E sua repetição constante os banalizam. Além disso, essas atrações trazem a sensação de que os problemas podem ser sempre resolvidos.

Poderíamos enfim dizer que o sensacionalismo está ligado à mercantilização da informação: fazer negócios com a divulgação de escândalos e de crimes e, por que não, de soluções ilusórias para os problemas da sociedade (COELHO, CASTRO 2006, p. 82).

É importante saber que existe uma ligação entre sensacionalismo e espetáculo-show, enquanto o sensacionalismo absorve a linguagem do espetáculo, que traz consigo o tom de dramaticidade e as atrações televisuais que se valem desta linguagem acabam por encenar o fato por meio de simulações.

O *Cidade Alerta* é um programa sensacionalista, que abusa das imagens para mostrar ao público notícias ligadas ao tema da violência. As grandes reportagens e a atuação do apresentador, dos repórteres e do comentarista transformam o fato em um grande espetáculo. Segundo o *Dicionário de Comunicação*, sensacionalismo é: “Estilo jornalístico caracterizado por

intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria de modo a emocionar ou escandalizar o público” (RABAÇA, 1998, p. 531).

Os programas sensacionalistas, que se utilizam da linguagem do espetáculo, têm a função de transformar um pequeno fato em um verdadeiro show. Guy Debord (2003), afirma que os meios de comunicação de massa transmitem uma sensação permanente de aventura e grandiosidade de modo natural, o que é enaltecida ainda mais em programas sensacionalistas.

O espetáculo vai além do olhar, estando ligado ao meio em que se vive, enfim, à sociedade. Nem tão pouco pode ser considerado um “adorno”. Para Guy Debord, o espetáculo está todas as áreas da comunicação e também da vida.

[...] o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade (DEBORD, 2002, p.14).

A notícia é mostrada de maneira explícita, podendo fazer com que as pessoas que estão assistindo não se sintam apenas telespectadores, mas participantes do fato. As imagens destes programas falam por si, mesmo que o apresentador narre as imagens fortes, deixando a sensação de dor e angústia. Na publicação *Violência: O Discurso que a Mídia Cala* (2010), os autores Marlene Branca Sólito, Dinarte Albuquerque e Eulália Coelho comentam que os jornais impressos também usam deste artifício e trazem o sentimento de que as atrocidades que acontecem levam a impressão de “que é com o outro e não comigo”. Mesmo que as imagens sejam carregadas de choque e perturbação, ainda assim o leitor é capaz de se distanciar do fato.

Na década de 1960, a televisão brasileira começou a investir em programas que mostravam a violência como realidade ou que ficassem “próximos” ao público. Em 1966 surgiu *O Homem do Sapato Branco*. Apresentado por Jacinto Figueira Júnior, o programa era voltado para a

resolução de “casos de família”, pequenas histórias que interessavam a uma pequena comunidade. Outro exemplo foi o programa *A Voz do povo*, da extinta Rede Tupi, que era uma espécie de prestação de serviço para a população, sendo transmitido no horário vespertino da emissora (CASTRO; COELHO, 2006).

Ainda naquela década, os chamados programas de auditório começaram a se destacar. Um exemplo deles é o *Cassino do Chacrinha*¹. O apresentador e seu estilo extravagante davam o tom ao programa, que arrebatava multidões. Em torno dos anos 1970, as massas tinham acesso à televisão e podiam mostrar seu “talento” para o Brasil. Chacrinha abriu caminho para os programas populares*.

Em 1980 surgiu o Clube do Bolinha. Edson Cury², conhecido como Bolinha, apresentava o programa, mas ele parecia uma atração à parte. Com suas camisas coloridas, Bolinha tinha como convidados travestis, “drag queens” e transformistas. Mas também era um espaço para grandes nomes da música brasileira.

A década de 1990 foi decisiva para esses programas. Em maio de 1991, o SBT estreia o *Aqui e Agora*, apresentado por Gil Gomes. As chamadas do programa o rotulavam como um retrato do “mundo cão”. O espetáculo “saiu de cena” em 1997.

Com a chegada da TV segmentada, a televisão aberta ganha mais competitividade e tem que aprender a lidar com um novo comportamento do público, que conta com uma grande quantidade de novos canais. Com isso, o telespectador se torna um “zapeador”, que vai trocando de canal. Segundo Arlindo Machado (2001, p. 143): “*Zapping* é mania que tem o telespectador de mudar de canal a qualquer pretexto, na menor queda de ritmo ou de interesse do programa e, sobretudo, quando entram os comerciais”.

¹ Site utilizado para pesquisa sobre o Cassino do Chacrinha:
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/cassino-do-chacrinha/evolucao.htm>. Acesso em 02/11/2014

²Site Utilizado para pesquisa do programa Clube do Bolinha:
<http://www.anos80.net/televisao/programas-de-auditorio/clube-do-bolinha/>

A chegada da televisão por assinatura revoluciona o mercado televisivo, que ganha uma imensa gama de programas. Segundo Hoineff (1991), o baixo custo da televisão por assinatura não traz maior adesão do público e com isso a cultura das “antenas” não se propagava com tanta facilidade. Hoje, com uma boa quantidade de operadoras de tevê, pode-se ver o quanto a modalidade cresceu. Para Hoineff, a televisão por assinatura foi uma boa opção.

Mesmo com os problemas políticos que cercam cada concessão, há poucas dúvidas de que a TV por assinatura nos moldes em que está sendo implantada no Brasil seja a melhor alternativa para a consolidação de um sistema de TV paga em locais que não comportem, técnica e economicamente, a formação de um sistema de cabo (HOINEFF, 1991, p. 76).

Os anos de 1990 são decisivos para que o gênero sensacionalista seja firmado na televisão. Ao final da década eles ganham força, mas é nos anos 2000 que voltam com maior fôlego ainda.

O sensacionalismo voltou às telinhas, através de programas que haviam sido exibidos em décadas anteriores como é o caso do Cidade Alerta e do Programa do Ratinho, do SBT. Porém, as fórmulas usadas nas atrações são as mesmas. Tudo se resume a mostrar um fato que vira um grande espetáculo. No caso Programa do Ratinho, um dos quadros chama a atenção: o Teste de DNA. Não é de hoje que Carlos Massa usa este artifício para obter audiência. O quadro ‘Teste de DNA’ consiste no seguinte: o marido, supostamente traído, pede a prova de DNA para a mulher/mãe, e assim, a briga começa na telinha; ou ainda pode-se aplicar o conceito de sensacionalismo ao programa Casos de Família³, do SBT, onde supostas famílias expõem suas brigas para o país inteiro.

O programa Casos de Família surgiu em 2004, com a apresentação de Regina Volpato. Alguns apontam que a apresentadora conseguia levar o debate sem discussões acaloradas. Em 2009 o programa teve um recesso para reformulação. Em 4 de maio quem assumiu o comando da atração foi Cristina Rocha. A apresentadora deu um “toque” mais popular ao programa, pois as

³ Site utilizado para a pesquisa sobre o programa Casos de Família:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Casos_de_Fam%C3%ADlia

discussões passaram a ilustrar verdadeiras brigas “familiares”. As aspas se devem às suspeitas de que as famílias, na verdade, são falsas, compostas por atores contratados para fazer papéis como o do marido traído.

Para Coelho e Castro (2006), a televisão virou um reflexo das relações sociais, hoje tão violentas. Inclusive, não se restringe aos ditos “programas sensacionalistas”.

O espetáculo de violência produzido pelos telejornais sensacionalistas vinculados a uma sociedade em permanente crise (violência crescente e enfraquecimento das instituições) leva os cidadãos a consumir o conteúdo do programa (soluções ilusórias) sem nunca resolver a crise (CASTRO; COELHO, 2006, p. 94).

É impossível pensar em sensacionalismo sem ligá-lo ao espetáculo. Se nos primórdios da TV as emissoras traziam os programas com o formato circense, hoje, os veículos buscam a mesma inspiração para retratar fatos da vida trágicos ou cômicos como uma verdadeira peça teatral.

1.3. GROTESCO E POPULARESCO

Para conceituar e melhor explicar o grotesco e o popularesco, será utilizado o livro “O Império do Grotesco” (2002), de Muniz Sodré e Raquel Paiva. O conceito de grotesco está ligado à arte, e diz respeito a tudo que é feito de maneira exagerada, ou então, a uma deformação. Isso quer dizer que o grotesco nega os padrões pré-estabelecidos. Já o popular está ligado à expressão de uma determinada camada da população.

A palavra “grotesco” vem do italiano e define determinado objeto de decoração. Segundo Wolfgang Kayser (1986, p. 18), o conceito surgiu no século XV, através de escavações feitas em Roma. Com as pesquisas se descobriu uma espécie de pintura ornamental. A obra não remetia em nada à arte romana, ela rompia com o padrão estabelecido, retratando animais e plantas de modo rústico.

Na França, Wieland (*apud* Kayser, 1986) definia o grotesco como uma caricatura. O autor a dividia em três gêneros: o primeiro, em que as obras eram consideradas verdadeiras, quando o artista reproduzia uma realidade com

alguns traços de deformidade; o segundo gênero era considerado exagerado, onde a deformidade era ressaltada ainda mais; e a última, onde o artista mostrava algo fantástico, que fugia dos padrões, sendo assim, chamado de grotesco. Segundo Wieland, o artista se entregava a sua imaginação selvagem. O autor define o conceito do seguinte modo: “O Grotesco é “sobrenatural” e “absurdo”, isto é, nele se aniquilam as ordenações que regem o nosso universo” (WIELAND apud KAYSER, 1986, p. 30).

O programa Cidade Alerta, objeto desta pesquisa, também usa a linguagem do grotesco. Isso quer dizer que as tragédias mostradas no Cidade Alerta se encaixam no contexto de catástrofe: o que seria uma pequena nota em um telejornal, no programa sensacionalista vira algo grandioso, assim criando uma “deformação” da notícia.

[...] o grotesco funciona por catástrofe. Não a mesma dos fenômenos matematicamente ditos “caóticos” ou a da geometria fractal, que implica irregularidade de formas, mas dentro dos padrões de uma repetição previsível. Trata-se de uma deformação inesperada (SODRÉ; PAIVA 2002, p. 25).

Para Sodré; Paiva, a televisão ainda é o veículo que recebe maior audiência. Os programas de cunho sensacionalista são vistos pelo autor como uma “praça pública”, onde a miséria e as dores ficam expostas para a sociedade.

[...] a televisão massiva continua capitalizando a maioria da audiência em circuito aberto. Caracteriza-se desde o início por uma atmosfera sensorial (um *ethos – costume de um povo*) de “praça pública”, no sentido trabalhado por Bakhtin, isto é, a praça como feira livre das expressões diversificadas da cultura popular (melodramas, festas de largo, danças, circo, etc) ou como um lugar de manifesta es do espírito dos bairros de uma cidade[...] (SODRÉ; PAIVA 2002, p. 106).

Ainda segundo os autores, o grotesco não pode ser definido unicamente pelo monstruoso, ou então, pelas aberra es. Ele causa impacto em quem o vê, e as sensa es são as mais diversas.

É preciso que, no contexto do espetáculo ou da literatura, estas (*imagens grotescas*) produzam efeitos de medo ou de riso nervoso, para que se crie um “estranhamento” do mundo, uma sensação de absurdo ou de inexplicável, que corresponde propriamente ao grotesco (SODRÉ; PAIVA 2002, p. 56).

A categoria do grotesco tem gêneros. O programa Cidade Alerta se encaixa naquele denominado “Chocante”, pois tem intenções sensacionalistas. A televisão, em geral, se utiliza muito desse gênero, pois ele provoca reações no público.

Seja escatológico ou teratológico, quando voltado apenas para a provocação superficial de um choque perceptivo, geralmente com intenções sensacionalistas, o fenômeno pode ser classificado como “grotesco chocante” (SODRÉ; PAIVA 2002, p. 69).

De acordo com os autores, a cultura popular que vem das classes mais baixas (economicamente falando) da sociedade rompe com os ideais pré-estabelecidos, ou seja, tudo aquilo que parece uma deformação vira a atração principal. O espetáculo garante às camadas inferiores a diversão, fazendo com que elas compareçam em espaços públicos, onde podem demonstrar parte de popular; seus rituais, como de suas danças e seus costumes. Daí a noção de espetáculo e de grotesco ligada aos conceitos de cultura.

Segundo Lúcia Santaella (2003), a cultura não está ligada somente àquilo que é erudito, mas também ao espetáculo da vida. A autora compara a cultura com a vida, pois é tal como um ser humano cresce, se desenvolve, e se prolifera. Em relação ao grotesco, é visto como diferente de sua cultura, considerado estranho.

A expressão popularesco pode ser considerada uma junção entre popular e grotesco. O fenômeno parte do grotesco, daí a dificuldade de ser visto por um padrão aceitável, sendo mais considerado uma deformação dos veículos de comunicação e também da cultura da sociedade.

O popularesco é tido, antes de tudo, um fenômeno da Indústria Cultural, em especial das expressões populares, que torna o público mais próximo dos veículos, pois a população enxerga na “telinha” seus costumes. O popularesco também pode ser explicado como a espontaneidade popular traduzida pela Indústria Cultural, tendo como principal objetivo a audiência.

[...]as expressões simbólicas das classes economicamente subalternas, ao mesmo tempo em que vão perdendo o seu enraizamento dinâmico nos lugares diversificados da cidade, são retrabalhados pelos diferentes dispositivos de comunicação massiva, em especial a televisão. E o programa de auditório é um bom modelo disso a que se tem chamado de popularesco (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 111).

O conceito de Indústria Cultural foi desenvolvido pelos pensadores que fundaram a Escola de Frankfurt. Segundo Coelho Netto (1980, p.31), os pensadores classificam a Indústria Cultural como indústria da diversão, que foi criada como modo de alienação. Para eles, a Indústria Cultural traz a sensação de “falso prazer”, ao mesmo tempo em que aliena as pessoas em relação aos processos do saber, como a reflexão por exemplo. “[...] façam o fizerem, digam o que disserem, os veículos da Indústria Cultural somente podem produzir a alienação” (COELHO NETTO, 1980, p. 36).

A cultura popular e suas formas de manifestações e a Indústria Cultural estão diretamente ligadas e atreladas ao capitalismo e ao modo de trabalho, já que este conceito surgiu após a Revolução Industrial, em 1870.

Assim, a Indústria Cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral; o uso crescente de máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho (COELHO NETTO, 1980, p. 10).

1.4.CIDADE ALERTA, SEUS PERSONAGENS E “CONCORRENTE”

O Programa Cidade Alerta, portanto, encaixa-se na categoria do Grotesco, no gênero “chocante”, tem cunho sensacionalista e popular, servindo-se da linguagem do espetáculo. Surgiu em 1995, e sua primeira fase foi até o ano de 2004, ano em que o programa saiu do ar. Em 2011 voltou à grade da Rede Record. Na tentativa de alavancar a audiência, a emissora trouxe seu antigo apresentador, José Luiz Datena, que semanas depois voltaria para a Rede Bandeirantes e para o programa *Brasil Urgente*.

A terceira fase do *Cidade Alerta*⁴ iniciou em 2012. Com a apresentação de Marcelo Rezende, o programa retomou a ideia de jornalismo policial. O longo histórico do apresentador com esta área o mantém até hoje à frente do Cidade Alerta, que vem sendo exibido seis vezes por semana. Aos sábados é apresentado por Luiz Bacci, e é chamado de Cidade Alerta Especial.

Marcelo Rezende⁵ começou a trabalhar em 1969 com jornalismo esportivo, com passagens por emissoras de rádio e televisão. Não demorou muito para que ele fosse para o “jornalismo investigativo”. Durante um quadro no Fantástico, o então repórter da Rede Globo teve a missão de falar sobre pessoas desaparecidas. A partir daí, o apresentador nunca mais deixou esta área, passando pelo Programa Linha Direta, da Rede Globo (1999). Em 2004, Rezende apresentou pela primeira vez o Cidade Alerta, em 2008 Marcelo Rezende apresentou o Repórter Cidadão, da Rede TV! e também passou pela Rede Bandeirantes, apresentando o programa Tribunal na TV. Durante sua carreira, fez grandes entrevistas, incluindo a conversa realizada com o conhecido “Maníaco do Parque”. Rezende* é considerado o jornalista que revelou a existência do tráfico internacional de armas.

Nos mesmos moldes do Cidade Alerta surgiu, em 2001, o Brasil Urgente⁶, da Rede Bandeirantes, concorrente direto do *Cidade Alerta*. Era apresentado por

⁴ Site utilizado para retratar a terceira fase do programa Cidade Alerta:
<http://rd1.ig.com.br/conheca-a-historia-do-cidade-alerta-programa-renasce-e-se-torna-carro-chefe-da-record/>

⁵ Site utilizado para a pesquisa da carreira do apresentador Marcelo Rezende:
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9803>

⁶ *** Site utilizado para a pesquisa sobre o programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Urgente. Acesso em: 02/11/2014

Roberto Cabrini, que três anos depois deixaria o programa, dando lugar para José Luiz Datena. Em 2011, Datena deixou a emissora para apresentar o *Cidade Alerta*, mas acabou voltando ao programa em agosto do mesmo ano.

1.5. ALGUMAS QUESTÕES A SEREM ESTUDADAS

Esta pesquisa servirá para mostrar alguns aspectos do programa *Cidade Alerta*, da Rede Record. Quando se reflete sobre programas como este, não se pensa, em um primeiro momento, em jornalismo de boa qualidade, mas sim na exposição da “degradação” humana. Este trabalho, em sua primeira parte, “cercará” o programa, com base em publicações como: *A Sociedade do espetáculo*, de Guy Debord (2003); *O Império do Grotesco* (2002), de Muniz Sodré e também *Comunicação e sociedade do espetáculo* (2006), de Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro.

Serão usadas para a análise algumas matérias do programa *Cidade Alerta*, da primeira semana de setembro de 2014. Nelas, se pode ter como base a construção do discurso do programa e também de seus personagens. Em segundo plano serão analisados o cenário (o contexto, a luz e os enquadramentos) e a participação dos repórteres, que também são peças importantes na construção do espetáculo do *Cidade Alerta*. Para Debord, o espetáculo é a negação da vida que se tornou aparente.

Considerando de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a *negação* visível da vida; como negação da vida que se *tornou visível* (DEBORD, 2002, p.16).

O programa *Cidade Alerta* servirá como objeto de análise, embora a pesquisa não aprofunde aspectos como a produção, pois seria preciso acompanhar a rotina dos produtores nos bastidores da atração. Ainda assim, a pesquisa será feita com base em publicações que falam sobre os assuntos que envolvem o programa, como: o sensacionalismo com aspectos de espetacularização e que contemplem o discurso de seus apresentadores-personagens. Este terá grande ênfase na pesquisa, pois é nele que encontramos

o “tom” do Cidade Alerta. A dramaticidade que Marcelo Rezende traz ao narrar um fato se torna uma característica da programação, pois torna-se preciso atingir o telespectador de maneira que ele possa se sentir parte do que está vendo. Danilo Agrimani, em seu livro *Espreme que sai sangue* (1995) fala sobre os exageros da linguagem usada para o jornalismo sensacionalista.

Ainda dentro do ponto de vista jornalístico, a linguagem sensacionalista não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante. A linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gíria e palavrões (AGRIMANI, 1995, p.16).

O cenário é um dos pontos em questão na pesquisa a partir de sua composição, seus objetos de cena, a iluminação e os enquadramentos. O cenário é montado como se fosse para um teatro, mas é complexo refletir sobre o que existe por trás das escolhas feitas pelos produtores. Um dos exemplos de adornos teatrais, usados para gerar dramaticidade é o trono, onde fica o comentarista Percival de Souza. Ele é um profissional abalizado para falar dos temas abordados, pois Percival é formado em Direito, um conhecedor das leis que começou a trabalhar aos 14 anos com jornalismo. Ganhou quatro Prêmios Esso Jornalismo, por seu empenho na área de jornalismo investigativo. Foi um dos fundadores do Jornal da Tarde, tendo sempre seguido esta linha profissional. Percival escreveu 18 livros sobre a sua área.

O “personagem” Percival de Souza também é um objeto de análise, sua atuação como comentarista chama a atenção, porque ele é colocado no lugar do Rei, do “dono da verdade” e suas opiniões também servem para ilustrar alguns fatos de maneira a mostrar o “lado da lei”.

Quanto aos repórteres do Cidade Alerta, cada um é chamado por um apelido dado por Marcelo Rezende; eles são articuladores fundamentais para o funcionamento do programa. O espetáculo da vida, tantas vezes duro com algumas pessoas, chega ao público em forma de programa e é necessário conhecer os fatos que fazem uma nota dada no rádio virar uma grande matéria em um programa de cunho sensacionalista.

O jornalismo tem seus critérios de noticiabilidade, não seria diferente com o Programa Cidade Alerta. A busca pelo inédito, por uma notícia de boa qualidade, recheada de recursos telejornalísticos que atraem o público e que transformam a notícia em espetáculo, necessitam de um intenso processo de pesquisa que é feito pela produção para descobrir onde estão os personagens do fato, inclusive os mais antigos.

Os altos índices de audiência fazem o programa chegar ao segundo lugar no horário das 19 horas, segundo dados da Folha de S. Paulo (2014). O programa é a segunda maior audiência da Rede Record, perdendo apenas para o Jornal da Record, que obtêm 8.3 pontos de audiência, contra 7,8 do Cidade Alerta.

O sensacionalismo chama a atenção de pesquisadores que buscam saber qual é a medida de tamanho sucesso. Em um primeiro momento é importante definir de que maneira o Cidade Alerta se apropria do sensacionalismo e também de outros aspectos da comunicação, como o grotesco e popularesco. Com base na pesquisa, busca-se definir o Cidade Alerta como um programa sensacionalista, que abusa das imagens para mostrar ao público notícias, em especial, sobre violência.

As reportagens transformam o fato em um grande espetáculo. O programa também se utiliza do grotesco, o que significa que as tragédias mostradas no Cidade Alerta se encaixam no contexto de catástrofe. Muitas vezes o público não percebe a violência simbólica, isso quer dizer aquela violência não explícita, que pode vir do discurso de uma emissora que dá o tom aos programas. Além disso, os elementos de dramaticidade, como o cenário e seus adornos, os enquadramentos de câmera nas reportagens e os apresentadores tornam o Cidade Alerta próximo a um espetáculo teatral.

1.6 PESQUISA

O tema abordado nesta pesquisa destaca o sensacionalismo como espetáculo e mais do que isso, diz respeito ao discurso do Cidade Alerta. O título “Do choro ao Riso: uma análise sobre o discurso do Programa Cidade Alerta, da Rede Record de Televisão” destaca a experiência da pesquisadora que durante

o processo se deparou com situações de choro e também algumas vezes sentiu vontade de rir das piadas feitas pelos apresentadores.

O trabalho tem como objetivo geral analisar aspectos do Cidade Alerta como: personagens, formato, matérias (pautas), participação dos repórteres, enquadramentos de imagens, discurso dos apresentadores e cenário e como objetivos específicos: verificar o discurso do programa e seus personagens, analisar a importância dos personagens para a construção do Cidade Alerta e por fim considerar aspectos que o público não consegue captar, ou seja, o trabalho que está atrás das câmeras ou que faz parte das mensagens mais sutis de um todo.

A reflexão sobre o discurso do Cidade Alerta é uma questão relevante para quem estuda comunicação e para quem assiste ao programa é importante saber como esse discurso é usado com o objetivo de atrair, prender e influenciar o telespectador.

Um programa como o Cidade Alerta é muito bem produzido, cheio de matérias com autoridades, vítimas e criminosos. A análise servirá de apoio para aqueles que desejarem conhecer um pouco mais do mundo do jornalismo e do *Cidade Alerta*, onde a notícia vira um verdadeiro espetáculo. Por exemplo, na cena seguinte: uma mulher grita. Ao lado, um corpo coberto. Quanto mais ela grita, mais o cinegrafista dá “zoom in”⁷ (a câmera está bem próxima do objeto, de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta. É um plano de intimidade e expressão) e logo, um menino vem correndo na direção da mulher, calado, com um olhar fixo no corpo imóvel, nem percebe que está sendo gravado.

Na televisão, a edição de um jornal sensacionalista não pode ser a mesma de um jornal analítico – informativo. Há necessidade de mostrar justamente o que o outro não mostra. O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar a notícia em tom dramático. A edição não pode cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de seu filho (ANGRIMANI, 1995, p. 40).

⁷ Site utilizado para descrever o enquadramento “zoom in”:
<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

A notícia é um recorte da realidade feito por diversas “mãos e mentes repórteres, produtores, cinegrafistas, editores e a própria emissora, eles determinam o que o público verá. Sólío; Albuquerque; Coelho (2010) comentam que as mudanças que o fato sofre antes de chegar ao público.

Ao recortar a realidade, e oferecê-la ao público como verdade, as mudanças efetuadas durante a captação, no processo de produção e na difusão do fato, terão forte poder sobre a forma de percepção do público (SÓLIO, ALBUQUERQUE, COELHO, 2010, p. 22).

Pesquisas do campo acadêmico servem para que a sociedade construa parte de seu pensamento que irá originar novas teorias para revolucionar as diversas áreas. O jornalismo popularesco ainda é um campo a ser desvendado. Antes do Cidade Alerta vieram muitos outros.

Entre os anos 1969 e 1972, a televisão cativava o seu público emergente com programas que exploravam as misérias e as aberrações da condição humana. Sílvio Santos, Jacinto Figueiras Júnior, Dercy Gonçalves, Raul Longras, Chacrinha e outros tinham como matéria-prima televisiva a infelicidade alheia, a mendicância, as deformidades físicas, etc [...] (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 12).

O jornalismo se utiliza do fato para elaborar a notícia, portanto todo fato jornalístico acaba virando uma potencial reportagem. A ligação entre sociedade e mídia se faz presente nos acontecimentos mais simples. Mas antes de se tornar um acontecimento social é necessário que o fato, em si, passe por um longo processo de produção. Alsina (2009) comenta a relação entre sociedade e mídia:

[...] todo fato social é um acontecimento em potencial para a mídia e toda a notícia é um acontecimento para a sociedade. A partir dessa perspectiva, podemos compreender muito melhor a interação entre a mídia e sociedade. A mídia lança mão de acontecimentos sociais como a matéria-prima, e, ao mesmo tempo, constrói e transmite um produto que pode chegar a se tornar um acontecimento social (ALSINA, 2009, p. 134).

Como é sustentado um programa que tem mais de duas horas de duração? Uma grande produção está por trás do apresentador cheio de bordões, determinando qual será o fio condutor do programa. É preciso enxergar além do superficial, pois o formato parte de vários estereótipos, e para analisá-los é necessário abordar as várias frentes, como: discurso dos apresentadores, personagens, reportagens e enquadramentos de câmera.

O fato de o Cidade Alerta não ter sido muito pesquisado ao longo dos anos faz desse trabalho um bom material teórico para outras monografias. É importante que as pesquisas tenham onde se basear, pois as publicações falam pouco sobre determinados programas, considerados de “mau gosto” pela maioria dos “intelectuais”.

O Cidade Alerta não é feito só de aspectos “ruins”. Mesmo sendo um programa sensacionalista, ele se aproxima do jornalismo, ou daquilo que ele deveria fazer. A retomada das matérias que já foram esquecidas e seus desfechos é um exemplo disso. A investigação é outro.

A pesquisa é um meio de mostrar que o Cidade Alerta, no mínimo, pode ser um bom objeto de estudo, pois é necessário saber quais são as razões pelas quais o programa é formatado desse modo e por que continua tendo audiência.

Após a formulação dos objetivos foram levantadas hipóteses que dizem respeito ao Cidade Alerta: a narrativa de Marcelo Rezende faz com que o jornalismo ganhe um tom mais dramático; os vários personagens “interpretados” por Marcelo Rezende e Percival de Souza são importantes para a construção do discurso do programa; o espetáculo do Cidade Alerta se dá por meio de aspectos de sensacionalismo e do grotesco; o forte apelo emocional evidencia o sensacionalismo do Cidade Alerta; a força do discurso está em sua linguagem de fácil acesso, mesmo que de maneira implícita a violência simbólica construa também o discurso da atração.

O capítulo dois irá contar aspectos importantes da história da televisão e também tratará da linguagem televisual. Serão abordados programas e conceitos que colaboraram para a adaptação do sensacionalismo à

programação televisual brasileira e aspectos relevantes para a construção da linguagem da televisão.

No terceiro capítulo, será aprofundada a história do programa e do apresentador Marcelo Rezende. Mas antes disso é necessário falar sobre a história da Rede Record. O Cidade Alerta em grande parte é construído por seu apresentador de voz calma, que abusa do tom dramático para reconstruir os fatos, transformando-os em notícias com as “nuances” apropriadas para aquele tipo de programa.

O capítulo 4, sobre a *Metodologia*, terá como base material bibliográfico e análise de conteúdo. Serão analisadas quatro edições do “Cidade Alerta”, de setembro de 2014. A pesquisa em material bibliográfico revelará alguns dos aspectos de construção do programa e também mostrará, em parte, o histórico deste gênero, tomando como base publicações que revelem aspectos como: o discurso, a violência e a questão da notícia transformada em espetáculo. A análise de conteúdo será realizada com base no livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2011).

Quando se fala em um programa se faz necessário enxergar o que atração deseja passar ao telespectador. Esse processo acontece por meio da “fala”, ou seja, tudo aquilo que se vê e mesmo aquilo que não se enxerga. Por isso, outro método utilizado por esta pesquisa será a análise do discurso para entender não só “a fala” dos apresentadores, mas a do programa, como um todo. Muitas vezes, o conceito de discurso é distorcido; algumas vezes por estar ligado demais à gramática e outras vezes pelo contexto dos símbolos implícitos nas palavras. A análise procurará levar estes aspectos discrepantes em conta. E por fim, no último capítulo, Considerações Finais, se fará uma retomada de todo o trabalho de pesquisa, procurando saber se os objetivos foram alcançados e as hipóteses, provadas ou refutadas.

2. A TELEVISÃO

Neste capítulo será apresentada a história da televisão brasileira, bem como a construção do sensacionalismo como linguagem e os gêneros e formatos dos programas televisivos. É importante ressaltar os principais fatos que construíram a história e a trajetória deste importante meio de comunicação nesta pesquisa.

2.1 IDEOLOGIA DA TELEVISÃO

A televisão é um dos veículos de comunicação mais presentes na vida dos seres humanos. A questão do hábito vai moldando a vida do telespectador, intervindo em seu cotidiano: quando se chega em casa o televisor é ligado, e mesmo quando se está sozinho, a tevê pode virar companhia – para a informação e o entretenimento.

A televisão surgiu após o final da Segunda Guerra Mundial, em uma época em que o cinema detinha grande parte da audiência e o rádio estava presente em grande parte dos lares e em uma época em que despontava o conceito de Indústria Cultural e seus produtos, os meios de comunicação de massa.

A indústria cultural só iria aparecer com os primeiros jornais. E a cultura de massa, para existir além deles exigiu a presença, neles, de produtos como o romance de folhetim – que destilava em episódios para o público, uma arte fácil que servia de esquemas simplificadores para traçar um quadro da vida na época (mesma acusação hoje feitas às novelas de TV). Esse seria, sim, produto da cultura de massa, uma vez que ostentaria um outro traço caracterizador desta: o fato de não ser feito por aqueles que o consumiam (COELHO NETTO, 1980, p. 9).

Teixeira Coelho (1980) compara o produto da Indústria Cultural (um exemplo é a televisão e seus subprodutos, os programas) com um produto a ser vendido e consumido como qualquer outra coisa. Para ele, e segundo a Teoria da Indústria Cultural defendida pelos sociólogos alemães da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, no livro a Dialética do Esclarecimento (1985) essa espécie de produtos é feita para um público que não irá questionar o que está vendo, pois já se tornou parte da engrenagem que move um sistema que visa o lucro por meio do consumo.

Segundo o livro *Comunicação e sociedade do espetáculo* de Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro (2006), a produção da mídia está ligada à produção de massa, seguindo os moldes da produção industrial após a Segunda Guerra Mundial.

A Indústria Cultural previu a queda de audiência dos cinemas com a chegada dos aparelhos de televisão. Os filmes, que até então eram exibidos nos cinemas passaram a veicular na televisão, que os adaptou de maneira a que seu público pudesse vê-los e ao mesmo tempo fazer seus afazeres. As pausas em meio aos filmes foram introduzidas, uma vez que a pessoa está em casa, e nem sempre ficará atenta somente à televisão.

À medida em que um determinado veículo de comunicação vai adquirindo espaço ele se torna um dos componentes da Indústria Cultural, precisando medir seu sucesso no mercado. Para tanto, há necessidade de segmentar a programação para os diversos públicos, pois só assim a audiência será mantida. A Indústria Cultural fez da notícia uma mercadoria, adaptando-a à sociedade capitalista.

Segundo *Ciro Marcondes Filho* (1988), a televisão dita como o tempo deverá passar. Assim como em uma linha de montagem, onde cada um deve cumprir sua função para que o ritmo não seja perdido, a televisão também faz com que todos os acontecimentos passem de modo acelerado diante de nossos olhos. Mas esse não é o único poder que ela tem sobre o seu público. Por lidar diretamente com imagens, a TV é capaz de mexer com o imaginário das pessoas. Suas histórias, por vezes, parecem imitar a vida real; o telespectador pode sentir que parte de sua vida está sendo retratada na TV. Em uma novela o público se sente mais próximo daquele personagem que tem seus vícios ou virtudes, como se assim o público encontrasse no personagem um pouco de si mesmo.

As novas ideias, as fantasias, as imagens que as pessoas possuíam – resultado do contato com a natureza, com outras pessoas, ambiente de trabalho e de lazer distante dos produtos de comunicação em massa – enriqueciam seu universo mental e estimulavam não somente suas histórias, suas peculiaridades linguísticas, sua expressão artística, suas lendas, seus ditos populares, mas faziam também nascer daí um produto

cultural típico próprio, que possibilitava o reconhecimento das pessoas como comunidade[...] (MARCONDES FILHO, 1988, p. 30).

Nos primórdios da televisão poucos tinham acesso a ela, mas em nossos dias os televisores ganharam lugar de destaque. No início, a televisão era tida como algo mágico, mesmo que a programação fosse transmitida em preto e branco. Os telespectadores a enxergavam como um “aparelho de sonhos”, onde eles poderiam conhecer outras culturas, se divertir; e nela, o público encontrava um novo modo de enxergar o mundo, mesmo que a programação fosse limitada pela tecnologia da época.

A televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma linguagem diferente, que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico, de sua linguagem – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da cultura (MARCONDES FILHO, 1988, p. 37).

Para o autor, as imagens e notícias produzidas para a televisão foram se tornando “realidade” para o público que não as vê como um recorte de realidade, e sim “a mais pura verdade”. A imagem é capaz de revelar ao telespectador fragmentos de um fato que ele jamais veria em outro veículo.

Segundo Marcondes Filho (1988), a televisão está dentro da Indústria Cultural, e ela dita o que será noticiado, submetendo seu público ao que o autor chama de “cárcere mental”. Para ele, o que atrai o público são os elementos que fazem parte das estruturas mentais, ou seja, a televisão com seu poder traz à tona o que está no inconsciente do público, tudo o que ele deseja ter. O público é envolvido pela “indústria dos desejos”, onde ele pode ter seus objetos expostos. A impressão que se têm é que as pessoas vivem para satisfazer seus anseios.

É importante, então, compreender que o fascínio da TV não é fabricado, não há um grupo de pessoas maquinando histórias e personagens para impor às massas; ao contrário, os meios de comunicação atuam sobre as necessidades já existentes no ser humano. Através do sucesso de certos programas, por exemplo, é que se conhece um pouco mais a

natureza dos receptores e suas necessidades (MARCONDES FILHO, 1988, p. 42).

Outra característica do meio está ligada ao conceito de espetáculo, também uma forma de chamar a atenção do telespectador e parte da linguagem televisual, que mistura a informação ao entretenimento. O espetáculo, de certo modo, deixa quem o presencia em uma “área neutra”, isso significando que ele, o telespectador, não é atingido pelo que lhe é transmitido. Debord (1997) comenta algumas características do espetáculo. Para ele, o espetáculo nega a aparência, ao mesmo tempo em que a afirma.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência (DEBORD, 1997, p. 16).

Para Debord (1997), o espetáculo surge no momento em que as mercadorias ocupam totalmente a vida social. Este fato evidencia a relação com a mercadoria. O autor afirma que todo trabalho feito pela sociedade se torna uma mercadoria global. Desse modo, o espetáculo insere-se na Indústria Cultural.

Ainda sobre a linguagem da televisão, é importante dizer que ela varia de acordo com cada cultura em que o aparelho é inserido. No Brasil, a linguagem televisiva é constituída da cultura popular, que influência o modo de falar de um programa e também dita as pautas.

2.2 DÉCADA DE 1950: O INÍCIO

Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento e Marco Roxo (2010), a televisão surgiu no Brasil em 18 de setembro de 1950. A transmissão aconteceu por meio de televisores dispostos no saguão dos Diários Associados. Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados e um dos maiores empresários de comunicação do Brasil resolveu expandir seus negócios e também trazer a televisão para o país. Em 10 de setembro, vão ao ar as

primeiras imagens, em caráter experimental, da TV Tupi. Foi exibido um filme sobre o retorno político de Getúlio Vargas.

Tudo começou em São Paulo, com a inauguração do 3, Tupi Difusora, com sua torre de transmissão no topo do imponente prédio do Banespa, num dia tumultuado, de corre-corre, de câmeras pifando, batata quente nas mãos, já que a novidade pesava nos ombros de todos os envolvidos. Tudo improvisado. A emissora entrou no ar sem que se soubesse qual seria a programação do dia seguinte (LORÉDO, 2000, p. 3).

Chateaubriand queria que a televisão fosse um sucesso no Brasil e para que isso acontecesse, Chatô importou cerca de 200 televisores. O período anterior à inauguração da TV Tupi marcou um tempo de produção do primeiro programa, “TV na Taba”, apresentado por Homero Silva. A atração estava recheada de convidados como: Hebe Camargo, Lima Duarte, Mazaropi, entre outros.

Segundo Ciro Marcondes Filho (1988), a década de 1950 marcou a era do “rádio televisionado”, uma vez que a televisão não havia conquistado sua própria linguagem. Programas como o Chacrinha, Silvio Santos e Bolinha faziam sucesso por terem um estilo circense. Nos primórdios da TV, a comunicação dos fatos não era feita de maneira ágil, mesmo com a programação ao vivo. A tecnologia da época era limitada, não haviam cores e muito menos videoteipes. Os estúdios eram pequenos, impossibilitando a mobilidade dos apresentadores.

A década de 1950 foi marcada pelos teleteatros. A preocupação dos produtores da época era trazer um bom texto para que o público tivesse opções de divertimento. A linguagem televisiva começava a se formar a partir das atrações, que eram transmitidas nos mais diversos horários. Apesar das limitações da época era preciso usar de criatividade para fazer um roteiro envolvente para o público. Manoel Carlos, hoje conhecido por fazer novelas de sucesso, naquela década adaptou cerca de cem textos da literatura para a televisão. A TV Tupi foi pioneira em telenovelas, ela resgatou o gênero que antes pertencia ao rádio. Em 1951 foi ao ar “Sua vida me Pertence”. As novelas da época eram transmitidas de duas a três vezes na semana.

O primeiro telejornal ganhou espaço na televisão brasileira em 19 de setembro de 1950 com a apresentação de Ribeiro Filho, radialista da época. Os textos e as reportagens eram feitos por Ruy Rezende. Naqueles primeiros anos, o telejornal não era transmitido em um horário fixo, mas vai surgindo um novo mercado na televisão, o publicitário. Tanto que em 1951, a publicidade passa a ditar o que será apresentado pela televisão. Neste ano já havia cerca de 7 mil televisores, espalhados entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 20 de janeiro de 1951, a TV Tupi do Rio de Janeiro passava a ter sua programação local. O Brasil começava a fabricar os primeiros aparelhos de televisão. O aparelho, caro, era visto como algo que mostraria o poder aquisitivo da família.

Em 1952 surgiu a TV Paulista, tendo como dono o deputado Ortiz Monteiro. A emissora contava com três câmeras. Em 1953, a TV Paulista começou a exibir o primeiro programa circense (A Praça da Alegria), nas tardes de domingo. A atração passou a ser transmitida pela TV Record, inaugurada em 27 de setembro de 1953. Em pouco tempo se tornou líder de audiência na faixa das 20 horas, com a apresentação de programas musicais. Nessa época o Brasil atingia a marca de 34 mil televisores.

Em 1954, a TV Paulista foi responsável pelo primeiro programa voltado para o público feminino “O Mundo é das Mulheres”, apresentado por Hebe Camargo. Este ano marca a transmissão externa de uma partida de futebol, o jogo foi entre os times do Santos e do Palmeiras, na Vila Belmiro. Em 15 de julho é inaugurado o canal 13 do Rio de Janeiro.

O império dos Diários Associados cresceu com a chegada da TV Itacolomi, de Belo Horizonte, em 8 de setembro de 1955. No ano seguinte, Chateaubriand inaugurou nove afiliadas da TV Tupi. Em 22 de fevereiro de 1956 foi feita a primeira transmissão interestadual: a partida entre Brasil e Itália, no estádio Maracanã. A transmissão só foi possível por causa da “invenção” do técnico da emissora, Reinaldo Paim, que na ausência de antenas parabólicas utilizou galinheiros e pedaços de antenas, e assim o jogo pôde ser transmitido para o estado de São Paulo. Em 1956 foi ano da estreia do programa “Rancho

Alegre”. Chacrinha foi um dos precursores dos programas que se valiam do espetáculo da vida.

No ano de 1957, a TV Tupi revela o apresentador Flávio Cavalcanti, que apresentava o programa “Um Instante Maestro”. Durante a atração, Cavalcanti fazia duras críticas a cantores da época, e ainda aproveitava para quebrar os discos. Enquanto os programas voltados para o espetáculo faziam grande sucesso, o Brasil já chegava a marca 344 mil aparelhos de televisão.

O ano de 1959 marca a censura na televisão brasileira. O então Ministro da Justiça, Armando Falcão, regulamenta a legislação de censura à televisão. No mesmo ano foi inaugurada a TV Excelsior, de São Paulo.

A década foi marcada pela experimentação e os programas de cunho popular, ao vivo. As tentativas de gerar identificação com diversas parcelas do público brasileiro acabaram criando uma linguagem miscigenada, feita para atingir diferentes camadas sociais, ao mesmo tempo.

2.3. 1960: CRESCIMENTO

O número de televisores não parava de crescer. Se na década anterior o número de aparelhos chegou a 434 mil, os anos que seguiram fizeram com que esse número aumentasse. Só em 1966 foram vendidos 408 mil televisores, chegando a 2,4 milhões de aparelhos. O videoteipe revolucionou os anos de 1960. Programas que tinham pouca circulação ganharam mais amplitude no Brasil. Com as emissoras ganhando forma e virando verdadeiras empresas, os horários das atrações passaram a ser fixos.

A década 1960 também marca a chegada do humor à telinha brasileira, com críticas à ditadura militar, pois algumas atrações debochavam de políticos da época. Os programas de auditório, os shows de calouros e as atrações variadas trouxeram o espetáculo para a televisão. Nessas atrações eram usados artifícios vindos do circo como: malabaristas, palhaços e acrobatas. Essas atrações ganhavam os finais de semana, uma vez que o homem trabalhador precisava relaxar e se divertir nos seus dias de folga. Um dos gêneros que ganha forças nessa época é o de entrevista. Em sua “sala de visitas”, Hebe mostrava ao público a proximidade entre celebridades e pessoas comuns.

A cultura industrializada porém (jornais, revistas, cinema, rádio) tomou o espaço do circo e decretou sua decadência e seu quase desaparecimento. Dele sobrou a estrutura de entretenimento e diversão, que foi mais tarde reabsorvida, principalmente pela TV (MARCONDES FILHO, 1988, p. 68).

A mídia passou a mediar a questão da cultura da sociedade. As imagens mostradas pela televisão vão moldando o cotidiano, ao mesmo tempo em que este reinterpreta o que é mostrado e devolve suas percepções à mídia, muitas vezes em forma de audiência.

Vimos que a cultura encontra-se onde os seres humanos vivem e se relacionam. Consequentemente, ela também está no ar, nas ondas, nas imagens repetidas tecnicamente, sendo a mídia o principal veículo de sua divulgação. Atualmente, a mídia domina a sociedade contemporânea, produzindo bens materiais e simbólicos, divulgando-os numa linguagem padrão, que é a linguagem do espetáculo (COELHO; CASTRO, 2006, p.114).

Durante os anos de 1960 a TV Tupi conseguiu exibir em cadeia. Em 4 de maio a TV Record sofreu com o incêndio que destruiu seus estúdios e a central técnica da emissora. Mesmo com as adversidades a emissora atingiu o primeiro lugar de audiência com suas atrações, dentre elas se destacavam o programa musical “Grande Show União”. As tecnologias mais comuns hoje começavam a ser utilizadas. Um exemplo é o videoteipe. A TV Tupi utilizava-se do teleprompter⁸ para o “Show de Chico Anysio”.

1961 foi o ano de estreia de Sílvio Santos na televisão. O atual dono do SBT apresentava o programa “Vamos Brincar de Força? ”, transmitido aos domingos do meio-dia às 14 horas. Em 1965 foi inaugurada a TV Globo, no Rio de Janeiro. Em 4 de abril o império começava a ser erguido. Dois anos após a inauguração da TV Globo, foi inaugurada a TV Bandeirantes. Com equipamentos de ‘ponta’, a Bandeirantes prometia fazer frente às outras emissoras. A década

⁸ Site usado para conceituar teleprompter: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teleprompter>.

Um teleprompter ou teleponto é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador.

ainda marca a estreia do programa “O Homem do Sapato Branco”, apresentado por Jacinto Figueira Júnior. A atração era voltada para a miséria da população brasileira. O programa abriu espaço para o gênero que se vale dos fatos da vida para transformar em espetáculo.

Naquela época surgiram atores que até hoje são reconhecidos pelo público, como Tarcísio Meira e Glória Menezes. O casal atuou na primeira telenovela diária “2-5499 Ocupado”, na TV Excelsior. Aos poucos, as novelas chegavam ao horário nobre, ganhando a identificação com o público.

A vida que a televisão mostra é então, para o homem e para a mulher, uma verdadeira troca, com vantagens, de sua vida real. A emoção que as pessoas sentem durante a novela, a vibração pelo esporte ou atração que os homens têm pelas vedetes do vídeo fazem todos viverem através da televisão (MARCONDES FILHO, 1988, p. 60).

O cinema e o rádio são considerados inspirações para o modo de fazer televisão, até mesmo em relação à publicidade. Mas, o rádio começava a enfraquecer (em termos de preferência e quanto à audiência), e à medida em que a televisão ganhava mais espaço nos lares brasileiros, deixando de ter o caráter de objeto de divertimento, para ser usada como aparelho de informação. A grade da televisão vai se adaptando aos horários em que o público busca lazer após um dia atribulado de trabalho. É importante destacar a chegada do Jornal Nacional, em 1969. O telejornal foi primeiro programa a ser exibido em rede nacional. Com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira, a atração alcançava altos índices de audiência.

As duas primeiras décadas da televisão foram marcadas pelo improviso. O público era tratado como “objeto de excelência”, pois sem ele, sem sua família, a televisão não seria capaz de se manter.

A Música Popular Brasileira também chegava aos lares via TV, em meio aos anos de 1960. Os festivais caíam no gosto do público, que podia apreciar música de boa qualidade sem sair de casa, mas isso não era para todos. O estado que mais tinha televisores era São Paulo, que detinha cerca de 70% dos aparelhos, e as classes que os possuíam eram as de maior poder aquisitivo.

Não foi por acaso que, precisamente em 1968, se daria o grande boom de vendas de aparelhos-receptores de tevê no país. Graças à instituição do crédito direto ao consumidor, as vendas de aparelhos receptores tiveram naquele ano um aumento de 48% em relação a 1967 (SODRÉ, 1999, p. 91)

Um programa que se destacou entre o público estudantil foi o “Fino da Bossa”, da Record. O primeiro programa foi ao ar em 19 de maio de 1965. Neste ano também surgiu o programa “Jovem Guarda”, com a apresentação de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. A atração era apresentada todos os domingos, às 17 horas. Aproveitando-se da cultura do “Rock and Roll”, a TV Record apresentava um novo ritmo chamado de iê-iê-iê, uma alusão às músicas dos Beatles. Com a chegada de novos formatos de programas, as pessoas passaram a se interessar cada vez mais pela televisão, que cada vez mais ganhava novos adeptos, chegando a cerca de 900 mil televisores.

O país, então, dividia sua repressora rotina entre as manifestações estudantis contra o regime – que começavam a ganhar força e explodiam no ano seguinte (1968) – e os festivais televisivos de música. Naquele momento, torcer por um cantor, compositor ou música nos festivais da Excelsior, Globo e Record era ir além da paixão (SILVA JÚNIOR, 2001, p. 268).

A Rede Globo passou a investir de modo mais específico em teledramaturgia. O marco foi a novela de Janete Clair “O Véu de Noiva”. Para Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento e Marco Roxo (2010, p.124): “a novela exibida em 1969, abusa das cenas externas, dos diálogos curtos e da linguagem coloquial”. A novela também tentou se aproximar do cotidiano de seu público, a partir de sua linguagem ficcional, mais próxima da realidade. Com a inovação, as novelas ganharam mais capítulos e a receita do sucesso estava no enredo que trazia a luta eterna entre o bem e o mal. A Globo investiu “pesado” em uma cidade cenográfica, uma inovação para a época.

2.4. DÉCADA DE 1970: ENTRE A REPRESSÃO E A “LIBERDADE”

Em 1970, as emissoras começaram a fazer pesquisas para descobrir o que o público desejava na televisão. A pesquisa criava uma espécie de “rotina” nas grades de programação das emissoras. A década também marcou certas divergências entre São Paulo e Rio de Janeiro. Os estados se opõem à linguagem televisiva um do outro. Um dos grandes programas da época foi o “Grande Teatro Tupi”, da TV Tupi, do Rio de Janeiro. Já em São Paulo, o sucesso se dava por meio de outra atração: o “TV de Vanguarda”. Na segunda metade da década a televisão começava a se distanciar do teatro.

A televisão ganha cores durante a Copa do México, mesmo que em caráter experimental. Um pequeno grupo pôde usufruir da novidade. Mas a primeira transmissão em cores aconteceu em 19 de fevereiro de 1972, durante a Festa da Uva, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Com a proximidade do governo militar algumas emissoras passaram a apoiar o “nacionalismo democrático” do governo de João Goulart. A década 1970 pode ser considerada um marco, pois alguns programas que iniciaram em meados destes anos continuam fazendo sucesso até hoje. Em 1973 surgem dois ícones da televisão brasileira, o “Globo Repórter” e o “Fantástico” e o telejornalismo ganha o horário nobre com o tradicional “Jornal Nacional”. Com a chegada do telejornal a televisão passou a ter uma nova linguagem. A Globo começou a expandir seu domínio, com novas afiliadas em diversos estados brasileiros.

Em meio à ditadura militar um episódio chamou a atenção das autoridades brasileiras. Durante os programas de “Chacrinha”, na Rede Globo e Flávio Cavalcanti, da TV Tupi, uma mãe de santo apareceu em meio à atração espargindo cachaça sobre o auditório. A polêmica se estendeu para os jornais impressos. O episódio “chegou aos ouvidos” do então ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, que fez com que os vídeos chegassem às mãos da Polícia Federal. Na época, o ministro cogitou retirar as concessões das emissoras, pois para ele os programas estavam se utilizando de “sensacionalismo” e “baixaria”. Corsetti chegou a anunciar o fim das transmissões ao vivo. Ao final das investigações as atrações foram suspensas por oito dias.

Os chamados programas popularescos é que fizeram com que televisão passe a ser monitorada pelas autoridades. A expressão popularesco surge da junção de popular e grotesco. Segundo Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), o popularesco funciona como expressão das classes desfavorecidas, como foi referenciado na Introdução desta pesquisa. Para colocar “panos quentes” na situação as emissoras deixaram de lado o gênero, criando uma nova programação. Uma das emissoras que se destacou nessa época foi a Rede Globo. Surgiu o chamado “Padrão Globo de Qualidade”: as produções gravadas são mais usadas, a televisão deixa de lado o improvisado para assumir uma programação solidificada.

Na tentativa de não se afastar das novas regras trazidas pela censura, as emissoras deixaram de exibir programas que não se adequavam aos novos regimentos. Até mesmo o programa de Dercy Gonçalves, antes mesmo de ir ao ar, foi vítima da censura. Alguns programas foram tirados do ar por certo período. Foi o caso da atração de Flávio Cavalcanti, que se envolveu em nova polêmica e ficou fora da televisão por dois meses. Ao mostrar a história de um homem que emprestou sua mulher para um amigo, o programa voltou a chamar a atenção do Ministério das Comunicações, de forma negativa.

Temendo as represálias, em 1972 a Rede Globo afastou Chacrinha. O episódio aconteceu por conta de um atraso no programa de Sílvio Santos, que por consequência atrasou “A Buzina de Chacrinha”. A abertura da atração foi feita por um homossexual que imitava a cantora Wanderléa. Isso gerou a saída de Chacrinha, que teve uma breve passagem pela Tupi. O apresentador foi para a Record, onde permaneceu até 1977. “Na Buzina ele apresentava calouros, aqueles candidatos que buscavam um lugar ao sol e que, quando erravam ou desafinavam eram impiedosamente eliminados pela buzina que ele trazia sempre pendurada no pescoço” (LORÊDO, 2000, p. 106).

Para o lugar de Chacrinha a Globo contratou Moacir Franco, que passou a apresentar o programa “Só o Amor Constrói”. A atração ressaltava histórias de pessoas comuns ou famosas. Eram contadas histórias de vida tidas como emocionantes. Com sete meses a atração foi cancelada, pois o apelo ao emocional do público não estava funcionando. O programa deu lugar ao “Fantástico”, em 5 de agosto de 1973. No mesmo ano a Globo investe em mais

um programa de jornalismo. Aproveitando-se do dinamismo do Fantástico, a emissora estreou o Globo Repórter, em 4 de abril.

Seguindo a linha da crítica aos políticos, surgiu o folhetim “O Bem-Amado”, em 1973. O enredo é sobre o prefeito de Sucupira que constrói um cemitério, mas não consegue inaugurá-lo, pois desde o início da construção nem um morador da cidade morreu.

O personagem se caracterizou por sua retórica vazia e sua linguagem peculiar, repleta de palavras pomposas e neologismos sem sentido. “O Bem-Amado” era transmitido em cores, o figurino, a cenografia e maquiagem puderam ser mais explorados (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 128).

Entre os anos de 1975 e 1979, a grade da televisão foi consolidada em volta das novelas, que ganhavam cada vez mais espaço. O horário das 18 horas era voltado para a adaptação de clássicos da literatura brasileira ligados ao romantismo como: “Senhora”; de José de Alencar, “A Moreninha”; de José Manuel de Macedo e “A Sucessora”; de Carolina Nabuco. Um dos destaques foi a primeira versão de “Escrava Isaura”, de 1976, adaptado do romance de Bernardo Guimarães. Tamanho foi o sucesso da novela, que foi comercializada para 90 países.

A década de 1970 foi decisiva para a mudança na linguagem televisiva, que deixou de lado o popularesco. Programas sensacionalistas foram tirados do ar. A tendência era imprimir a agilidade e o dinamismo ao jornalismo. O que permitiu estas mudanças foi a criação do sistema de rede nacional.

Com a chegada do general Ernesto Geisel ao poder, em 1974, o Brasil começou um processo de redemocratização. O AI-5, decreto que dava poder aos militares sobre qualquer pessoa que se opusesse ao governo, e também interferia sobre a mídia, foi revogado por Geisel. Enquanto isso, na televisão, as atrações deixavam a rigidez do militarismo, agora as emissoras tendo certa liberdade para produzir. O programa “Abertura”, de 1979, marcou o fim da era militar. Em sua abertura o programa deixou de lado as fotos do Presidente

Figueiredo e em seu lugar foram colocadas fotos de celebridades. O “Abertura”, discutia a política brasileira de maneira descontraída.

O “Jornal Vanguarda”, exibido pela TV Excelsior, foi ao pela primeira vez em 1963, mas foi na década de 1970 que o telejornal foi considerado inovador para a época. Com vários repórteres e comentaristas a atração foi considerada um marco para o telejornalismo. A chegada dos repórteres aos telejornais garantiu maior agilidade e credibilidade. A função do repórter era de articulista e formador de opinião sobre os fatos.

2.5. DÉCADA DE 1980: O RETORNO DO POPULARESCO

Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento e Marco Roxo (2010), Sílvio Santos, até hoje, é considerado um ícone da televisão brasileira. O empresário começou na Rede Globo, mas sua saída pode ser considerada um fato marcante da década de 1980. Após anos de Globo, Sílvio deixa a emissora em busca de um novo projeto, ou melhor, um projeto ambicioso de ter sua própria emissora. O visionário empresário montou uma produtora, onde desenvolvia programas populares e ainda comprou 50% das ações da Rede Record. Isso só foi possível porque, na época, as emissoras passavam por crises por conta dos altos índices de audiência da Rede Globo. Em 1975 o empresário conseguiu concessões para a TVS Rio de Janeiro. Um ano depois, Sílvio deixa a Globo, partindo em busca de seu sonho, que adquiriu forma mais concreta, ao conseguir que a TV Tupi, o deixasse ficar com o seu programa “Baú da Felicidade”, para que a TVS e a Rede Record o transmitissem. A TV Tupi, em crise pelos baixos índices de audiência, acabou por fechar.

Em 1981 Sílvio teve seu sonho realizado com a transformação da TVS em SBT- Sistema Brasileiro de Televisão. Junto com a nova emissora foram trazidos os programas que haviam sido banidos durante a ditadura militar. A programação voltava-se, novamente, para o popularesco.

Entre 1983 e 1986, o SBT passou por uma grave crise. Cerca de 20 programas foram tirados do ar, restando apenas três: o “Programa do Sílvio Santos”, o “Viva a Noite”, apresentado por Gugu e a atração infantil “Bozo”. Em 1986, o SBT apresentou sua nova grade, dentre elas o programa da “Hebe” e “A

Praça é Nossa”. Segundo José Carlos Aronchi de Souza, os programas de auditório fazem sucesso por causa de sua proximidade com o público.

Os programas de auditório prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo. O público do gênero auditório comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa (SOUZA, 2004, p.94).

O SBT fez com que a Globo repensasse o seu modo de fazer televisão, pois ela se dedicava à classe média, ao contrário do SBT, que era visto com uma emissora para as camadas mais baixas da população, economicamente falando. Para que a Globo se tornasse mais popular foi necessário “voltar às raízes”. A emissora chamou Chacrinha de volta, em 1982. Um artifício para ganhar o público foi a reintrodução do auditório durante as gravações do humorístico “Os Trapalhões” e sua última tentativa para bater Sílvio Santos foi o programa “Domingão do Faustão.

Na esfera da cultura de massas, o programa de auditório é o que mais se aproxima da festa popular. Tanto no rádio como na televisão, não há um desnível tão grande entre palco e o público. Os animadores e cantores se aproximam da plateia e têm contato bastante próximo (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO 2010, p. 171).

Os programas de auditório ganhavam grande espaço na televisão e a tornavam cada vez mais popular. Sílvio Santos foi um dos grandes nomes, depois de conquistar o público com seus programas ele viu uma oportunidade para criar a sua emissora e também para popularizá-la.

2.6. DÉCADA DE 1990: O CRESCIMENTO DO SENSACIONALISMO E O POPULARESCO

Nos anos 1990, surgiu a primeira emissora segmentada: a MTV. O canal voltado para os jovens ganhava espaço e dava lugar para outras emissoras

brasileiras como a Globosat; em 1991, o Telecine (canal de filmes) e a GNT surgiram como emissora que se voltavam para os documentários.

O lançamento do sistema GloboSat (que é uma TV por assinatura via satélite convencional, não muito comum no resto do mundo) e de instalação bem mais cara que os demais sistemas de TV por assinatura, coincidia com a codificação das imagens da Rede Globo lançadas no mesmo satélite para as afiliadas e até então captadas gratuitamente pela maioria destas 150 mil antenas (HOINEFF, 1991, p. 74).

Junto a estas inovações tecnológicas, o popularesco retornava com mais força, ganhando “ares” de programas sensacionalistas. Um dos programas que alavancou o SBT em 1991 foi o “Aqui Agora”, responsável por inovar a linguagem até mesmo de programas da linha do popularesco. Antes de se transformar em “Aqui Agora”, o programa era chamado de “O Povo na TV”. Suas pautas, às vezes amenas, e sua prestação de serviço à comunidade chamavam a atenção do público, mas o tom do programa se dava por meio de casos de pessoas humildes que buscavam a resolução de seus problemas. O apresentador Wilton Franco narrava as histórias com um tom de dramaticidade, enquanto as cenas de miséria eram mostradas. O programa abusava do sensacionalismo para relatar os fatos. Algumas vezes a atração ficava próxima aos índices de audiência da Rede Globo. Esse programa fez com que a emissora de Sílvio Santos fosse reconhecida como popularesca.

Em 1993 o SBT lançou o programa “Domingo Legal”. A atração contava com quadros que abusavam da sensualidade: em uma piscina mulheres e homens com trajes de banho travavam uma disputa para ver quem conseguiria pegar o sabonete.

É fenômeno conhecido o encadeamento da cultura popular com a indústria cultural: as expressões simbólicas das classes subalternas, ao mesmo tempo em que vão perdendo o seu enraizamento dinâmico nos lugares diversificados da cidade, são retrabalhadas pelos diferentes dispositivos de comunicação massiva, em especial a televisão (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.111).

Segundo Castro e Coelho (2006), o gênero sensacionalista tende a produzir algo extraordinário, ou melhor, tudo aquilo que foge dos padrões pré-estabelecidos pelo jornalismo, utilizando-se da linguagem dos espetáculos. Por si só as imagens chocantes chamam a atenção do público, que cria uma expectativa com relação ao fato retratado, mas logo em seguida o fato perde seu choque inicial, assim o telespectador assiste as histórias com maior tranquilidade.

Com a inflação e a chegada do Plano Real, os aparelhos de televisão bateram a marca de cerca de 28 milhões, entre os anos de 1994 e 1998. Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, Igor Sacramento e Marco Roxo (2010), as famílias brasileiras das classes A e B tinham de três a quatro aparelhos em sua casa, enquanto as camadas C e D tinham de dois a três televisores. A partir disso, cria-se o hábito de “zapear” pelos canais. O hábito surgiu com a chegada da televisão segmentada, pois o público tinha uma grande opção de emissoras. A preocupação dos produtores passa a ser manter o público “parado” em sua emissora. Segundo Vera Íris Paternostro, a televisão por assinatura é a principal responsável pela mudança de comportamento do telespectador.

Mesmo chegando com atraso em um país considerado desenvolvido quando o tema é televisão, a TV por assinatura provocou uma mudança no comportamento de uma determinada faixa do público. Ao longo dos últimos anos, os canais se ampliaram e, diferente da TV aberta, na TV fechada o espectador escolhe, entre muitas opções, o quer assistir (PATERNOSTRO, 2006, p. 47).

A chegada da televisão por assinatura abalou as emissoras de TV aberta. O cenário favorável para as novas tecnologias soprava sobre a televisão brasileira. Com isso, a solução encontrada pela TV aberta foi a popularização da programação. Outra tendência são os programas nacionais. Se anteriormente a televisão buscava atrações fora do país, agora as criações brasileiras poderiam estabelecer uma forte identificação com o público. O número de assinantes da televisão paga foi crescendo, pois ela oferece um número maior de atrações. Ao mesmo tempo, as redes se fortaleceram e a concorrência entre elas ficou mais acirrada.

A combinação dos elementos programa-intervalo e comercial-emissora cria a identidade das redes. Um gênero determinado atrai certo tipo de patrocinador e forma a característica da rede. Por isso se identifica a programação com a emissora. A Record ficou conhecida pelas séries; o SBT, pelos programas de auditório; a Band, pelo esporte; a Globo, pelas novelas; a Cultura, pelos programas infantis (SOUZA, 2004, p. 53).

A década de 1990 foi marcada pela chegada dos programas que abusam das imagens “fortes” e do tom de narrativa para contar um fato, auxiliados pelas chamadas novas tecnologias. Programas como o “Cidade Alerta”, da Rede Record e o “Brasil Urgente”, da TV Bandeirantes abriram espaço para a espetacularização dos fatos. A Rede Record traz um “novo” animador, Carlos Massa, mais conhecido como Ratinho, que passou a apresentar o “Ratinho Livre”. A atração durou um ano na Record. O programa só foi interrompido pela negociação milionária entre Ratinho e SBT. Durante a atração, Carlos Massa parecia não ter medo de represálias e tocava nos assuntos que mais mexiam com a vida do público. Até mesmo o Jornal Nacional passou por mudanças em sua linguagem, a partir do sucesso desse tipo de programa em outras emissoras. As matérias com cenas “fortes”, onde os enquadramentos mostravam detalhes chocantes, como em um programa sensacionalista, passaram a fazer dos telejornais, que agora mostravam o fato de maneira a ressaltar a carga emotiva. Um dos exemplos mais comuns: a mãe desesperada com o corpo do filho no colo; o enquadramento fecha no rosto que chora, dando um zoom in⁹, mostrando a expressão abatida, e depois, o passeio da câmera desvenda o corpo do filho, que a mãe abraça.

As concessões atingiram o telejornalismo. O “Jornal Nacional” desse período priorizou o sentimentalismo, os dramas humanos e o mundo animal, abordando menos as notícias consideradas sérias, como política, alterações constatadas no “Globo Repórter”. O popularesco na Globo foi além, atingindo várias linhas de produtos, como textos de fácil identificação no “Você Decide” e nas telenovelas em geral (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 234).

⁹Conceito do enquadramento *Zoom In* retirado do site: <http://www.tudosobretv.com.br/planos/>. Traz a imagem distante para bem próxima

Temendo a falta de audiência as emissoras começaram a apelar para a nudez e a sexualidade. Aos domingos, Faustão e Gugu competiam ponto a ponto pela audiência. O forte apelo trazia resultado, mas os críticos achavam que esse não era o melhor caminho para a televisão brasileira.

Em meados aos anos 1990, o chamado jornalismo policial começou a “ganhar força”. Em 27 de maio de 1999 foi ao ar a primeira edição do programa “Linha Direta”, apresentado por Marcelo Rezende. A atração mostrava casos de violência através de dramatização e matérias jornalísticas. O telespectador não era um mero ponto da audiência, ele participava ativamente do programa, podendo intervir e fazer denúncias sobre o paradeiro de determinados criminosos.

Agora já tínhamos a “roupa” que vestiria o novo Linha Direta: o jornalismo como linha mestra, o racional e a dramaturgia como um mix entre o racional e o sentimento. Os planos dramatúrgicos, até mesmo nas entrevistas, é uma arte que Talma (produtor do programa) conhece como poucos, Essa seria a toada do programa (REZENDE, 2013, p. 169).

A linguagem melodramática fazia com que a atração criasse um elo de identificação com o público. Alguns especialistas apontam que o “Aqui e Agora” foi o principal responsável pela quantidade de programas sensacionalistas existentes na televisão, inclusive o “Linha Direta”.

Essa nova forma de “empacotar” a realidade seria a maneira encontrada pelo programa para combater a “violência cega”. Nada melhor contra cegueira, portanto, do que um espetáculo visual intenso capaz de bombardear, semanalmente, o telespectador com imagens sensacionais que se pretendiam, ainda assim, fiéis representações dos fatos (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 260).

Um ano antes da estreia do Linha Direta, o Fantástico exibiu uma longa reportagem, que traçava o perfil do “Maníaco do Parque”, um estuprador e assassino em série. Enquanto os telespectadores presenciavam os relatos do próprio criminoso e de parentes das vítimas, era possível ouvir uma música de

suspense, que dava tom dramático à matéria. Outros programas começaram a utilizar estes recursos. A espetacularização dos fatos se tornou mais presente nos programas tidos como sensacionalistas.

2.7. ANOS 2000: A EVOLUÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA

A primeira década dos anos 2000 se caracterizou, mais uma vez, pela aproximação entre televisão e cinema. Com a promessa da TV Digital, que traria avanços para a comunicação entre público e emissora e também a melhora na qualidade da imagem, as redes de televisão passaram a investir em conteúdo para a internet, através da criação de portais onde o público pode procurar a matéria que tanto gostou, ou então, pode entrar em contato com a produção do programa e alertar sobre determinado acontecimento. Segundo dados do site Teleco, em 2010 26 regiões metropolitanas contavam com o sinal digital, chegando a cerca de 60 milhões de pessoas. Segundo Hoineff, os estudos iniciaram ainda nos 1970.

Uma nova tecnologia, capaz de ampliar o padrão da imagem de televisão para mais de mil linhas, começou a ser pesquisada no início dos anos setenta por diversas empresas japonesas, especialmente a Sony e a rede de televisão NHK (HOINEFF, 1991, p. 115).

As emissoras passaram a investir em séries que mostram uma determinada cultura ou que mostram o dia-a-dia de determinados profissionais em uma comunidade, como é o caso da série “A Lei e o Crime”, da Rede Record. Em sua primeira temporada, em 2009, a série relatava o que era visto em noticiários cariocas.

O mundo das camadas desfavorecidas da sociedade se fez muito presente nas produções televisivas, como foi o caso das produções da Rede Globo: “Cidade dos Homens”, “Antônia” e “Ó Pai, Ó”. Mas isso não afetou somente o mundo da dramaturgia. Programas como o Central da Periferia, de 2006, apresentado por Regina Casé, também representava a realidade de muitos brasileiros. Se por um lado as séries relatavam acontecimentos do dia-a-dia das comunidades, os programas sensacionalistas buscam ressaltar ainda mais a desigualdade entre as classes e a miséria resultante disso.

Ainda hoje a televisão busca alternativas para obter audiência. Muitas vezes, “receitas” de sucessos, antigas, voltam e conquistam o público. É possível ver pessoas discutindo sobre determinado programa ou sobre determinada notícia. Nos últimos tempos a onda de sensacionalismo invadiu a telinha. Programas como o “Cidade Alerta” contam com uma linguagem coloquial, que se assemelha à maneira de falar das camadas mais desfavorecidas em relação às oportunidades educacionais e, por incrível que possa parecer, isso é um dos fatores que ajudam a conquistar a audiência.

A linguagem de um programa vai além da fala. A maneira como o cenário é construído, as cores que serão usadas, a iluminação e o próprio texto utilizado em determinado programa fazem parte de uma linguagem, que vai sendo, aos poucos, estabelecida e que parte de um planejamento com objetivo de atingir o público, conquistando-o, transformando-o em audiência cativa. A construção de um programa televisivo passa pela linguagem do meio em seus diferentes aspectos.

2.8 GÊNEROS E FORMATOS TELEVISIVOS

Os gêneros e formatos da televisão são criados ou adaptados pelas emissoras conforme a sua necessidade. A televisão brasileira ganhou força através de formatos específicos como o da novela, por exemplo. Isso “abriu caminho” para o mercado mundial, que passou a enxergar o Brasil como um bom produtor audiovisual.

Segundo Aronchi de Sousa (2004) os programas devem entreter e podem informar. Mesmo sendo um programa informativo, a atração deve prestar entretenimento ao público. Para o autor, existem quatro categorias de programas: entretenimento, informativo, educativo e “outras”. Mesmo com essas categorias, o autor afirma que um programa pode pertencer a uma delas e ter características de outra categoria. Para ele, quando se pensa em gênero logo se pode perceber o formato da atração.

Nessa identificação, pode-se assimilar o princípio de que os programas de televisão formam um “conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns”, tal como aponta o dicionário na descrição epistemológica (SOUZA, 2004, p. 41).

Em contrapartida, Machado (2009), apresenta o gênero como uma enorme diversidade. Segundo o autor, a diversidade dos gêneros televisivos cria uma certa dificuldade para estudá-los e categorizá-los, criando o que o autor chama de hibridismo, ou seja, a mistura entre gêneros.

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são ilimitadas, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera contém um repertório inteiro de gêneros que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa (BAKHTIN apud MACHADO, 2009, p. 71).

Segundo Aronchi de Souza (2004), o gênero está ligado à cultura. Isso faz com que o público reconheça determinados gêneros mais facilmente do que outros. Segundo o autor, isso acontece por meio de mecanismos que ativam a memória e o imaginário dos mais variados grupos. Ainda para o autor, o gênero carrega as características que levarão ao formato da atração. Aronchi de Souza acrescenta também que o formato identifica de que maneira é feita a produção do gênero.

Segundo Aronchi de Souza (2004), os programas da televisão brasileira podem ser classificados em quatro categorias: Entretenimento (programas de auditório, culinário, desenho animado, esportivo, novela, reality show, entre outros), informação (debate, documentário, entrevista e telejornal), educação (educativo e instrutivo) e publicidade (chamada, filme comercial, político, sorteio e tele compra).

3. O PROGRAMA

Quando se fala em Cidade Alerta é impossível não associá-lo à Rede Record, pois é nela que encontramos parte do discurso que o programa carrega. O Cidade Alerta não foi a única atração sensacionalista exibida pela emissora. Outros programas construíram o caminho para os dias de hoje. A história da Record começa por programas que tinham a audiência mantida através do popularesco, mas nos últimos tempos o sensacionalismo voltou a ganhar destaque e a emissora seguiu as tendências.

Este capítulo irá remontar uma parte da história da Rede Record. Serão recontados os principais fatos que construíram a história do sensacionalismo na emissora e também fatos relevantes que fizeram da emissora um grande potencial de audiência.

3.1 A HISTÓRIA DA REDE RECORD E DO CIDADE ALERTA

Como anteriormente citado no capítulo sobre a História da Televisão, a Rede Record foi inaugurada em 27 de setembro de 1953. O primeiro programa a ir para ao ar foi o Grandes Espetáculos União, apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo. O programa visava a valorização da música brasileira. Em um primeiro momento, a emissora se voltou para os programas musicais, mas logo percebeu que precisaria de outras atrações para se manter no mundo televisivo.

Segundo o site da Rede Record¹⁰, um ano após a sua abertura, começou-se a trabalhar com o gênero esportivo. Em 1954 surgiu o Mesa Redonda, considerado um programa de referência nos esportes. Era apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara. Valendo-se da audiência esportiva, a Record foi a primeira emissora a transmitir uma partida de futebol. O jogo entre Palmeiras e Santos aconteceu em setembro de 1955, como já foi pontuado no capítulo anterior.

A Record não parou no gênero esportivo, mas também quis conquistar o público que estava acostumado com os seriados americanos, produzindo uma

¹⁰Site da Rede Record: <http://rederecord.r7.com/historia/>

nova série, o Capitão 7, em 1954, que tinha como atores: Ayres Campos e Idalina de Oliveira.

Em 1960 a TV Record exibiu a inauguração de Brasília, em 21 de abril. Já em 1964, a emissora transmitiu o Repórter Esso, fazendo com que o programa ganhasse uma versão para a televisão, já que era um programa vindo do rádio. Surgiram outros programas voltados para a música brasileira, como: Fino da Bossa e Jovem Guarda.

Do ponto de vista da grade de programação, os gêneros dos anos de 1950 – teleteatros, *quiz show*, entrevistas, show de variedades – continuavam dando o tom no começo dos anos 1960. Até que, em meados da década de 1960, a televisão, capitaneada pela TV Record de São Paulo, criada em 1953, descobriu, ou melhor, inventou a “moderna música popular brasileira” (MPB) (GOULART; ROXO; SACRAMENTO, 2010, p. 86).

Aquela década também marcou o primeiro incêndio nos estúdios da emissora, destruindo a central técnica. Naquela época, Hebe Camargo já era considerada uma grande estrela da televisão brasileira e valendo-se de sua imagem, a TV Record a contratou.

Na década de 1970 a emissora se voltou para o jornalismo e os programas de entrevista. Um dos destaques foi o programa Dia D, que era exibido semanalmente e trazia entrevistas e reportagens especiais. Também havia dois telejornais: o Jornal REI e o Jornal da Record, que mais tarde foi chamado de Jornal da Noite.

Em 1972 a televisão passa a ter cores. A primeira transmissão foi o desfile da Festa da Uva, de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O ano de 1973 traz consigo mais um telejornal, o Tempo de Notícias, que debatia os principais fatos do dia. Os humorísticos também chegavam à Record neste ano. Ronald Golias era a estrela principal do programa de humor Branco Total. Com o sucesso do programa de Golias, a Record trouxe uma nova atração do gênero, Os Insociáveis, que mais tarde foi chamado de Os Trapalhões.

A emissora investiu na contratação de grandes nomes da televisão brasileira. Alguns já tinham seu nome reconhecido pelo público, como: Flávio

Cavalcanti, Chacrinha, Sílvio Santos e Raul Gil. Os esportes não foram deixados de lado, e em 1977 a TV Record contratou Sílvio Luís para apresentar o De Olho no Lance. No final da década de 1970, a emissora contratou Edson Cury, mais conhecido como Bolinha para apresentar o programa Hora do Bolinha.

A década de 1980 foi cheia de novas atrações para a emissora, que conseguiu estender sua área de cobertura para o estado de São Paulo. A maioria era voltada para o popularesco. A irreverente Dercy Gonçalves era uma das atrações com o humorístico intitulado Dercy aos Domingos. Outro nome que integrava a Record era Fausto Silva, que apresentava o Perdidos na Noite. Já o jornalismo passou por uma reformulação e no comando ficou Danti Matiussi. O Jornal da Record ganhou novos “comandantes”: Paulo Markun e Sílvia Popovic.

Em 1990 o comando da emissora passou a ser de Edir Macedo. Com a chegada do “novo comandante”, a emissora ampliou seu domínio e criou uma rede de emissoras. A Record começou a exibir programas que mostravam o fato como um verdadeiro espetáculo. O sensacionalismo começou já na primeira fase do Cidade Alerta, com a apresentação de Ney Gonçalves Dias. O gênero tem seguimento em 1997, com a contratação de Carlos Massa, o Ratinho. No mesmo ano, Boris Casoy foi contratado para apresentar o Jornal da Record. A grade da emissora ganhou dois programas jornalísticos, que ainda hoje sem mantêm no ar: o Fala Brasil e o Repórter Record.

Já nos anos 2000, programas de auditório faziam sucesso. Raul Gil foi um exemplo disso. Seu programa se tornou referência. Jovens talentos se apresentavam semanalmente. Havia jurados e participação do público, via auditório. Para Aronchi de Souza (2004), esse gênero atrai o público pela variedade de atrações apresentadas num mesmo programa. Em 2003, a Record chegou aos 50 anos, sendo a emissora mais antiga ainda na “ativa”. Em homenagem a ela foram feitos cinco programas especiais, com a participação de alguns nomes que integraram a história da Record.

Em 2004, o Cidade Alerta ganhou um novo apresentador, Marcelo Rezende. O jornalismo, duas novas atrações: o Tudo a Ver e o Domingo Espetacular. Este último ainda se mantém no ar. A emissora investiu em “reality shows”. O Aprendiz, de Roberto Justus, conquistou o público. Outro exemplo foi

o Sem Saída, apresentado por Márcio Garcia. Os anos 2000 marcaram a fase da dramaturgia na Rede Record. Um marco foi a releitura de A Escrava Isaura, baseada no livro homônimo de Bernardo Guimarães. No ano seguinte a Rede voltou a investir em “novelas literárias”. Essas Mulheres foi a segunda novela a reproduzir um livro.

Marcelo Rezende era o então apresentador do Cidade Alerta. A atração ia bem, mas Rezende recebeu uma proposta da Rede TV!, que o fez deixar o programa, e com isso o Cidade Alerta foi cancelado. Na época, Rezende foi considerado inadequado para a atração.

“Fui para a Record em 2004, assumi o Cidade Alerta e, para minha surpresa, um dia o programa foi tirado do ar mesmo dando 20 e tantos pontos. A mão do então presidente Lula determinara o fim do programa: eu fazia muitas críticas, às vezes sem necessidade e exageradas, reconheço aqui” (REZENDE, 2013, p. 239).

Em 27 de setembro de 2007 (no mesmo dia em que a própria emissora faz aniversário), a Rede Record lançou o primeiro canal de notícias na televisão aberta, o Record News, que hoje tem sua própria programação, mas também reprisa os principais programas da grade da Rede Record.

2009 foi um ano de muitas novidades para a Record. Como foi anteriormente foi citado, no capítulo sobre a história da televisão, a minissérie A Lei e o Crime foi ao ar com direção de Alexandre Avancini. Foi o ano de estreia do reality show A Fazenda. No jornalismo, a Record contrata Ana Paula Padrão para dividir a bancada com Celso Freitas. Considerada uma das maiores contratações, Augusto Liberato chegava à emissora para apresentar o Programa do Gugu. Mais uma vez no dia 27 de setembro, a Rede Record lançava mais uma novidade: o portal de notícias R7.

2011 foi o ano em que o Cidade Alerta sofreu várias mudanças. José Luiz Datena passou a apresentar a atração, mas pouco tempo depois ele retorna ao Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes. Willian Tavassos assumiu o lugar de José Luiz Datena. Apesar da substituição, o programa foi tirado do ar no dia 12 de setembro de 2011. No horário em que o programa era exibido foi colocado o SP

Record, apresentado por Reinaldo Gottino. O programa voltou à emissora em 4 junho de 2012, novamente sob o comando de Marcelo Rezende, sendo exibido para a cidade de São Paulo e posteriormente para o estado. Após um ano, em 2013, o Cidade Alerta ganhou espaço em rede nacional. Depois de quatro anos, o Programa do Gugu deixou de ser exibido pela Record.

[...] o 'novo' "Cidade Alerta" mantém a fórmula de sempre, mas com um toque a mais: os divertidos bordões de seu apresentador. Expressões como "corta pra mim" e "põe exclusivo aí, minha filha" caíram no gosto popular e, surpreendentemente, trouxeram leveza a um programa essencialmente pesado¹¹.

Atualmente, a Rede Record contratou Xuxa. Ainda não foi divulgado o programa que irá apresentar. Augusto Liberato voltou à emissora. Agora, Gugu apresenta seu programa três vezes por semana. A Record exhibe a primeira novela bíblica. A emissora é conhecida por esse tipo de minissérie, mas desta vez resolveu se "aventurar" com uma novela.

3. 2 A CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA CIDADE ALERTA

3.2.1. Estrutura

De segunda-feira a sexta-feira o programa é exibido a partir das 17 horas. Segue até 20h30min. Aos sábados o Cidade Alerta ganha uma versão chamada de "especial", e é apresentado por Luiz Bacci. Começa às 17h20min e tem duração um pouco menor, até às 19h45min. Sobre a edição especial de sábado do Cidade Alerta, não é só a apresentação que muda. O programa ganha um tom menos dramático. Luiz Bacci, apesar de ter um histórico de programas sensacionalistas, se assemelha ao apresentador de um telejornal; sua postura séria revela a diferença entre ele e Rezende. O programa não deixa seu tom de lado, mas a mudança é evidente.

Em seu primeiro bloco, normalmente Marcelo Rezende faz uma pequena chamada para a grande reportagem do programa. Isso dura cerca de dois

¹¹ Site utilizado para exemplificar a fase do Cidade Alerta: <http://rd1.ig.com.br/conheca-a-historia-do-cidadealerta-programa-renasce-e-se-torna-carro-chefe-da-record/>.

minutos. Após, o apresentador chama o intervalo, que dura em torno de seis minutos. Mas os blocos normalmente não seguem um padrão, dependendo das histórias contadas. Quando a produção percebe que o telespectador está começando a “entrar na história”, ela é interrompida por intervalos.

Depois de cerca de 50 minutos, Marcelo Rezende começa a contar uma nova história. Durante sua aparição, o primeiro enquadramento utilizado é o plano geral, que revela grande parte do cenário.

Segundo Arlindo Machado (2009), quando o apresentador começa a contar a história, mas logo pára em um momento de tensão, é para que audiência seja mantida, uma vez que o público terá sua atenção voltada para a história e irá querer saber o seu desfecho.

Seccionado o relato no momento preciso em que se forma uma tensão em que o espectador mais quer a continuação ou desfecho, a programação de televisão excita a imaginação do público. Assim, o corte e o suspense emocional abrem brechas para a participação do espectador, convidando-o a prever o posterior desenvolvimento do trecho (MACHADO, 2009, p. 88).

Depois do intervalo, Rezende começa realmente a contar a história, que após alguns minutos é interrompida por uma nova sequência de comerciais. Essa sequência é um pouco mais longa, dura cerca de oito minutos. Na volta da atração, a história recomeça, seguindo por cerca de 15 a 20 minutos.

Em meio ao relato do repórter aparecem várias pessoas falando sobre o caso. A reportagem é composta por três a cinco fontes ligadas ao caso. O repórter não aparece em um primeiro momento, sua voz em *off*¹² é que narra a história. Logo em seguida, costumam aparecer em plano geral¹³. O repórter, que faz sua passagem (momento em que repórter aparece durante a reportagem),

¹² Conceito de Off: narração gravada da reportagem. Usada para cobrir as imagens. O off é a informação que a sonora não deu, o complemento para que todas as informações sejam passadas. Site que conceitua Off: <http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>.

¹³ Site utilizado para explicar os enquadramentos: <http://www.primeirofilme.com.br/site/olivro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Com um ângulo visual bem aberto, a câmera revela o cenário à sua frente. A figura humana ocupa espaço muito reduzido na tela. O plano é usado para mostrar exteriores ou interiores de grandes proporções.

geralmente anda até chegar ao local exato do fato. Ao parar, o repórter fica de frente para a câmera, em Plano Médio¹⁴.

Os principais repórteres do Cidade Alerta ficam em São Paulo. Eles fazem entradas ao vivo no programa; por estarem na capital paulista, eles são mais requisitados. Mas existem outros repórteres que também fazem entradas ao vivo em meio à atração. Eles vêm das principais capitais do país. Depende de onde o fato ocorre.

Durante a reportagem, alguns elementos são mostrados através de um plano detalhe¹⁵.

Depois de contar o fato e ouvir o relato de familiares, amigos e vizinhos, o repórter é chamado por Rezende, que antes disso dá seu parecer sobre o caso. O repórter aparece em primeiro plano¹⁶, relatando as últimas novidades sobre o caso.

As entradas funcionam sempre do mesmo modo: o repórter traz as novidades dos casos ou até mesmo entrevistas com vítimas e/ou agressores. Os repórteres têm uma certa liberdade para fazer perguntas a eles, mas o entrevistador funciona como um elo entre Rezende e os entrevistados. O apresentador interrompe o repórter em meio a sua conversa, questiona e, algumas vezes, brinca com a fonte – e também com o repórter.

Em alguns momentos é usada uma imagem ou o apresentador contará uma história sem relação com a notícia, para “quebrar” o clima tenso da reportagem.

O terceiro bloco repete os artifícios do primeiro. As matérias diminuem de tamanho, ficando no ar por cerca de três a dez minutos. Em algumas reportagens, a produção se utiliza do recurso de simulação. Com ar de

¹⁴Site utilizado para explicar os enquadramentos:

<http://www.primeirofilme.com.br/site/olivo/enquadramentos-planos-e-angulos/> . A figura humana é enquadrada da cintura para cima.

¹⁵ Site utilizado para explicar os enquadramentos:

<http://www.primeirofilme.com.br/site/olivo/enquadramentos-planos-e-angulos> A câmera enquadra uma parte do rosto ou do corpo (um olho, uma mão, um pé, etc. Também usado para objetos pequenos, como uma caneta sobre a mesa, um copo...

¹⁶Site utilizado para explicar os enquadramentos:

<http://www.primeirofilme.com.br/site/olivo/enquadramentos-planos-e-angulos/>. A figura humana é enquadrada do peito para cima. Ou apenas seu rosto.

suspense, Rezende narra a história enquanto os personagens aparecem como em uma lembrança. O programa segue sem intervalos.

Em alguns momentos, Marcelo Rezende chama o comandante Hamilton, o repórter cinematográfico que sobrevoa de helicóptero a cidade de São Paulo em busca de novos acontecimentos, trazendo imagens e relatos ao vivo ou simplesmente encaminhando-se para determinado lugar para ilustrar algum caso. Outro personagem importante que ganha grande destaque no Cidade Alerta é Percival de Souza. Com seu trono, Percival é o rei dos comentários no campo jurídico. Sua postura se assemelha a de um advogado que defende as vítimas de crimes. Um profundo conhecedor das leis, as utiliza para tornar seu comentário, coerente.

O Cidade Alerta chega a exibir mais de 20 reportagens por programa. Um quadro que lembra a linguagem do telejornalismo é o Alerta Cidade, que traz alguns fatos das principais cidades do país e tem duração de pouco menos de cinco minutos. Mais alguns casos são mostrados e ao final do programa o apresentador retoma a primeira história, mas isso nem sempre acontece. Logo em seguida, há uma pequena matéria que fecha o programa.

3.2.2 O novo cenário do Cidade Alerta e seus objetos

Desde 11 de maio de 2015, o Cidade Alerta está com um novo cenário. As novidades ficaram por conta dos adornos, os objetos de cena estão mais sofisticados e as tonalidades do programa foram mantidas. O local parece estar mais claro e mais amplo. Se antes Rezende reclamava do cenário pequeno, agora ele faz uma “maratona” para chegar ao outro lado.

Mais branco, o novo cenário do Cidade Alerta remete à paz de um local tranquilo, com um telão maior do que o próprio apresentador. Mais claro e com menos vermelho, lembra o cenário do Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes, mas menos azul. A cor ainda é utilizada, mas agora aparece nos cantos, como uma luz. O cinza predomina, como se fosse o suporte do telão. Em um triângulo, fica a imagem de uma cidade com as luzes avermelhadas em um primeiro plano; mais para trás a cidade é melhor iluminada do que antes.

No outro lado do cenário fica uma grande imagem da cidade de São Paulo ao entardecer, com luzes acesas. A escuridão da noite domina a cidade, que está “alerta a tudo que possa acontecer”. A luz utilizada na imagem lembra a do pôr-do-sol, com um alaranjado que vai tomando os prédios e casas. Algumas linhas acinzentadas passam em meio à imagem; um triângulo cinza, com leve transparência, sobrepõe o canto da imagem, separando os “dois cenários”.

A novidade ficou por conta de outro telão, este menor, que lembra a tela de um computador com um vídeo pronto para rodar. Próximo a ele, mais precisamente no lado esquerdo, existe uma fenda, quase em formato de raio, de onde sai uma luz azul. Até mesmo Percival de Souza ganhou um novo trono, agora dourado e com leões nos braços. No lado direito, fica uma pequena mesa que imita um pilar, remetendo às construções gregas. Neste local foram colocados um jarro dourado, uma taça em tom de dourado antigo, um pequeno pote com uvas e um pergaminho. Perto do trono, na parede, fica uma sequência de fotografias de Percival de Souza, com molduras arredondadas e quadradas, todas elas ligadas por correntes finas. Como a própria produção do programa diz, Percival de Souza parece um faraó em seu novo trono, e agora reina soberano com seus comentários.

O cenário também parece ter tomado algumas referências do programa Linha Direta. Está maior e mais iluminado. Agora parece dar um tom mais leve aos temas trazidos pelo Cidade Alerta.

3.2.3. As cores do Cidade Alerta

Não é de hoje que estudiosos buscam nas cores o motivo por trás do uso delas. Pensadores como: Demócrito, Platão, Aristóteles, entre outros, iniciaram os estudos sobre as cores, tanto no âmbito da visão quanto na óptica.

Segundo Guimarães (2004), as cores são decodificadas pelos seres humanos através de um processo que começa com a nossa visão e quando finalmente chegam ao cérebro, nos trazem sensações e significações.

O estímulo físico, ou *meio*, carrega consigo a materialidade de uma das fontes, ou *causas* da cor – a cor-luz ou a cor-pigmento. O cérebro – e órgão da visão como sua extensão – é o *suporte* que decodificará o

estímulo físico, transformando a informação da causa em sensação, provocando, assim, o *efeito* da cor (GUIMARÃES, 2004, p. 12).

Modesto Farina (1990) comenta sobre o mesmo processo, mas afirma que as cores têm um grande poder de influência sobre a pessoa que as recebe. A cor tem como objetivo trazer uma mensagem a ponto de tocar quem olha para ela. A construção da mensagem passa por esse processo, para que por fim, a cor ganhe um novo significado.

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice, a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista: impressiona a retina. É sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem que comunique uma ideia (FARINA, 1990, p.27).

O olho é o principal responsável pela chegada da cor ao cérebro. De acordo com Guimarães (2004, p. 21), o olho funciona como uma “câmara obscura”, munida de várias “lentes”, que assim que os raios luminosos entram, incidem contra a parede oposta do orifício, e assim constroem a imagem. O autor ressalta a existência de áreas do olho que determinam o modo de leitura das cores, são elas: a região central da retina e as zonas periféricas do olho. A partir disso, constrói-se um produto comunicacional e pode-se utilizar desse modo de leitura para obter melhores resultados.

De acordo com Guimarães (2004), a cor chega ao cérebro por meio dos olhos, mas é o cérebro o principal responsável pela construção da imagem. A imagem é construída por meio do sistema nervoso, com a intenção seletiva. Assim, cria-se significação para o objeto e esse processo pode gerar novos ou diferentes pensamentos e emoções.

Para Guimarães (2004), as cores muitas vezes podem ser associadas a determinados objetos ou podem servir como orientação para determinado grupo, e também funcionar como uma informação visual.

A cor de uma flor transmite uma informação segundo a qual os pássaros e os insetos se orientam. Mas essa informação ainda não é um signo, é um pré-signo. O que falta para que ela se torne um signo é a intenção: a planta não tem a intenção de ter uma cor; essa informação está contida no seu código genético (BYSTRINA apud GUIMARÃES, 2004, p. 16).

Em um cenário aparentemente simples, o espetáculo do Cidade Alerta se faz. Antes mesmo que a atração, as cores escuras chamam a atenção. O logo do programa traz cores que parecem imitar o entardecer, ou então, dar tom as notícias trazidas pelo programa. As cores não são meras coadjuvantes, mas podem revelar aspectos importantes para a construção do Cidade Alerta.

[...] considera-se a cor como informação todas as vezes em que sua aplicação desempenhar uma dessas funções responsáveis por organizar e hierarquizar informações ou lhes atribuir significado, seja sua atuação individual e autônoma ou integrada e dependente de outros elementos do texto visual em que foi aplicada (formas, figuras, texturas, textos, ou até mesmo sons e movimentos, como em produtos multimídia) (GUIMARÃES, 2003, p.30).

As cores utilizadas para a construção do Cidade Alerta são: o branco, o azul marinho, o vermelho e o cinza. O novo cenário do Cidade Alerta em muitos aspectos está diferente, mas as cores foram mantidas. A imagem da cidade de São Paulo ao entardecer traz a mistura de cores escuras e claras.

O leve avermelhado remete ao crepúsculo, horário em que o programa é transmitido, mas também pode significar uma cidade “manchada” de sangue. As luzes dos prédios e casas, nos levam a pensar em uma cidade violenta. Já o azul, a luz do cenário e do logo, trazem consigo o significado de credibilidade e de respeito. E finalmente o cinza, que pode ser considerado ao mesmo tempo como uma cor “sem vida”, ou até comparado a uma neblina, ou seja, tempo ruim; e como uma cor sofisticada, ligada à sobriedade e ao equilíbrio.

Segundo Guimarães (2004), a cor está ligada à cultura, a significação dela será construída através de histórias ou associações. Um exemplo disto é o branco utilizado no cenário do Cidade Alerta, considerado pela cultura ocidental como uma cor que remete à paz; já em países orientais, o branco é uma cor

ligada ao luto. O uso do branco pode remeter à busca pela paz dos lares, uma vez que a cidade, no cenário, está representada pelos prédios na sombra.

O vermelho que aparece no Cidade Alerta funciona como um sinal de que os moradores devem ficar atentos e também em sinal de alerta em relação aos acontecimentos. Retrata o entardecer, ou pode-se dizer que a cor imita o entardecer que desce sobre a cidade, e a deixa com tons avermelhados. O vermelho do logo, com um tom vivo, através do contraste com o fundo azul escuro.

O azul nos remete à sobriedade, à credibilidade do programa e o respeito pelos seus telespectadores. O tom mais escuro da cor se mistura com o vermelho, criando um sentido de alerta, como se uma luz vermelha fosse acesa, o que explicaria o nome dado ao programa. Por se tratar de um programa com temas pesados, as cores em seu cenário poderiam ser mais escuras remetendo aos fatos trazidos pelo Cidade Alerta, mas talvez isso cansasse o telespectador. Talvez ainda, tenha-se procurado dar um “tom” mais leve ao programa.

3.2.4. Os Personagens¹⁷ do Cidade Alerta

Os personagens que integram o Cidade Alerta também fazem parte do discurso do programa. Por isso, se faz necessário analisar as “falas” desses personagens. O discurso é a maneira pela qual o programa deseja passar suas ideias, o que está além da linguagem falada. Segundo Rosalind Hill, no livro Pesquisa Qualitativa, com Texto Imagem e Som (2011), “a linguagem e o discurso se complementam. [...] a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (BAUER; GASKELL, 2011, p. 244).

Para Bauer e Gaskell (2011), existem quatro temas centrais dentro da análise de discurso: o primeiro diz respeito ao próprio discurso, às falas e aos textos implícitos; o segundo, os autores chamam de linguagem construtiva, ou seja, tudo aquilo que é usado para a construção linguística do discurso; na

¹⁷ “Hoje, de acordo com os dicionários, personagem é nome de dois gêneros, ou seja, concorda com o sexo da pessoa a que se refere: “O personagem Papai Noel povoa o imaginário das crianças”; “A atriz está interpretando bem a personagem Anita Garibaldi”. Conceito retirado do site: <http://www.portuguesnarede.com/2008/12/personagem-ou-o-personagem.html>.

terceira parte os autores dizem que evidencia aspectos da fala importantes. Eles consideram o discurso como uma prática social; na quarta fase, afirmam que a análise de discurso se caracteriza por vários conflitos, pois nele criam-se várias versões de mundo.

A análise de discurso não é simplesmente usada para descobrir a realidade, mas sim para analisar o texto em si. Bauer e Gaskell (2011, p.251) usam o exemplo de uma discussão entre vegetarianos. Quando se está analisando a fala de alguém, o pesquisador não será movido pelo motivo por que os dois deixaram de comer carne, mas sim como a decisão foi legitimada.

Tal como num teatro o espetáculo é preparado. Marcelo Rezende e suas “mil faces” conduz o Cidade Alerta como um ator que busca justiça para aqueles que são discriminados pela sociedade. Quase como um herói, Rezende defende o telespectador que busca a resolução de seus problemas.

As personagens do Cidade Alerta se assemelham aos clássicos personagens teatrais. Segundo Candido, Rosenfeld, Prado e Gomes (2002), as personagens vindas do teatro muitas vezes se confundem com a realidade, no sentido de não precisarem de narração para apresentá-las. A personagem, sozinha, consegue mostrar toda a sua “realidade”.

Segundo Beth Brait (2006, p. 12-13), o homem sempre utilizou-se de alguns recursos para retratar a realidade. A autora exemplifica através de retratos: o 3X4 (usado para documentos) e as fotografias de atores nos tempos de ouro do cinema. Em teoria, a foto 3X4 seria a reprodução da realidade, mas para a autora, a “presença de ausência”.

A semelhança com o real reside no registro de uma imagem, flagrada num dado momento, sob um determinado ângulo e determinadas condições de luz. Esse produto diz muito pouco, ou quase nada, da complexidade do ser humano retratado. Talvez por essa razão as pessoas façam tanta força para aparentar e passar para a fotografia a imagem que fazem de si mesmas: cabelos penteados, sorriso, leve ar de serenidade, queixo erguido e outros aspectos selecionados pela pessoa e pelo fotógrafo para compor a imagem que será registrada (BRAIT, 2006, p. 13).

Marcelo Rezende entra no ar às 17 horas e no momento em que ele aparece, as piadas começam - sejam elas direcionadas aos seus colegas de emissora ou a Percival de Souza. Em clima descontraído, Rezende fala sobre trivialidades de sua vida. Logo assume uma postura séria para falar relatar um determinado fato.

O apresentador não é o único que assume a postura de personagens, de certo modo, estereotipados. Percival de Souza, em seu trono dourado, usa voz de autoridade para apontar a resolução dos casos, atuando como advogado e juiz. Um profundo conhecedor da Lei, o comentarista cita artigos e ainda “abre parênteses” na programação para a sua opinião. Rezende também abusa do “tom de juiz” para julgar os casos. Por vezes, faz declarações carregadas de “eu”, colocando-se como uma pessoa abalizada para falar sobre os assuntos tratados. O apresentador questiona as autoridades brasileiras e isso o torna uma espécie de defensor do público.

O estereótipo das personagens surge através de uma imitação, tal como, quando o comentarista Percival de Souza assume a postura de juiz em seus comentários. O estereótipo está ligado, de certa forma a construção da personagem, pois a essência de seu conceito parti do preceito de que a personagem imita alguns aspectos da cultura, ou de outra personagem.

Segundo Beth Brait (2006), a personagem está diretamente ligada ao discurso, ou seja, o discurso da peça ou da atração é usado para passar as ideias do diretor, ou no caso do Cidade Alerta, o discurso carregado de violência traz mais do que isso, revela o “modo de pensar” de toda a emissora. Para compor um personagem é necessário ter criatividade e ainda assim, conseguir respeitar o discurso.

Tanto os conceitos de personagem quanto a sua função do discurso estão diretamente vinculados à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer (BRAIT, 2006, p. 28).

De acordo com Stanislavski (2007), o ator deve estar receptivo ao personagem, é preciso “mergulhar” por completo, entregar seus sentimentos

para que se transforme nos sentimentos do personagem. “Entrar” no personagem é quase um “estado de espírito” para o ator. O estado emocional do ator pode ser transmitido através de seu corpo. Quando Marcelo Rezende “entra” em um personagem seu tom de voz e sua postura mudam. Pode-se sentir a raiva, a desaprovação e a revolta durante o seu discurso. Mas, só se pode sentir isso quando se cria um vínculo com a personagem.

A capacidade de manter nosso corpo completamente a serviço dos nossos sentimentos é uma das preocupações primordiais da técnica externa de encarnação de um papel. Há, entretanto, muitos sentimentos incommunicáveis, superconscientes, invisíveis, que nem o equipamento físico mais perfeito pode transmitir. São passados de alma para alma (STANISLAVKI, 2007, p. 130).

O autor explica o que é o superconsciente, um conceito criado por ele para definir quando o ator entra em um estado de “inconsciência” para melhor interpretar sua personagem. Segundo Stanislavski (2007), esse estado não está ligado à consciência, mas sim aos sentimentos do interpretante, que se entrega de corpo e alma para a personagem. Por isso, tantas vezes se acha o personagem tão próximo da realidade.

Quando o ator já esgotou todas as vias e métodos de criatividade, chega a um limite além do qual a consciência humana não pode entender-se. Aí começa o reino do inconsciente, da intuição, que não é acessível ao cérebro, mas aos sentimentos; não ao pensamento, mas às emoções criadoras (STANISLAVSKI, 2007, p. 103).

Algumas vezes Marcelo Rezende usa o recurso pausa dramática para dar tempo ao público para absorver o que ele diz ou simplesmente para mexer com os sentimentos do telespectador que já está envolvido com a história. Para Stanislavski (1976 p.152) essa pausa é importante para ressaltar alguns aspectos da história, mas nem sempre isso funciona, pois existe uma pausa lógica, ela tem maior importância para a construção de uma personagem. “Ora, é ótimo fazer assim, desde que a pausa psicológica não usurpe a função da pausa lógica, mas antes lhe dê realce. Além disso ela sempre serve para executar o objetivo que lhe foi atribuído” (Ibidem). O autor complementa, dizendo

que a pausa lógica é para o cérebro e a pausa psicológica é para as emoções e sentimentos.

Marcelo Rezende é conhecido por apelidar seus colegas de Cidade Alerta. A repórter Fabíola Gadelha é chamada por Rezende de Fabíola Rabo de Arraia. Ela é conhecida por não ter medo de enfrentar os criminosos e por fazer perguntas contundentes. Outro repórter que ganha destaque é o “menino de ouro”, Luiz Bacci. Depois de uma ida malsucedida para a TV Bandeirantes, Bacci voltou para a Record e hoje apresenta o Cidade Alerta Edição Especial. Luiz Bacci ganhou o apelido por se destacar como apresentador e repórter.

Os apelidos revelam mais um aspecto de personagem de Marcelo Rezende: o comediante, ou então, aquele “amigo camarada e brincalhão” que gosta de apelidar os outros. Alguns receberam apelidos por causa de seus nomes lembrarem algo ou fazer referência a uma personagem, como são os casos das repórteres: Luiza Zanchetta (a gaúcha recebeu de Rezende o apelido de “Prancheta” por causa de seu sobrenome) e Lilliany Nascimento, que é chamada de “Capitão Nascimento”.

Tal como em um livro ou filme, o apresentador narra os fatos. Seu tom de voz garante suspense à história. No exato momento em que o telespectador se sente envolvido pelo desenrolar dos acontecimentos, o narrador faz mistério sobre as “cenas dos próximos capítulos”. O que dizer do Marcelo Rezende conselheiro? Um jovem usuário de drogas aparece na televisão. O apresentador aconselha o jovem que está assistindo ao Cidade Alerta sobre como deve proceder para “sair desta vida” e ainda diz para ele tomar cuidado, pois pode chegar ao mundo do crime.

Marcelo Rezende também assume o papel de justiceiro quando, para ele, o caso poderia tomar outros rumos, ou quando, a “injustiça” da pena parece revelar descaso das autoridades. Algumas vezes, Marcelo Rezende parece um “chefe aborrecido”, que quer disciplinar seus subordinados em meio ao programa. Por exemplo, durante uma reportagem, Rezende percebe uma falha da produção. Com o tom de voz mais elevado o apresentador crítica os produtores do programa. São estas personagens e a sua performance que o tornam mais popular.

Além disso, alguns personagens não são pessoas, mas sim animações. Talvez sejam fruto de uma tática para conquistar o público infantil, ou então, para fazer uma “gracinha” após assuntos tão pesados. Uma viatura, um cachorro e até mesmo o comentarista Percival de Souza ganharam uma versão em animação. Os personagens interagem com o apresentador. Embora não falem nada, têm o poder de amenizar ou podem servir como uma transição para outros assuntos.

É importante recordar que o discurso e o personagem estão diretamente ligados. Segundo Beth Brait (2006), antes de se tornar uma personagem é necessário percorrer alguns caminhos: definir o objeto e fundamentar juízos que cercam o objeto.

Marcelo Rezende constrói diversos personagens ao longo do programa, e coloca apelido em todos, mas outro fator que chama a atenção e cai no gosto popular são os bordões. Eles evidenciam aspectos do discurso. Algumas vezes, Rezende os utiliza com sua produção. Como um pai disciplinador, Marcelo Rezende usa suas frases de efeito para mostrar quem manda no programa. Um exemplo é a frase: “põe exclusivo, minha filha, porque dá trabalho pra fazer”. Com o tom mais elevado Marcelo Rezende pede: “corta pra mim”, e assim, ele chama a atenção e é ouvido e atendido.

A atração é recheada de personagens que compõem boa parte do discurso. Mesmo que, algumas vezes, essas personagens se aproximem mais ou menos da realidade, eles revelam a força de um apresentador que assume várias posturas, fazendo do programa algo mais atrativo. A construção do discurso acontece, portanto, em grande parte, por meio da linguagem utilizada pelas personagens.

3.3 A NOTÍCIA VIOLENTA

Segundo Alsina (2009), a notícia não é um fato verdadeiro, mas sim a narração de um fato. Para ele, nem sempre a notícia é verdadeira. O autor afirma que existem notícias falsas, mas que nem por isso deixam de ser notícias. Ainda ressalta que a verdade não está na notícia, mas sim no fato. Alsina complementa, conceituando o que é notícia através de outro autor. “A notícia é a narração de um acontecimento, de uma parte da vida individual ou coletiva, de

algo verdadeiro ou fingido, provado ou não (boato) ” (MOLES apud ALSINA, 2009, p. 296).

Segundo Arbex Júnior (2005) coloca que a notícia não é um “retrato fiel” da realidade, ela está longe de ser. A ideia de que a notícia é retrato fiel da realidade vem do século XIX, com o romantismo. Naquela época, a fidelidade à imagem retratada dependia somente da observação do autor, que assim se mantinha o mais próximo do real possível.

A televisão é um polo ativo do processo de seleção e divulgação das notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera “observadora” ou “repórter”: tem o poder de interferir nos acontecimentos (ARBEX JÚNIOR, 2005, p. 98).

Em meio às brincadeiras do apresentador Marcelo Rezende, uma música ao fundo começa a tocar, e a tensão se forma. Rezende inicia a narração com seu tom lento e conta a história de um lutador, que sem motivo aparente, assassinou um homem. Enquanto isso, são mostradas cenas do local do crime e logo após, cenas da prisão. O apresentador continua a narrar a história, sempre dando sua opinião, algumas vezes amenas, outras vezes com um discurso inflamado.

As imagens são atraentes e prendem a atenção porque sensibilizam. Ao sentir que participou do acontecimento, talvez até chegar às lágrimas, então, aquele acontecimento terá se tornado real, porque a pessoa o vivenciou (CASTRO; COELHO, 2006, p. 98).

Mas, a violência não vem somente das imagens fortes ou do forte apelo emocional; ela está implícita no discurso, que muitas vezes usa da violência simbólica, conceito abordado na Introdução deste trabalho. Em um programa sensacionalista os fatos que parecem pequenos são aumentados ao ponto de parecerem um grande espetáculo. Segundo Angrimani (1995), esse tipo de “jornal” ajuda a propagar a violência simbólica.

Uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, assim estaria colaborando para a reprodução da violência (ANGRIMANI, 1995, p. 57).

O telejornal traz a notícia de modo ameno, já no programa sensacionalista o fato é escancarado, de modo a virar um verdadeiro espetáculo. A notícia em sua essência não ressalta os aspectos violentos do fato. Segundo Olga Curado (2002), a notícia é fundamentalmente criada para informar o público, e ela está a serviço dele.

A notícia violenta surge da deformação dos fatos por meio do exagero. O discurso foge dos padrões, nele são usadas palavras que causam forte impacto. Um exemplo são as chamadas das matérias dos programas sensacionalistas: elas abusam das frases que ressaltam aspectos da notícia como espetáculo. A linguagem utilizada é a coloquial, aquela do dia-a-dia, mas cheia de bordões. Marcelo Rezende utiliza alguns que caíram no gosto do público. Um exemplo é o conhecido “corta pra mim”.

As notícias violentas atingem o público, tornando-o um participante do fato. Ele sente as emoções dos personagens, as vivencia e após, ele sente como se a violência “invadisse” sua vida. Assim pode-se instaurar a sensação de que violência está presente em todos os âmbitos da sociedade.

O discurso sensacionalista em relação à situação de violência e criminalidade, de modo particular entre os marginalizados, é marcado pela sensação de impunidade e insegurança, pela ausência de esperança de que essa situação seja resolvida pelo Estado e pelas autoridades do poder público (CASTRO; COELHO, 2006, p. 98 – 99).

O discurso violento faz do telespectador um refém do medo, uma vez que as imagens são fortes e parecem de uma realidade não tão distante da dele. As palavras utilizadas revelam aspectos de violência. Muito se fala em morte em dor, mas não do mesmo jeito que o telejornalismo faz, pois este ameniza os fatos, já o programa sensacionalista escancara a morte, a dor e principalmente, a violência, exagerando-a repetindo-a, fazendo piada sobre ela, exigindo providências das autoridades, atirando-a no rosto do telespectador, todos os

dias, em horário nobre. Em resumo, transformando-a em espetáculo. Esse é o discurso violentamente simbólico sobre a violência cotidiana.

A realidade é um mundo cheio de crimes e todos estão em estado de insegurança. Programas como o Cidade Alerta podem fazer com que a pessoa se torne mais desumana. De tanto assistir, a violência se torna algo banal; ela não incomoda mais. As repetidas vezes que o telespectador vê as imagens e ouve a história tiram o choque inicial e fazem com que o espetáculo das notícias violentas se torne pequeno depois de ser grande.

4. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, que tem como principal objetivo mostrar os resultados, sem os quantificar, muito pelo contrário. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo dar profundidade à pesquisa.

A **pesquisa qualitativa**¹⁸ é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis.

Neste caso serão utilizados materiais bibliográficos e como processos metodológicos análise de conteúdo e de discurso para melhor entender a construção do programa Cidade Alerta.

Segundo Bauer e Gaskell (2011), a pesquisa é delineada a partir de quatro dimensões. A primeira é a definição da pesquisa, o seu planejamento estratégico (observação participativa, levantamento de dados, estudos de caso...). Em segundo lugar acontece a coleta de dados, essa parte é para fazer entrevistas e buscar documentos. A terceira será o tratamento. A partir dele será definida a maneira como a análise serão feitas, no caso dessa pesquisa serão utilizadas a análise de conteúdo e de discurso. A última parte serão as reflexões finais sobre a pesquisa.

O método de análise de conteúdo a ser utilizado nesta pesquisa tem como base o livro de Laurence Bardin (2011). Para a autora a análise consiste em três polos: a pré-análise, a exploração do material e por fim, o tratamento dos resultados. Esse último consiste nas conclusões da análise e interpretações da pesquisa. “Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2011, p.131).

¹⁸ Site utilizado para definir o conceito de Pesquisa Qualitativa:
<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>

A primeira fase, portanto, consiste na coleta dos materiais de pesquisa. Nesse caso as quatro edições do Cidade Alerta, entre os dias primeiro a quatro de setembro de 2014. Embora os quatro programas estejam reduzidos em seu tempo de duração em razão do horário político daquela época, ainda assim, o material que foi utilizado para a análise, pois segue os mesmos parâmetros das edições mais longas.

Para Bardin (2011), é preciso definir quais serão os documentos utilizados. Nesse caso, além dos DVDS gravados das edições do programa que foram utilizadas publicações. A pesquisa em material bibliográfico revelará alguns dos aspectos de construção da atração e também mostrará um pouco do histórico deste gênero de programa, tomando como base publicações que revelem aspectos como: o discurso, a violência, a análise das matérias e a questão da notícia transformada em espetáculo.

A última parte irá tratar da análise propriamente dita, de todo o material de pesquisa. Ela revelará aspectos importantes a respeito do objeto de estudo – o Programa Cidade Alerta. “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a descoberta inesperadas” (BARDIN, 2011, p.131).

Já a análise de discurso não abordará somente aspectos da fala, mas aquilo implícito no discurso do programa e da própria emissora. Segundo Gill (2011), a análise de discurso é denominada assim por se tratar do estudo da variedade de textos. Não existe uma única fórmula para analisar o discurso.

É proveitoso pensar a análise de discurso como tendo quatro temas principais: uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso (BAUER; GASKELL, 2011, p. 247).

Na comunicação pode-se dizer que um vínculo é criado entre o emissor e o receptor. O emissor tem influência para com o receptor. Alguns apresentadores

de programa de televisão mantêm a audiência criando um vínculo até afetivo ou de hábito entre ele e seu público.

Alguns fatores que podem influenciar o discurso de alguém são as suas crenças, valores e ideias veiculadas aos grupos de convivência. Todo discurso carrega o contexto em que pessoa vive e suas ideias, não existe manifesto que não seja desprovido destas características.

Tanto a Análise de Conteúdo quanto a de discurso ajudarão a entender e responder a questão norteadora: quais são os principais aspectos do discurso do Cidade Alerta, passíveis de garantir a audiência, mesmo sendo de cunho sensacionalista? Através da pesquisa poderão se encontrar os aspectos que definem a construção do programa e o fazem um bom exemplo para o gênero sensacionalista.

4.1. DECUPAGEM DOS PROGRAMAS

4.1.1. Glossário de termos telejornalísticos

Primeiro Plano (Close): a figura humana é enquadrada do peito para cima. Ou apenas seu rosto.¹⁹

Plano Médio: a figura humana é enquadrada da cintura para cima.¹

Plano Americano: a figura humana é enquadrada do joelho para cima.¹

Plano detalhe: a câmera enquadra uma parte do rosto ou do corpo (um olho, uma mão, um pé, etc.). Também usado para objetos pequenos, como uma caneta sobre a mesa, um copo, uma caixa de fósforos, etc.¹

Plano Geral: com um ângulo visual bem aberto, a câmera revela o cenário à sua frente. A figura humana ocupa espaço muito reduzido na tela. Plano para exteriores ou interiores de grandes proporções.¹

Passagem: abertura, passagem e encerramento: quando o repórter aparece na abertura, meio ou fim da matéria.²

¹⁹ Site utilizado para conceituar os enquadramentos: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>.

Passeio: é quando a câmera passeia pela cena. Também chamado de “travelling.”

' símbolo usado para definir minuto

” símbolo usado para definir segundo

GC: gerador de caracteres é usado para identificar quem aparece na tela, para reforçar uma informação do off ou da imagem.²⁰

Off: narração gravada da reportagem. Usada para cobrir as imagens. O off é a informação que a sonora não deu, o complemento para que todas as informações sejam passadas.²¹

4.1.2. 1º Programa – 01/09/2014

1º Bloco

Entra a vinheta e o logo do Cidade Alerta. Em seguida Marcelo Rezende aparece em um plano médio junto a uma parte do cenário. Rezende saúda os telespectadores e diz trazido um presente para o comentarista Percival de Souza. O apresentador anda de um canto do cenário até o trono do comentarista. Nas mãos, Rezende tem um bombom, que diz respeito à história de uma jovem que recebeu bombons envenenados de seu ex-namorado. Percival de Souza agradece ao apresentador, sem saber que supostamente o bombom está envenenado e Rezende pede para que ele guarde o doce.

1ª história – Tiros e bi-campeão morto na rua

Marcelo Rezende começa a história com um de seus bordões: “pensa no seguinte”. O apresentador conta a história do ex-boxeador (Edson, apelidado de “Rapadura”), que após deixar o esporte começa a trabalhar vendendo água. A Guarda Municipal o aborda para saber quais eram as mercadorias vendidas por

²⁰ Site utilizado para definir o conceito de GC e passagem:
<http://jornal.metodista.br/tele/manual/manual.htm>

²¹ Site utilizado para conceituar Off: <http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>

ele, mas o ex-boxeador reage e acaba sendo morto por um guarda que também é ferido pela vítima.

Marcelo Rezende pede as imagens do local do crime. Em uma rua pode-se observar uma multidão que grita. Um homem corre para perto de uma viatura policial, ele é segurado por outros homens. A confusão começa, estouros e fumaça e as pessoas correm para se proteger. Em primeiro plano, um policial tirando uma arma de seu cinto e a multidão se afasta com medo.

O filho do ex-boxeador é amparado por um homem que o abraça, enquanto o jovem chora. Outras pessoas apoiam o garoto e uma segunda mulher fica de costas para a câmera com uma das mãos no rosto. As imagens são substituídas por outra. Uma mulher (irmã do ex-boxeador) chega ao lugar onde o corpo do irmão dela está coberto por um pano branco e com fitas usadas para isolar o lugar do crime. Três policiais tentam conter a mulher que grita e tira o pano que cobre o corpo.

Marcelo Rezende narra as cenas e logo em seguida diz: “o que aconteceu? Eu volto já, já”. As cenas continuam a ser mostradas, mas o suspense causado pelas imagens fica “no ar”.

Tempo do bloco: 3' 18''

Intervalo: 6'37''

2° Bloco

Rezende tem em mãos mais um bombom. Ele o entrega a Percival de Souza e, mais uma vez, pede para que o comentarista o guarde. Percival fica sentado no seu trono, observando o bombom que é colocado no braço esquerdo de seu “símbolo de poder”. Marcelo Rezende faz suspense sobre a história dos doces. Diz que o comentarista pode comer um pedaço, mas não todo o bombom.

O apresentador fala sobre a carreira do ex-boxeador, que foi bi-campeão de boxe, mas depois de se aposentar resolveu ser vendedor ambulante. Na matéria, os policiais o encontram e tentam apreender sua carga de água. Rapadura reage e leva seis tiros. As cenas do filho e da irmã chegando ao lugar do crime são repetidas. Rezende afirma que a policial civil diz à irmã da vítima que irá prendê-la por desacato e por invadir a cena do crime. São mostradas

imagens da mulher sendo levada para a viatura policial. Outras mulheres tentam defender a irmã de Edson, mas os policiais não permitem que ninguém se aproxime dela. Mais uma vez as cenas se repetem: o filho que corre para o lugar do crime e a confusão para afastar a multidão do local. Rezende faz suspense sobre como a briga entre policiais e a mulher teria começado.

Tempo do Bloco: 3' 33'

Intervalo: 6' 34''

3° Bloco

Rezende diz que irá falar sobre a alma humana. Faz referência a uma brincadeira feita pelo apresentador Cézar Filho, que o imitou durante o programa Hoje em Dia. Rezende, brincando, deu uma “bronca” em Cézar Filho no Cidade Alerta. Ele fala que sua vida é acolher os outros e que jamais brigaria com o apresentador do Hoje em Dia.

No telão, uma foto de Edson “Rapadura” com uma camiseta com os dizeres: “Lutar pela vida”. Esta é a frase que Rezende usa para definir o ex-boxeador. Aparecem imagens de Edson treinando boxe, correndo e falando para uma entrevista. O apresentador pede: “corta pra mim”. Marcelo Rezende ressalta a vontade do ex-boxeador de trabalhar. Rezende conta por mais uma vez a história, mas agora traz alguns detalhes, como o suposto fato de que Edson teria tirado a arma do policial, e por isso, o guarda teria reagido. Mais uma vez as imagens do filho correndo em direção ao local do crime e a irmã de Edson correndo para a direção do corpo no chão. Rezende diz que a policial deveria entender que a mulher tirou o pano que estava sobre o corpo por dor.

Reportagem I

As imagens da irmã e do filho são repetidas. Um dos filhos do ex-boxeador (o GC não mostra o nome) diz que Edson mantinha um projeto social. Outro homem (sem nome) relata como os policiais abordam os vendedores ambulantes. Repórter aparece no local onde aconteceu o crime (plano geral), detalhe para a mercadoria do ex-boxeador no seu próprio carro. Segundo versão de um guarda, o colega teria entrado em luta corporal e por isso, os vários disparos; mas, logo em seguida, o guarda teria conseguido tirar das mãos de

Edson a arma e depois teria desferido os seis tiros. Rezende comenta detalhes da matéria e aproveita para criticar a atuação do guarda municipal.

Reportagem II

A matéria começa com as imagens da viúva chorando e sendo abraçada por uma mulher. A viúva diz que seu marido levou um tiro nas costas e outros em outras partes do corpo. Eni de Souza (irmã do ex-boxeador) diz que ele estava trabalhando. Sonia Mitre (para quem “Rapadura” trabalhou) ressalta os valores que o pai tentava passar aos filhos. Logo em seguida, plano geral do lugar do acontecimento. Detalhe de um policial colocando armas em cima de uma viatura. As imagens voltam para a mulher de Edson, que diz: “que mundo é esse, que você morre por vender água?”.

Marcelo Rezende pede para Percival quais são as atribuições de um guarda municipal. Percival afirma, com poder de autoridade, que a Guarda Municipal não tem o mesmo poder que a Polícia. A ela só se atribui o cuidado com o patrimônio municipal. Marcelo Rezende esclarece a fala do comentarista, dizendo que ela não poder para ferir um cidadão. Marcelo Rezende chama o repórter “Rolimã”, mas aproveita para comentar sobre a arma calibre 38. Rezende cumprimenta “Rolimã”, que revela o estado de saúde do guarda municipal. O apresentador questiona o repórter sobre a quantidade de tiros que o ex-boxeador levou. Volta para Rezende, que pergunta a “Rolimã” sobre a distância que os tiros teriam sido disparados. O repórter afirma não ter a informação. Rezende critica as autoridades que querem dar mais poder à Guarda Municipal.

Tempo da história: 38’ 29’’

2ª história – Olho nela: bonita e corpo escultural

“Mariazinha” vai para a festa e depois aceita carona de Damião. Parado em uma rua escura, tenta abusar da menina de 17 anos, mas a jovem decide que irá sair do carro. Damião acelera o carro e segura “Mariazinha” pelo braço. Ela é arrastada por cerca de 50 metros. A simulação mostra as seguintes

imagens: a festa, Damião abordando a jovem e perguntando se ela quer carona, as cenas da tentativa de abuso e a jovem sendo arrastada.

Reportagem

Imagens de “Mariazinha”, caminhando com dificuldade. A jovem aparece como um borrão e relata o momento mais doloroso, quando foi arrastada. Ela fala sobre a dor que sentiu. Imagens da cidade de Cervo, Minas Gerais. Aos prantos, a menina pede por justiça, para que Damião fique preso. A mãe ressalta a dor sentida pela família.

Marcelo Rezende chama a repórter “Dó-Ré-Mí”. Ela conta como a jovem se manifestou depois da agressão. A jovem desabafou nas redes sociais sobre o crime. Damião não fez nenhuma declaração. O homem é casado e tem uma filha. Segundo a repórter, “Mariazinha” sofreu com os ferimentos, pois eles estavam inflamando. Depois dos fatos trazidos por “Dó-Ré-Mí”, Marcelo Rezende brinca com a repórter, perguntando: “quando você era novinha, a mãe te colocava de castigo? ”. A repórter diz que a mãe a colocava de castigo quando ela merecia. Rezende argumenta, dizendo que a repórter é “faladeira” e pergunta se ela quer continuar falando. O apresentador fala sobre o relacionamento entre os repórteres “Rolimã” e “Dó-Ré-Mí”. A repórter confirma que irá casar e diz que será lindo. Rezende se despede de “Dó-Ré-Mí”.

Marcelo Rezende volta a falar sobre os bombons e aproveita para entregar mais a Percival de Souza. O apresentador diz estar louco para se livrar do comentarista.

3ª história – Fogo e morte: quem matou Luciano?

Ex-mulher ciumenta mata o ex-marido. Luciano é encontrado no porta-malas do carro que havia pedido emprestado para o sobrinho. O carro foi encontrado queimado. Ex-sogro e ex-mulher são os principais acusados do crime.

Reportagem

Imagens de um portão com um cadeado; a câmera se aproxima da cerca e mostra detalhes de um gramado que está queimado e depois, do interior de um carro incendiado. Homem fala sobre Luciano. Imagens da casa da família; o repórter fala sobre o último churrasco. O carro da reportagem segue o irmão de Luciano que os leva o lugar onde o carro está. Detalhes do porta-malas do carro carbonizado.

Volta para Rezende, que diz haver uma testemunha que sabe quem matou Luciano. A casa da ex-mulher dele parece estar vazia. O irmão de Luciano fala sobre as brigas do casal. Em uma chácara, o repórter percorre o caminho onde o carro foi encontrado; um local que está cercado, uma boa área verde. O irmão de Luciano diz tê-lo aconselhado a não ver mais a ex-mulher.

Marcelo Rezende chama o repórter “Rolimã”, que está com um dos irmãos de Luciano, Roberto. O repórter pergunta a ele como chegaram aos nomes do ex-sogro e da ex-esposa de Luciano.

4ª história – Bombom recheado de morte

Marcelo Rezende entrega três bombons a Percival de Souza. Rezende pede imagens. As fotos de uma mulher e de um homem com o rosto coberto ficam na tela. O homem com o rosto coberto é o ex-namorado que enviou para ex-namorada bombons envenados, mas o irmão dela acabou por levar os doces para a empresa onde trabalhava. Cátia namorou com Rinaldo por cinco anos. O ex-namorado manda uma caixa de bombons pelo Correios. Cátia decide não comer os doces, então seu irmão os leva para o trabalho, onde ele e dois colegas os comem. Os três vão parar no hospital e um falece, vítima do envenenamento.

Rezende interrompe a história para chamar o intervalo.

Tempo do Bloco: 41' 49''

Intervalo: 6'37''

4º Bloco

Marcelo Rezende abre um bombom para Percival e diz que ele pode comer. O comentarista desconfiado, questiona o apresentador sobre os doces dados a ele. Rezende brinca: “como nós vamos poder presenciar, vamos ver Percival morrendo mais uma vez”. O apresentador pede a ele se o bombom está ruim, Percival de Souza responde, dizendo que o gosto estava estranho.

Rezende pede imagens do homem fazendo o envio dos bombons. São imagens das câmeras de segurança da agência dos Correios. O apresentador critica a imagem em que o acusado aparece com o rosto coberto por uma blusa.

Reportagem

Imagens do homem com o rosto coberto. A repórter ressalta que a prisão do acusado aconteceu por meio das polícias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Delegado gaúcho relata a prisão de Rinaldo. A jovem mora na cidade de Viadutos, no Rio Grande do Sul e o homem estava em Santa Catarina.

Rezende chama o repórter Murilo Souza, que relata a prisão e o estado de saúde do irmão de Cátia e o seu amigo.

5ª história – (desfecho de caso) A família e o bolo recheado de morte

Família é envenenada por doce e três integrantes morrem em decorrência do envenenamento. A filha mais nova é a única sobrevivente e relata que o pai se comportava de maneira violenta. O repórter aparece em um plano geral na rua da casa da família. A menina narra os fatos, enquanto aparecem imagens da simulação do caso. Um homem com as mãos na cabeça aparentemente desmaia. No hospital, descobre-se que a família foi envenenada por arsênico. Hudson, o pai da família, era farmacêutico. O delegado questiona: “como um profissional ligado à saúde não saberia os sintomas do que estava tendo? ”. A jovem afirma ter sofrido abusos por parte do pai. Um laudo psicológico afirma que a menina misturava realidade com fantasia.

6ª história – Idoso pedófilo ataca na brinquedoteca

Homem de 77 anos abusa de criança na brinquedoteca da creche. A criança é coagida pelo senhor que a coloca no sofá e começa a abusar dela. Imagens da câmera de segurança mostram a criança brincando e o homem se aproxima dela e a agarra. A mãe chega ao local e flagra a menina no colo do idoso.

Reportagem

Imagens do idoso sendo preso. Delegado fala sobre sua pena. Os repórteres questionam o idoso, que diz estar arrependido e afirma não saber os motivos de ter feito isso. O homem tem a postura encurvada e não olha para as câmeras. Rezende se baseia nas leis e diz que o homem terá sua pena reduzida pela metade por conta de sua idade.

Tempo da Reportagem: 3' 18

7ª história – Foi tudo gravado: o padrasto inimigo

Jovem instala câmera para comprovar os abusos sofridos pelo padrasto. A mãe da jovem não acreditava que seu marido abusasse de sua própria filha. Então, a menina e uma amiga compraram uma câmera para comprovar os abusos.

Imagens da menina da cintura para baixo. Distorcida pelo efeito, a menina afirma que a mãe não acreditava nas agressões. Após irem até a delegacia, a jovem, junto com uma amiga, compra uma câmera. Rezende pede para que o público denuncie o paradeiro do padrasto. Repórter Rafael “Mosquito” é chamado. Ele dá detalhes do caso.

Imagens de uma perseguição policial. Criminosos fogem da polícia a pé. Quatro homens aparecem na delegacia, de costas para a câmera. Eles acabavam de roubar um posto de gasolina. Marcelo Rezende pede: “corta pra mim” e se despede do telespectador que está fora de São Paulo, pois a partir deste momento eles ficam com a programação da Record regional e o programa tem menor tempo de duração em razão do horário eleitoral

Tempo do bloco: 31' 48''

4.1.3 2º Programa – 02/09/2014

1º Bloco

Plano médio de Marcelo Rezende e parte do cenário. O apresentador saúda os telespectadores e cumprimenta Percival de Souza com um aperto de mão. Sentado em seu trono, Souza dá tapinhas em Marcelo Rezende. Rezende elogia a camisa rosa do comentarista. Rezende assume uma postura séria, e logo em seguida usa de seus bordões para fazer o público refletir sobre o caso que virá a seguir. Fala sobre a dependência química e a desagregação familiar. Usa o momento para criticar a falta de diálogo entre as famílias. Para ele, a tecnologia é a principal responsável pela divisão familiar. “Quatro pessoas numa mesa: pai, mãe e os dois filhos, uma menina e um menino. Os quatro não conversaram uma palavra. Eles passaram o tempo inteiro nesse negócio” (em seus celulares).

1ª história - Natália: do trabalho para a morte

Rezende continua com o discurso de que as drogas estão invadindo as famílias. Durante suas palestras, ele aconselha os pais. Começa a entrar na história da mulher que estava grávida de seu segundo filho. A jovem esteve envolvida com drogas, mas, certo dia, ela é encontrada morta. Rezende pede as imagens de um local que se parece com uma pequena praça. Dois policiais e um homem com uma camisa branca olham para o chão. Uma lona preta cobre o corpo da jovem que foi morta. O policial levanta a lona, o homem olha para o corpo e logo percebe que é sua filha. Então, ele olha para sua esposa, que está um pouco mais afastada da cena.

Em seguida, as imagens vão para a mãe, que é amparada por duas mulheres. A mãe, com as mãos cobrindo o rosto, chora alto. Ao fundo, o pai, com um lenço de papel, seca as lágrimas. A mãe é levada pelas outras mulheres para longe do local do crime. A câmera acompanha tudo e parece ter sido usado um efeito de áudio para ressaltar o choro da senhora que lamenta sua perda. No exato momento de tensão, Rezende chama o intervalo.

Tempo do bloco: 5' 30''

Intervalo: 6' 35''

2° Bloco

Na volta do intervalo, Marcelo Rezende descreve a aflição dos pais quando seus filhos vão para a balada, pois parece que não irão voltar. Retoma o caso, contando como supostamente teria sido o dia de Natália (a jovem que foi encontrada morta). Ela teria estudado e trabalhado junto com o pai, na pizzaria da família. Ao final do expediente, Natália teria falado ao pai que iria dar um passeio, sem dar mais detalhes de onde iria. Rezende pede para que o telespectador imagine a cena que ele está mostrando: o pai reconhecendo o corpo da própria filha (a cena é repetida pela segunda vez). Rezende narra as imagens como se fosse uma história de suspense (imagens repetidas pela terceira vez).

2ª história – O amor da vida e a dor das drogas

Marcelo Rezende usa a história de Natália para ligar à outra. Jean é usuário de drogas e namorava uma moça (que não tem o nome revelado), mas ela desiste do namorado. Jean não queria que o relacionamento acabasse, então passou a seguir a jovem e também ameaçava sua família.

Imagens da simulação: homem (Jean) fala ao celular enquanto caminha. Imagens de um casal se abraçando no corredor de um prédio. O mesmo casal entra em um apartamento. Um homem está sentado no sofá, ele levanta e abraça a jovem e Jean. O casal está sentado e se abraça. Enquanto isso, o apresentador narra as imagens. Os dois andam juntos por um corredor. Nas imagens seguintes, os dois estão sentados enquanto o pai da moça está em outro sofá, escrevendo. De mãos dadas, o casal demonstra carinho. Na cena seguinte, Jean entra pela porta do apartamento pedindo para conversar com a moça. Ela tem uma postura irredutível, dizendo que não quer mais o namoro, que sua família sabe que ele está usando drogas.

Imagens de Jean caminhando e pensando. Na sequência, James (o pai da moça) pede para que Jean não se aproxime da filha, os dois discutem. Em

seguida, imagens de Jean seguindo a ex-namorada e depois ao celular, ligando para a casa da ex. O pai atende e diz para Jean desistir do namoro. Logo ele ameaça James. Na tela, as fotografias de Jean e Natália (da história anterior). Com uma música de suspense ao fundo, Rezende compara as duas histórias, argumentando que Jean e Natália se perderam nas drogas.

Tempo do bloco: 6' 17''

Intervalo: 6' 35''

3° Bloco

Marcelo Rezende está parado próximo à tela (plano médio). Ele se aproxima da câmera e pede, mais uma vez, para que o telespectador se coloque no lugar dos usuários de drogas. Ele descreve como as drogas entram na vida do usuário e de sua família. O apresentador retoma o caso de Natália, ao mesmo tempo que contrapõe com o caso de Jean. Pede imagens do reconhecimento do corpo (as imagens são repetidas pela quarta vez), relata a dor sentida pelo pai ao reconhecer o corpo da filha. Em seguida, em tom de quem manda, Rezende pede: “corta pra mim”. Volta ao caso de Jean e novamente, a simulação com a voz do apresentador é mostrada.

Segunda parte da simulação: Jean está escondido entre árvores esperando pelo pai de sua ex-namorada; plano detalhe para a arma na mão de Jean. O homem chama James que passava pela praça. Jean e outro homem saem do meio das árvores e correndo, Jean dispara a arma em direção a James. O ex-sogro e Jean rolam pelo gramado, brigando. A arma está no chão, o outro homem a pega e a dispara contra James por várias vezes. O vigilante (James) se arrasta. Rezende diz que o homem pode ficar tetraplégico e ter um braço amputado.

Reportagem

Entra a reportagem: a câmera está em ângulo mais fechado, o que revela uma estrada de chão e algumas casas. A câmera recua, revelando ainda mais a rua. O repórter relata informações sobre o caso, afirmando que os vizinhos ouviram os barulhos de tiros. Em seguida, é colocado o efeito de disparos. Uma mulher, que esconde o rosto, revela informações sobre o momento dos disparos:

ela ouviu e logo depois viu o socorro prestado a James. Outra senhora fica escondida por um portão, mas sua voz é clara; relata o que James teria dito após levar os três tiros. O repórter mostra o local onde James teria caído e traça um pequeno perfil de Jean. A cunhada de James revela em que lugares do corpo as balas ficaram alojadas: uma no peito e outra na barriga. O repórter faz um pequeno passeio até chegar à casa de James. É uma casa azul claro com as portas em um tom de azul mais escuro e uma longa escada para a porta de entrada. Detalhe para o portão dos fundos da casa, que é por onde o homem teria saído para ir trabalhar.

O repórter descreve o trajeto feito pela vítima. Ao chegar à parada de ônibus, James foi abordado por Jean e outro homem que estava com ele. Os dois saíram do meio da mata e Jean saiu disparando. O primeiro tiro ele erra, mas dois disparos acertam o homem. A filha mais nova relata as ameaças feitas por Jean. A matéria mostra imagens da delegacia, passeia por um local com um gramado na frente, algumas viaturas estacionadas. Aparecem fotografias do principal suspeito, Jean. Aparecem imagens de viaturas policiais procurando por ele e seu comparsa. A tia da moça revela que a sobrinha terminou com Jean por causa das drogas. A câmera faz um passeio por uma rua. A filha mais nova revela que está assustada, pois Jean está solto.

Tempo da reportagem: 4' 38''

Na tela a fotografia de Jean, enquanto Marcelo Rezende faz apelo para que o público ajude a encontrar os agressores (Jean e o comparsa). Rezende chama o repórter "Rolimã". O repórter entra ao vivo para informar sobre o estado de saúde de James e que a família teme represálias de Jean. Marcelo Rezende questiona o repórter sobre o coautor do crime. O profissional afirma que a polícia espera por Jean para saber a identidade dele. Rezende pergunta ao entrevistador como ele pode ter certeza que o cúmplice de Jean é um homem, pois ele não sabe se trata de um homem ou de uma mulher. O repórter, sem jeito, tenta justificar, dizendo que na verdade não é um rapaz, mas sim um homem. O apresentador critica o repórter por afirmar que seja um homem.

Marcelo Rezende pede para que a simulação seja colocada, mas a produção não consegue e Rezende diz que trará um editor-chefe para cuidar disto. Mostra a briga entre James e Jean.

O apresentador fala sobre gravidez de Natália. A jovem que disse que iria a um lugar e logo voltaria, mas ela não voltou. Um corpo foi encontrado e o pai é chamado para reconhecer o corpo. Imagens do reconhecimento do corpo (pela quinta vez).

Reportagem II (volta para o caso de Natália)

As imagens do reconhecimento do corpo de Natália abrem a matéria. O repórter em *off* narra a dor dos pais. Ao fundo, pode-se perceber uma música de suspense. Fotografia de Natália e logo em seguida o pai dela aparece com o um lenço, que usa para enxugar as lágrimas. Ele relata que a filha havia dito que iria sair, mas logo voltaria. O rosto do homem fica em primeiro plano. Passeio da câmera pelo parque, mostrando o muro de uma escola próxima ao lugar. O repórter revela detalhes do crime. Natália pode ter sofrido violência sexual. Uma senhora, chorando, diz não acreditar no que aconteceu. Outra senhora declara que a mãe fez de tudo para que a filha deixasse a dependência química. A matéria termina ao som da voz do repórter, que evidencia o fato de o criminoso não ter sido identificado.

Tempo da reportagem: 2' 40''

Rezende questiona o fato de ninguém saber quem poderia ter matado Natália. Para saber mais, o apresentador chama a repórter “Capitão Nascimento”. Rezende questiona sobre a possibilidade de se encontrar uma pista sobre o criminoso no celular ou computador da vítima. “Capitão Nascimento” revela que o celular de Natália foi levado, mas que a Polícia entraria em contato com a operadora para saber as últimas ligações feitas por ela. Os policiais estão procurando por testemunhas.

3ª História – (desfecho de Caso) O vizinho apaixonado e assassino

Luiza foi encontrada morta no banheiro de sua própria casa. Mas o que ninguém sabia era quem havia cometido o crime. Dois anos após, descobre-se

que um vizinho teria matado Luiza. Douglas, o vizinho, se sentia atraído pela jovem, que não correspondia.

Rezende narra o caso, fotos de Luiza aparecem na tela. No momento em que o apresentador fala sobre o assassino da jovem, uma foto surge na tela: um homem com uma camisa vermelha de time de futebol, moreno, olhos castanhos, cabelo espetado. E na frente da imagem, como um carimbo, está escrito: “preso”. Em tom de suspense, Rezende questiona sobre quem seja esse homem e chama o intervalo enquanto faz revelações: o criminoso teria aproveitado um momento de distração da moça que estava tomando banho. A menina estava sozinha em casa. O criminoso tomou um vaso de flores para bater em Luiza.

Tempo do bloco: 27' 49''

Intervalo: 6' 42''

4º Bloco

Marcelo Rezende está ao lado do telão. No mesmo, há fotos de Luiza e de seu assassino. Rezende diz que irá mudar de lugar para contar a história do local certo. A produção troca as fotos, colocando duas fotografias de Luiza. O apresentador esboça uma reclamação, mas logo volta à história. Rezende explica o problema técnico, pois a haviam sido trocados os equipamentos e a produção não estava conseguindo fazê-lo funcionar. Aproveita o momento para criticar a tecnologia, afirma que ela só enguiça. Rezende faz suspense sobre quem seria o assassino de Luiza.

Reportagem

Aparecem na tela fotografias de Luiza em momentos descontraídos. A repórter, em off, relata detalhes da personalidade de vítima. Em seguida, o pai revela traços do caráter da filha. Joice, irmã de Luiza, revela como foi o momento em que encontrou a vítima. A repórter e Joice passeiam pela casa, revelando os locais por onde o criminoso passou. O primeiro objeto do qual Joice sentiu falta foi um vaso de flores, pois havia três jarros iguais. Em seguida, ela percebeu uma pegada no sofá. Close em uma mesinha no canto da sala e detalhe para os dois vasos.

A repórter mostra a capa do sofá com a marca dos pés do assassino. A irmã dá a sua versão da história, dizendo de que maneira o criminoso arquitetou o crime. Joice encontrou Luiza caída no chão do banheiro, com a cabeça ensanguentada. As imagens de menina caída são mostradas cobertas por uma tarja. Aparece uma foto de Luiza. Detalhes para os cacos do vaso no chão, próximos ao banheiro. Detalhe para a bateria de notebook em cima de uma toalha de banho branca; a bateria tem manchas de sangue. A irmã justifica a presença do computador no banheiro, dizendo que Luiza tinha o costume de ouvir música enquanto estava no banho. Close para a parede amarela com uma pegada.

Joice e a repórter vão até o quarto de Luiza para mostrar que está tudo como ela deixou. A repórter afirma que o crime foi passional e a mãe diz que poderia ser um ex-namorado ou então alguém que gostava de sua filha, e ainda revela que só poderia ser alguém que já conhecia a casa. Imagens do pai chorando, close nos olhos que choram, enquanto ele fala sobre a dor que sente. Já a mãe evita pensar, mas ao final de sua fala, começa a chorar e usa o ombro do marido para esconder o rosto. A reportagem termina com uma fotografia de Luiza, o vaso quebrado, a irmã escondendo o rosto, pois ela estava chorando, e a imagem do criminoso.

Tempo da reportagem: 5' 55''

A fotografia de Douglas (assassino) permanece na tela, enquanto Rezende traça um perfil dele. Usa o GC para explicar o que Douglas era, um vizinho apaixonado (GC: O vizinho apaixonado e assassino). Rezende chama a repórter "Capitão Nascimento". A profissional relata a desconfiança da família para com Douglas. A identificação do criminoso foi feita por meio de vestígios de pele encontrados debaixo da unha da jovem. Rezende questiona onde fica Mogi Guaçu. A repórter diz que fica no interior de São Paulo. Marcelo Rezende pergunta a Percival de Souza que, atrapalhado, começa a explicar onde fica Mogi das Cruzes. O comentarista diz que a cidade fica a cerca de 60 quilômetros de São Paulo.

Marcelo Rezende explica como o a bateria do notebook ficou com e sangue e como a pele de Douglas ficou embaixo das unhas de Luiza. Ressalta que o criminoso estava escondido e termina a história.

4ª história - Flagra: mulheres agredem maníaco

Aparecem imagens feitas por celulares de uma mulher correndo atrás de um homem. Marcelo Rezende narra a corrida de maneira acelerada e diz que o homem é um maníaco. O homem que a mulher tenta agredir tentava violentá-la. Marcelo Rezende aproveita para “alfinetar” os políticos. Marcos Benício de Carvalho é suspeito de ter abusado de duas mulheres em vagão de trem, em São Paulo. Ele já havia cometido o mesmo crime com uma adolescente.

Reportagem

Aparecem imagens de um homem cobrindo a cabeça. Imagem de mulheres agredindo o homem que tentou violentá-las. Uma das mulheres que o agredia, de costas, relata a raiva que sentiu ao perceber que ele tentava abusar dela. Outra senhora revela o assédio sofrido. Imagens do agressor, fugindo por uma praça. O repórter termina a matéria dizendo que o agressor foi até a delegacia, mas assinou um termo circunstanciado²² e foi liberado.

Tempo de reportagem: 1' 20''

Como em um tribunal, Marcelo Rezende e Percival de Souza julgam a decisão do delegado que liberou o agressor mesmo sabendo que um crime de violência sexual é de natureza grave. O comentarista é categórico: “não é caso de apenas um termo circunstanciado, Marcelo, é inquérito policial e pedido de prisão preventiva”, afirma Souza. Já o apresentador questiona se isso acontecesse com a irmã ou mãe do policial ele não teria liberado o agressor.

5ª história – Encarou o vizinho: levou tiro de morte

²² Site utilizado para definir Termo Circunstanciado: <http://www.pm.sc.gov.br/artigos/2193.html>. O termo circunstanciado é um documento elaborado pela autoridade policial com o escopo de substituir o auto de prisão em flagrante delito, especificamente, nas ocorrências em que for constatada infração de menor potencial ofensivo

Rezende fala sobre um jovem que tinha uma briga com o vizinho. Caique discutiu com um vizinho que o acusava de roubar peças de carro. O criminoso o baleou na cabeça.

Reportagem

Imagem de um braço tatuado, onde está escrito: “ Caique: a vida é sofrida, mas não vou chorar”. Após a imagem da tatuagem, a tela fica tomada pela fotografia do jovem. A mãe relata o motivo de ter feito a tatuagem por se tratar de uma frase escrita pelo filho morto. Imagens de uma rua pavimentada, mas com casas simples. O repórter conta que Caique estava voltando para casa, por volta das 23h. A poucos metros de distância de sua casa ele encontrou um vizinho, que o baleou.

O repórter mostra a homenagem feita pelos amigos. Em um muro amarelo os amigos manifestaram sua indignação. Um ginásio amarelo é mostrado, pois foi neste local que o jovem foi morto. Uma senhora relata que Caique era um garoto de princípios e que jamais roubaria peças de carro. O acusado morava a cerca de 300 metros de distância da casa da vítima, mas após o crime ele desapareceu. O repórter explica o possível motivo da discussão entre Caique e o agressor. Na tarde do dia em que Caique foi morto, os dois teriam discutido, pois o assassino teria ficado bravo com a vítima porque ele o encarou. A matéria é encerrada com avó de Caique que diz jamais esquecer o neto.

Tempo da reportagem: 5' 20''

6ª história – Polícia persegue quadrilha que roubou carro de mulher

Imagens do helicóptero do comandante Hamilton mostram uma viatura policial em alta velocidade. Mulher é sequestrada e liberada, mas tem seu carro levado pelos criminosos. A Polícia está à procura deles. Uma estrada tem três pistas, o trânsito lento faz com que viatura vá por um local em obras.

Marcelo Rezende pede para que comandante Hamilton mostre seu rosto, enquanto ainda são mostradas imagens da viatura presa no trânsito paulistano. Comandante Hamilton aparece se arrumando diante das câmeras. Rezende pede: “Corta pra mim!”. O apresentador fala sobre a TV Alphaville, dizendo que

Hamilton estava dando entrevista. Segundo Rezende, o comandante falava mal do Cidade Alerta e dava grande importância ao seu trabalho. Comandante Hamilton pergunta para Rezende se ele não fica vermelho diante da mentira que inventou. Marcelo Rezende insiste na brincadeira, mas Hamilton diz que não é verdade. Para mostrar quem manda, Marcelo Rezende diz para o comandante ir trabalhar e brinca, dizendo que faz tempo que Hamilton não trabalha e que ele está tomando dinheiro da Record.

No telão, imagens da cidade de São Paulo iluminada. O logo reaparece na tela. Marcelo Rezende chama um dos personagens animados do programa, pode-se ouvir um barulho que parece de um motor roncando, eis que chega ao estúdio a “viatura” da Polícia, Malloy²³. Rezende questiona a viatura sobre o ronco de seu motor, pois parece com o barulho de um carro de Fórmula Um. Marcelo Rezende pergunta a ela se está tudo bem e pede para que ela pisque as luzes se estiver. O apresentador ainda brinca, questionando se ela gosta do comentarista Percival de Souza, e ela não pisca as luzes. Para retrucar, o apresentador diz que ela ficou em silêncio. Acelerando sem sair do local, Malloy “parece” falar sobre o caso que virá.

7ª história – O ataque dos Irmãos Metralha

Assim que Malloy sai de cena, a tela fica tomada por viaturas sem a caracterização da Polícia, somente com as sirenes ligadas. Nelas estão sendo levados os Irmãos Metralha. São presos em Porto Alegre os irmãos responsáveis por vários assaltos a banco. Aparecem imagens dos irmãos sendo tirados da viatura. O delegado Joel Wagner comenta a ação dos criminosos. A repórter Amanda Silva aparece em plano geral junto à delegacia e após, a câmera se aproxima até que a repórter fique em meio primeiro plano. As imagens da prisão são repetidas.

Tempo da reportagem: 1’ 55’’

²³ Viatura americana, que em situações especiais, representa a justiça propriamente dita no Cidade Alerta. Fonte Página do Facebook feita em homenagem ao personagem: <https://www.facebook.com/malloyaviaturacidadealerta>

Volta para Rezende, que chama a repórter Luiza “Prancheta”. Segundo informações da repórter, as prisões preventivas dos irmãos foram decretadas. Eles atuavam de maneira discreta, pois abordavam as vítimas, obrigando-as a abrir o cofre da agência.

Rezende pergunta se está tudo bem com ela, pois em Porto Alegre está ventando. Logo em seguida, ele questiona como está o relacionamento de “Prancheta” com seu namorado. A repórter pede para que Rezende a leve para São Paulo, a fim de que ela possa ficar mais próxima do namorado. O apresentador diz que se contar a história do namorado da repórter, ela correria de Porto Alegre ao Uruguai, para fugir. Marcelo Rezende pede a Percival de Souza se deve contar. Este, diz que o apresentador deveria contar, sim. Rezende brinca que se contar a história do namorado de “Prancheta” ela ficará enalhada. A repórter pede para que o apresentador conte, mas ele finaliza o assunto dizendo: “você enalhada é pior do que falta de dinheiro, é problema”.

8ª história – Matador de mulheres é preso

Rezende fala de um homem com um rosto sereno e jeito humilde. O apresentador faz um trocadilho: “essa cara amassada de jeito sonso gosta muito de mulheres, desde que mortas”. Imagens de um homem atrás de grades de uma casa. Claudionor Júnior, 35 anos, era o matador mais procurado do Espírito Santo. Ele era contratado para assassinar mulheres.

Reportagem

Nas imagens, o sujeito parece estar chorando. Atrás dele, três policiais armados. A câmera se aproxima do rosto do homem, mostrando detalhes de sua expressão e quando ela para, a imagem fica em preto e branco. Surge a fotografia. Enquanto Rezende afirma que o homem matou duas mulheres nos dois últimos meses. Aparecem imagens de um policial no carro, segurando as fotografias das mulheres assassinadas. É usado o efeito de distorção para que a imagem não fique nítida. Um policial pede para que o criminoso olhe para ele e o chama de “covardão”.

Imagens de uma casa cor de rosa, onde supostamente o matador vivia. Plano geral da rua, um leve morro, algumas árvores na frente das casas. Pode-se enxergar um espelho de carro e a sombra de um homem, na verdade, se tratam de policiais dentro de uma viatura. Eles planejam a abordagem ao matador. Rezende comenta o fato de o homem se passar por pai de família. Um policial relata que ele assassinou quatro pessoas em 2014. Começou a matar mulheres em 1999.

Os policiais esperam o momento certo para abordar o homem. Ele sai de casa para pegar algo, os policiais narram a ação do criminoso. O assassino entra em casa, os policiais ligam a sirene e correm para a casa de Claudionor, ele é imobilizado por três policiais. Na sala da casa, o policial mostra um estojo de óculos cheio de munição.

Tempo da reportagem: 4' 15''

Marcelo Rezende se despede dos telespectadores que estão fora do estado de São Paulo, pois eles ficam com programação local.

Tempo do bloco: 40' 56''

4.1.4 3º Programa – 03/09/2014

1º Bloco

Marcelo Rezende saúda os telespectadores e os apresentadores do Programa da Tarde, com um tom alegre. Logo em seguida, com uma postura séria, Rezende pede: “pensa no seguinte”. Comenta sobre o título de um filme que assistiu: “Parente é serpente”. Em seguida ele aponta para a tela, onde está uma fotografia de duas mulheres. Diz que elas têm laços de sangue. O apresentador começa a contar a história das irmãs, mas logo chama o intervalo.

Tempo do bloco: 3' 09''

Tempo do Intervalo: 6' 34''

2º Bloco

1ª história – Família rica e o dinheiro da morte

Na volta do intervalo Rezende conta a história de Sílvia e Luciana, que cuidavam da avó, mas Sílvia cuidava de maneira carinhosa, tanto que a velha senhora pede para que a neta administre de seus bens. A família aceitava o modo como Sílvia tomava conta do dinheiro da avó, mas um tio das irmãs não aceitava que a neta fosse a administradora da pensão. Certo dia, elas haviam marcado uma reunião com o restante da família para mostrar o relatório do que estava sendo feito com o dinheiro, mas o único a aparecer foi o tio implicante. Depois de uma discussão, Marco Antônio agride as duas, deixando Sílvia ferida e Luciana, morta.

Rezende volta a falar de laços de sangue. Em seguida, chama a simulação: duas mulheres e um homem aparecem em uma cozinha. O homem pergunta às duas mulheres sobre o que elas estariam falando. Tira do bolso uma faca, e a aponta para as duas, sentenciando: “vou dar cabo de vocês, vou acabar com essa coisa, acabou isso aí”. As imagens mostram o homem de costas, com as mãos sobre uma das sobrinhas, quando um segundo homem aparece e usa uma cadeira para bater no agressor das mulheres, cai ao chão. O jovem balança a cabeça e sai do local. A cabeça do homem fica em primeiro plano. Rezende chama o intervalo.

Tempo do bloco: 44’’

Tempo do Intervalo: 6’ 38’’

3º Bloco

O apresentador relata a paixão de Sílvia pela avó Maria, que está de cama. Rezende diz que o tio de Sílvia, Marco Antônio, é a “laranja podre” da família e a “ovelha negra”.

A simulação é repetida: um homem entra pela porta, perguntando como o dinheiro da sua mãe está sendo gasto. Sílvia entra no quarto da avó. Imagem de Marco Antônio limpando cadeiras de plástico. O homem discute com Sílvia e Luciana, ele quer saber para onde está indo o dinheiro de sua mãe. As duas saem da sala. Rezende diz que Marco Antônio ligava para criticar a sobrinha. O homem aparece ao telefone.

Segundo Rezende, o homem desejava ficar com a pensão da mãe, cerca de R\$ 14 mil. Sílvia e Luciana discutem o que será feito, decidem que será realizada uma reunião. O único a aparecer é Marco Antônio. O tio discute com o marido de Sílvia. Na cozinha, as duas falam do tio, mas ele chega e as ameaça com uma faca, desferindo vários golpes. Luciana acaba sendo morta pelo tio e Sílvia é ferida. Para defender as duas, o marido de Sílvia usa uma cadeira para bater em Marco Antônio, que cai desacordado.

Reportagem I

A matéria começa com a imagem da casa da avó Maria. Em seguida, as fotografias de Luciana e Sílvia. O delegado fala sobre a desconfiança de Marco Antônio. A repórter Carolina Lima está no hospital e revela o estado de saúde do tio e como Luciana faleceu, vítima das facadas. A reportagem vai até a casa, onde fala com uma pessoa que não quis se identificar e que relata que a família está sofrendo um forte trauma.

Tempo da simulação/reportagem: 5' 38''

Rezende revela detalhes da vida de Luciana: ela estava morando nos Estados Unidos e teria vindo para o Brasil para cuidar dos negócios da família e também para tentar apaziguar a briga entre o tio e a irmã.

Reportagem II

Imagens do Instituto Médico Legal. A repórter revela detalhes sobre a liberação do corpo de Luciana. Fotografias de Luciana e Sílvia e imagem da casa aparecem na matéria. Uma das sobrinhas já havia prestado queixa contra Marco Antônio.

Tempo da Reportagem: 1' 20''

Volta para Marcelo Rezende que elogia o produtor da simulação. Mesmo sem muitos recursos, ele conseguiu encontrar um ator que fosse parecido com o assassino. Pede para que sejam mostradas as imagens do ator e de Marco Antônio para que o público possa comparar. Em seguida ele chama a repórter Ana "Miss". A repórter fala sobre o reconhecimento do corpo e o velório de Luciana. O tio achava que Sílvia estava desviando o dinheiro.

Rezende questiona o estado de saúde de Marco Antônio: “e esse tio que tá balançando mas não cai, tá recuperando pra ir pra cadeia ou tá mais caindo do que balançando?”. A repórter afirma que o acusado está em estado grave. O apresentador pergunta quantas pancadas na cabeça o acusado teria levado. De acordo com a repórter, teria sido apenas uma. O marido de Sílvia teria visto Marco Antônio agredindo as mulheres, por isso ele teria pego a cadeira para bater no assassino. Marcelo Rezende brinca com apelido dado para a repórter. Ele diz que na Bahia ela não é miss, mas sim, rainha.

Marcelo Rezende pede para que a tela seja dividida entre Marco Antônio e o ator. Rezende fica impressionado com a semelhança entre os dois.

2ª história – Ele não era o pai, era o maníaco

Ex-marido (Marcílio) abusava da filha mais velha da ex-mulher. As meninas de 13, 14 e 19 anos são abusadas pelo ex-padrasto. A menina de 13 anos estava grávida. Os abusos aconteciam quando elas levavam o irmão mais novo para visitar o pai. O apresentador questiona a Polícia, que diz ter falta de provas. Rezende afirma que é possível comprovar os abusos por meio de material genético.

Reportagem

Detalhes do rosto de uma menina negra, os olhos que parecem estar cheios de lágrimas e um semblante de tristeza, são retratados diante das câmeras e aparecem no telão do Cidade Alerta. Após, a câmera desce para a barriga da menina de 13 anos, que está grávida. O repórter tenta ser fiel ao retrato da violência sofrida pelas jovens. Ele narra os movimentos da garota de 13 anos, ela abre a blusa e revela o seu estado. Como uma sombra, a menina fica na tela para relatar o abuso sofrido. O padrasto pediu para que ela não revelasse nada à mãe dela, mas a menina disse que iria contar.

A fotografia de Marcílio aparece na tela. Aos 43 anos, o homem abusava das enteadas. Sombra da mãe, uma mulher nervosa, que tem um copo d'água nas mãos. Imagem do ultrassom da menina, depois imagem da garota com a blusa levantada para deixar ainda mais evidente a barriga de seis meses de

gestação. A mãe revela que o homem teria dado um chá para que a garota abortasse. Olhos de chorosos em close, a irmã de 14 anos relata o medo que sentiu do padrasto, enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto. Detalhes de um rosto triste e os olhos avermelhados de tanto chorar retratam a face de uma mãe que descobriu que a filha de 19 anos era abusada por seu ex-marido. Assim, ela decidiu se separar, achando que resolveria o problema.

O repórter caminha pela comunidade de Vila Maria, um local com casas simples. O repórter procura pela casa da família das meninas, mas só encontra o irmão mais novo. O menino relata o que fazia na casa do pai. Durante os abusos, o menino ficava brincando no computador. Imagens da menina grávida caminhando (simulação). Uma das meninas relata como aconteciam os abusos. Elas eram levadas para o banheiro. O padrasto dizia ao menino que iria arrumar a luz do banheiro, que estava estragada.

A passagem do repórter é feita pelo caminho até a casa de Marcílio. O profissional aparece por um túnel. Em seguida, a imagem de uma casa azul toma a tela. A moradia está vazia, pois Marcílio fugiu diante das acusações. Imagens da vizinhança. Mulher relata que não sabe onde o agressor está. Segundo o repórter, os vizinhos colocaram gasolina e atearam fogo no corpo de Marcílio. Um homem confirma o que o jornalista falou. Imagens da viela onde o estuprador teria sido agredido. Mãe fala sobre a ocorrência policial. A Polícia diz não haver provas. Imagens da mãe e da menina grávida. A mãe pede para que a justiça seja feita.

Tempo da Reportagem: 7' 05"

Marcelo Rezende fala sobre a diferença entre a pessoa comum e uma pessoa conhecida. A demora na perícia do caso da menina de 13 anos deixa o apresentador revoltado. Ele compara o tempo da perícia da aeronave de Eduardo Campos com o caso da menina grávida.

Rezende chama o repórter "Rolimã". O jornalista afirma que laudos serão entregues em 30 ou 60 dias. Caso isso não aconteça será coletado material para o teste de DNA. O repórter está com a mãe das meninas, ela está de costas para a câmera e o repórter faz uma ressalva: "eu gostaria de descrever que ela (mãe) está lacrimejando". O entrevistador pergunta para a mulher como é saber que o

ex-marido abusou de suas filhas. A mulher responde com uma voz de choro, ela ainda parece não acreditar que o pai de seu filho mais novo tenha abusado de suas filhas. “Ele tinha que ter respeito e consideração pelo filho, porque em nem um momento ele pensou no filho”, declara a mulher. Quando a mãe é questionada sobre o que irá fazer quando a criança nascer, ela é taxativa: “Não, eu não quero a criança, não”. O repórter faz duas perguntas e, mesmo desanimada, a mulher responde. O jornalista termina com novidades sobre o caso: o homem responderá por estupro de vulnerável.

Marcelo Rezende faz suas constatações sobre o caso. Ele afirma que se os laudos chegarem em 60 dias, a criança já terá nascido. Volta a comentar sobre a atuação dos peritos do caso de Eduardo Campos. “Quando ela receber o laudo, ela leva o bebê no colo”. Rezende foi questionado sobre o gênero de programa que ele faz. A pessoa teria perguntado a ele se não achava o Cidade Alerta muito sensacionalista. “Se a gente não mostra, quem mostra?”. Indignado, Marcelo Rezende compara o caso com o de Eduardo Campos. Percival de Souza diz que a palavra da menina é suficiente.

3ª história – A armadilha para a ex-esposa

Ex-marido, Eliezer, teria chamado a ex-mulher, Aline, para conversar, mas na verdade ele a mata, a facadas. Antes de esfaquear a ex-mulher eles teriam entrado em luta corporal. A mulher tentava se divorciar do marido, mas ele não aceitava, pois havia deixado o tratamento de dependência química de lado. Ao tentar fugir, Eliezer sofreu um acidente.

Reportagem

Imagens de uma casa branca e bem simples. O jornalista diz que Aline havia sido chamada para conversar com o ex-marido, mas foi surpreendida com a violência do ex. Ela teria levado cerca de 12 facadas. Imagem de pessoas cercado a casa enquanto os peritos fazem o seu trabalho. Homem relata como teria acontecido o crime. Segundo a fonte, um irmão de Aline teria tentado intervir na briga, mas não conseguiu. Imagens do quarto do casal. No canto da cama, o

sangue é coberto por uma tarja e depois, imagens do carro do Instituto Médico Legal.

Uma fotografia do acusado aparece na tela. O delegado relata que durante a fuga, Eliezer se acidentou: mostram-se as fotografias do carro do irmão de Eliezer com a frente destruída e de frente para um ônibus de transporte coletivo. Imagem do hospital em que Eliezer estaria. Passagem do repórter, em uma rua escura, em meio primeiro plano. Ele relata que o homem não aceitava o divórcio. Homem (não identificado) encerra a matéria falando sobre a separação.

Tempo da Reportagem: 2' 08''

Rezende fala sobre a desagregação familiar, a dependência química. Ele faz uma ligação entre o caso de Aline e o próximo, pois são duas famílias destruídas.

4ª história – O filho amado: ele é o assassino

Filho, Cléber, faz boletim de ocorrência, afirmando que um criminoso o teria obrigado a ir até o seu apartamento para pegar cartões de crédito. Sua mãe, Magda, teria reagido e por isso acabou sendo assassinada. Na verdade, ele mesmo teria matado a mãe. Cléber não esboçou reação durante o funeral de Magda. Cerca de 40 minutos antes do crime, Cléber teria chegado com o suposto assaltante. Depois do crime, o jovem teria ficado desesperado e ao relatar o crime à Polícia, caiu em contradição. O retrato falado feito por Cléber era muito diferente daquele feito pelo porteiro. Cléber disse que havia, sim, um comparsa, ele teria esfaqueado Magda pela primeira vez. As outras facadas foram desferidas pelo próprio Cléber.

Reportagem

Imagem de Magda em um ginásio, em uma partida de voleibol. A mulher é descrita pelo repórter como uma pessoa de bem com a vida e que praticava esportes. Imagens de uma partida de vôlei feminino. Fotografias de Magda. A imagem de Cléber fica parada na tela, enquanto o jornalista diz que a senhora foi vítima do próprio filho.

No funeral, o filho parece não estar abalado com suas mentiras. Uma senhora ressalta a falta de sentimento de Cléber durante o velório da mãe. A segunda fonte relata o fato de não acreditar que Cléber tenha feito isso. O repórter conta como era a relação entre mãe e filho: eles trabalhavam juntos na empresa de eventos de Magda. Imagem da fachada do clube que Magda e o filho frequentavam. Uma mulher evidencia a boa relação entre os dois: “eles estavam sempre juntos”. Mais uma fonte, que jogava vôlei com Magda diz que o garoto era brincalhão. Imagem do prédio onde Magda morava com o filho.

Imagens do carro de Cléber chegando ao prédio com o suposto assassino. O zelador do prédio vizinho diz ter visto Cléber saindo desesperado na rua. Fotografia de Larissa (namorada de Cléber), pois a mãe de Larissa foi chamada para socorrer Magda. O repórter relata os erros que Cléber cometeu ao contar o caso. Delegado diz que Cléber era impreciso, falava de modo contraditório. Magda levou 17 facadas. Na delegacia, um tio passou mal ao saber que o jovem havia matado a mãe. Cléber vem logo atrás de seu advogado. No rosto, uma expressão séria, não parece estar abalado pelo ocorrido. O delegado conta como foi o momento em que Cléber confessou o crime. Um tio que estava ouvindo, começou a ficar desesperado, então o jovem não conseguiu prosseguir com a mentira. Ele disse que matou a mãe por conta das pressões que ela fazia.

O delegado revela que o jovem não aguentava as exigências da mãe. O tio de Cléber declara, desesperado: “Não tem sentido, não dá pra entender o que uma pessoa fez com a mãe. Acho que estavam me poupando, porque eu fiquei sabendo que não foram só nove facadas, foram 17”. Mulher fala sobre o controle que Magda tinha sobre o filho, ela afirma ser normal. O repórter em frente à delegacia, ressalta que o crime foi premeditado. Imagens de Cléber. Delegado diz que o garoto teria pago um álibi para dizer que estava com ele. Fotografias de família. Mulher afirma que Magda dava estudo e que ele tinha acabado de ganhar um carro. Pai de Cléber, muito abalado, se diz surpreso. O mesmo tio diz que não consegue entender o sobrinho. Cenas da prisão de Cléber. Em meio a um tumulto, o jovem passa algemado.

Tempo da reportagem: 8' 36''

Imagens de homens armados, barulho de tiros, uma mata à frente. A imagem é de câmera amadora, por isso não é muito nítida. Marcelo Rezende diz: “você vai entrar comigo numa guerra entre o tráfico de drogas e a milícia”. Um homem grita: “vai morrer”. Rezende afirma que as imagens foram feitas por traficantes. O apresentador diz que as armas usadas são das forças armadas e diz que voltará logo.

Tempo do bloco: 51' 56''

Tempo do Intervalo: 6' 35''

Rezende explica o que milícia: “é uma quadrilha formada por ex-PM'S, ex-policiais civis, traficantes que aderiram ao grupo e policiais da banda ruim da polícia”, ressalta Rezende. Policiais tomam conta das comunidades.

6ª história - Luana e Rafael: o sonho virou pesadelo

Luana e Rafael estavam apaixonados e resolveram que iriam morar juntos. Rafael era um foragido da Justiça. Rafael e Luana discutem e ela acaba sendo morta com um tiro no rosto. Mas as agressões à jovem de 21 anos aconteciam seguidamente. Os ciúmes do marido a afastaram dos amigos e parentes. Rafael disse que o disparo teria sido um acidente, atingiu o rosto da jovem. Mas logo após o crime, Rafael desapareceu.

Reportagem

Mãe de Luana chora. A jornalista narra a tristeza da mulher. Em seguida, a tela é preenchida por uma fotografia de Luana e depois uma imagem de Rafael. Uma mulher que não se identificou relata como era a relação do casal. Ela diz que a relação era conturbada e que Rafael agredia Luana em público. A mãe de Luana relembra a última conversa que teve com a filha. Dona Maria pediu à filha o que ela gostaria de ganhar de presente de aniversário. A garota disse que gostaria de uma escova progressiva. Fotos de Luana e Rafael. A reportagem mostra o local onde os dois viviam. O casal morava em uma casa simples com um muro alto, no fundo da casa da mãe de Rafael.

A mãe relata as agressões sofridas pela filha. Duas amigas ressaltam que Rafael não deixava Luana manter contato com amigos e familiares. Passagem da repórter. Nela, a jornalista diz que Rafael teria relatado à Polícia que Luana havia se suicidado. Vizinhos relatam que o bairro é muito violento e que Rafael também era um criminoso. Uma mulher diz que tem muita fé e ela se apega a ela para se recuperar do trauma. A mãe de Luana lamenta: “só resta tristeza, minha vida acabou. Eu não vou conseguir viver sem ela”.

Tempo da reportagem: 3’ 10”

Rezende chama a repórter Juliana Coleta, que traz mais informações sobre o caso. Rafael continua foragido. Maria Aparecida (mãe de Luana) está com a repórter. A mãe teria aconselhado à filha a não ir morar com Rafael. Quando questionada sobre as ameaças que Luana sofria de Rafael, ela afirma que existiam. As agressões começaram durante o namoro.

Marcelo Rezende aconselha: “na primeira alteração de voz, ali já é a maneira que a pessoa já tem que pensar como é que se separa. Se tiver uma segunda alteração de voz, não precisa nem ser grito, uma discussão mais forte. Pode cair fora porque o respeito já foi embora”. Rezende finaliza o caso parafraseando um ditado popular: “a panela está caçando a tampa errada”

7ª história – Estudante liga pedindo ajuda e morre

Rezende pede que seja colocada no telão a imagem de um jovem moreno que desapareceu. Mas, causa estranheza, pois ele havia ligado para o pai e dito que estava no centro de São Paulo, quando na verdade estava a duas horas da cidade. Após agredir um homem e discutir com outro, ele foi encontrado morto.

A repórter diz que após dez dias o jovem foi encontrado morto. A mãe, chorando, diz que o crime deve ser sido feito por uma pessoa muito cruel. A repórter faz sua passagem. O jovem disse que iria trabalhar em um filme, mas as horas passaram e ele não voltou para casa. O pai relata a preocupação e afirma ter ido à delegacia. Foi quando eles descobriram o que estava acontecendo com o jovem.

A repórter vai até a região do Brás, pois a vítima dizia estar lá. O pai relata que o filho, Luiz Felipe, parecia desorientado ao telefone, ele ligou na verdade do Município de Poá. A mãe foi até a cidade, mas ela acredita que o filho se perdeu. Ele chegou até uma igreja, onde o pastor relatou que o jovem parecia desorientado. Imagens da repórter, próxima a uma agência bancária, onde Luiz Felipe teria passado. Depois de ir até a agência, o jovem teria se envolvido em uma briga com um morador de rua.

A jornalista vai até o bar onde Luiz Felipe teria discutido com duas pessoas. Detalhe para o banquinho do bar. O morador de rua teria oferecido uma bebida ao jovem. Ismael, que estava no bar no momento em que o jovem se encontrava no estabelecimento, revela que ele teria agredido um vendedor de lixas de unha. Luiz Felipe foi levado à delegacia pela agressão e após, a um hospital. A mãe não acredita que o filho tenha agredido o morador de rua. Quatro dias depois de sair de casa, ele foi encontrado morto em Mogi das Cruzes. O corpo foi encontrado com tiros no rosto, nas costas e no tórax. O corpo ficou cinco dias no IML. O pai não acredita na história. A mãe diz que não conseguirá se sentir em paz até o crime seja resolvido.

Tempo da reportagem: 9' 08''

Marcelo Rezende pede pela repórter “Capitão Nascimento”, ela traz detalhes do crime. Ele questiona se já foi encontrada alguma pista. A jornalista está com uma das tias de Luiz Felipe, Andréia. Ela revela a dor sentida pelos pais e as lembranças do jovem. Para ela, o menino era simples, amado e querido.

Rezende ressalta a demora para encontrar as pistas do crime. “Quanto mais recente a pista, mais rápido anda”. Barulho de tiros, homens gritando, imagens de um matagal. Marcelo Rezende diz que as imagens são o símbolo da falência do Estado brasileiro. Assim ele se despede do telespectador que está fora do estado de São Paulo.

Tempo do bloco: 24' 21''

4.1.5 4º Programa – 04/092014

1º Bloco

Marcelo Rezende saúda os telespectadores e comenta que Percival teria dito a ele que Ticiane Pinheiro, apresentadora do Programa da Tarde, estaria querendo namorar com ele. “Será que está dando em cima de mim? Eu vou cair fora”. Percival diz que ela teria cantado o apresentador ao vivo.

1ª história – Vingança: ex-noivo tem pênis cortado

O apresentador usa o seu tradicional bordão: “pensa no seguinte”. Marcelo Rezende pede uma imagem, mas a tela continua escura, pois a fotografia da vítima não pode ser mostrada. Um homem tinha o casamento marcado, mas ele desmarcou o casamento. A noiva, por vingança, contrata dois homens para cortar o pênis de seu ex-noivo. Pai e filha planejaram o crime. Segundo a mulher, Wendel, o noivo, teria agredido a noiva por não aceitar a gravidez.

Marcelo Rezende relata a história do homem que teve o membro sexual cortado pela noiva. Para descrever o crime, ele faz um som com a boca: “pshil”. Ele pede para que seja colocada uma parte da entrevista feita com a ex-noiva. Ela ressalta que foi uma vingança. Rezende chama o intervalo.

Tempo do bloco: 3’ 21”

Tempo do Intervalo: 6’ 38”

2º Bloco

Rezende pede para que sejam colocadas as imagens dos ex-noivos. Ele conta que o pai da noiva tomou suas dores, então resolveu que iriam se vingar do ex. Um segundo homem teria participado do crime. A mulher foi presa e ficou cinco meses em regime fechado. Ela dizia estar grávida e que o noivo a teria espancado até que ela perdesse o bebê. O apresentador diz que fica imaginando a cena, os dois criminosos entrando na casa da vítima, e começa uma briga para ver quem irá cortar o pênis do ex-noivo. Rezende repete o barulho do corte: “pshil”.

A médica relata como o pai reagiu ao saber que o noivo havia terminado o compromisso. Ela diz que o pai e uma terceira pessoa quiseram se vingar do que havia ocorrido com a moça. Marcelo Rezende entra no meio da entrevista para chamar o intervalo. Ao final, ele faz o barulho: “pshil”.

Tempo do bloco: 3’ 07’’

Tempo do intervalo: 6’ 37’’

3º Bloco

Fotografia de Myrian, a noiva vingativa e o outro lado da tela, escuro. Marcelo Rezende diz que a Justiça não aceitou o testemunho de Myrian. Segundo a mulher, ela estaria grávida, mas o noivo não queria ter um filho antes do casamento. Uma semana antes do casamento ele termina com ela e supostamente a espanca. A ex-noiva ficou livre por 12 anos. Em 2014 ela é presa, mas o crime foi cometido em 2002.

Reportagem

Fotografias de Myrian. Segundo a reportagem, o casal se conheceu em dezembro de 1998. Mais fotografias de Myrian, imagens do apartamento onde Wendel morava. De acordo com o repórter, o jovem teria terminado o noivado por conta das constantes crises de ciúmes de Myrian.

Passagem do repórter. Ele está em frente a um portão marrom, do prédio onde moravam Wendel e o irmão. O jornalista vira-se e fica de costas para uma rua com algumas árvores, um prédio e alguns carros. Ele relata como teria sido o “dia do acidente”. Wendel teria sido abordado ao sair de casa. Ele e o irmão foram amarrados e assim, o membro foi cortado. Fotografias “borradas” da cena do crime, um quarto bagunçado com sangue pelo chão. Delegado do caso fala que esse crime foi como a morte social para a vítima. O crime aconteceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, mas Myrian foi presa no interior de São Paulo pela Polícia mineira.

Tempo da reportagem: 1’ 50’’

Rezende relata como foi o momento da prisão, meses antes. O apresentador fala que tentaram reimplantar o órgão, mas não foi possível. Na

tela, as imagens da mulher indo até a prisão, pois ela está em regime semiaberto. O pai estava doente em setembro de 2014, mas vivia em prisão domiciliar.

Rezende diz que a jovem já está solta, mas Wendel está condenado. O apresentador enumera o que a vítima não pode mais fazer, com a ausência do órgão. Repetem-se as imagens de Myrian chegando à prisão. Rezende diz que a mulher pediu uma revisão criminal.

Myrian comenta o fato de o ex-noivo não querer ter o filho. Wendel supostamente teria pedido a ela para que fizesse um aborto. Mas, cansado, o homem teria agredido a moça e a deixado em uma cidade distante de Juiz de Fora. Ela não comenta sobre a identidade da terceira pessoa, mas diz ter tido um relacionamento com ele.

Marcelo Rezende diz que a repórter “Dó-Ré-Mí” trará mais informações sobre o caso. Ele questiona o motivo de Myrian ficar cinco meses presa. A jornalista ressalta as manobras feitas pela defesa para que Myrian ficasse livre. O apresentador conta como Myrian teria vindo para São Paulo para tentar fugir da Justiça. Rezende questiona se ela havia usado identidade falsa para se manter no interior de São Paulo. A repórter revela que teria continuado com o mesmo nome e que ela teria casado novamente.

Marcelo Rezende comenta o fato de ela ter ficado cinco meses presa. Percival de Souza fala sobre a pena e a revisão criminal: “eu acho que essa revisão criminal quer dizer o seguinte: o pai que já está em “cana” vai assumir toda a responsabilidade. Marcelo Rezende explica as instâncias do processo.

Aparecem as mesmas imagens: Myrian aperta a campainha, um agente penitenciário atende, mas antes disso, a mulher concede uma entrevista relatando sua versão do crime. Repetem-se as falas, ela diz que não pode ter filhos por conta da agressão que sofreu. Myrian também sofreu agressões na prisão.

A repórter “Dó-Ré-Mí” traz novidades sobre o caso. A profissional afirma que a mulher usará os laudos médicos para alegar ter sido vítima de agressões. Nesse ano (2015) ela terá o direito à liberdade. Rezende ressalta o fato de

Myrian não ter anexado ao caso os exames que comprovavam a gravidez. Agora Rezende pede para que seja colocada a entrevista feita com Myrian.

Entrevista

Imagens de Myrian da cintura para cima. Algumas vezes, a câmera se aproxima do rosto da mulher. Ela relata a gravidez e o aborto. Rezende entra em meio à entrevista para dizer que não existe comprovação da gravidez. Myrian ressalta que a agressão teria provocado o aborto. Marcelo Rezende insiste que não existe comprovação da gravidez.

O apresentador crítica os produtores, pois eles não haviam tirado a fotografia de Myrian. Ele diz: “tem cada gente que trabalha aqui. Deve ser tudo amigo do homem que manda”. Em seguida, introduz a nova história.

2ª história – O maníaco: jovem vive dias de terror

Menina de 14 anos é seduzida por homem. Ele a convence a sequestrar a prima dela de oito anos. A menina de oito anos é trancada dentro de um armário. Ela consegue pegar um celular e telefonar para a Polícia, avisando sobre o sequestro.

Áudio e legenda da ligação que a menina fez à Polícia. A policial custa a acreditar que a menina tenha sido sequestrada. Ela a questiona sobre a veracidade da ligação. A criança era mantida dentro de um armário, mas ela conseguiu fugir para pegar um celular. A agente pergunta para a menina quem a sequestrou e ela com voz do choro, diz que sua prima é responsável pelo sequestro.

Marcelo Rezende comenta a atuação da policial que questionou a menina. O apresentador relata que estranhou as perguntas, mas logo em seguida lembrou da quantidade de trotes que a Polícia sofre. Marcelo Rezende pede para que a matéria sobre o caso seja colocada no ar: “Põe no Cidade”.

Reportagem

Uma menina mexe em um celular cor de rosa. Em seguida, sua mãe, abatida, relata a procura pela filha. O jornalista vai até a comunidade onde a

criança mora, um local simples com casas “grudadas” umas nas outras. O repórter entra em uma casa. Na sala, um sofá vermelho e alguns quadros. Imagem de uma criança de mãos dadas com uma adolescente, elas caminham por vielas e sobem escadas. A irmã mais velha estava em casa com a menina de oito anos, mas não viu o exato momento em que ela foi sequestrada. O repórter aparece em plano americano, ele dá detalhes de como aconteceu o sequestro.

Manuel foi o mandante do crime. Ele estava com a prima da menina. A mãe relata a angústia sofrida. Detalhes do rosto da menina, a boca e o nariz. Nas mãos ela tem uma boneca e um urso de pelúcia. Segundo a reportagem, a menina foi molestada sexualmente e seria vendida para uma quadrilha de pedofilia. De acordo com a mãe, a menina foi encontrada com uma tira de pano na altura do peito e uma segunda tira cobrindo as partes íntimas. Áudio da conversa entre a menina e a policial. A menina relata o abuso sofrido. O repórter mostra um guarda-roupa parecido com o que a menina teria ficado. Um tio participou do resgate. Mulher que não quis se identificar relata que a menina disse ter perdoado a prima. O homem está foragido.

Tempo da reportagem: 7’ 12”

No telão, permanece a imagem do foragido. Marcelo Rezende disse que iria colocar mais uma vez o áudio do pedido do resgate, mas não teve coragem de pedir isso. “Quem tem filho sabe exatamente o que deve ser você ter seu filho retirado de casa”, relata Rezende. Ele sentencia o acusado: “eu acho que um sujeito desses tem que ser condenado à morte”. Pede para que a fotografia do homem seja mostrada. Marcelo Rezende faz um apelo para encontrar o criminoso.

O apresentador convoca o repórter “Rolimã”. Ele está com o tio da menina que ajudou no resgate da criança. O tio fala como encontrou o lugar em que a criança estava. A menina correu para os braços do tio. Ele relata a sensação de alívio sentida. Uma carta foi encontrada, e nela estava escrito que a menina seria vendida por 20 mil reais. A sobrinha de 14 anos foi perdoada pela família.

Rezende mostra a fotografia do homem que abusou da criança. “Se é num país que eu mando, esse (aponta para a fotografia do acusado) ia pra pena de

morte e a de 14 (sequestradora e prima da vítima) pra prisão perpétua”, sentença.

3ª História – Namoro secreto acaba em tiros

Ex-marido ameaçava o namorado da ex-mulher. Maciel é morto dentro do ônibus que dirigia. Dois homens acenaram para entrar no coletivo. Duas paradas depois, eles disseram que era apenas uma carona. O motorista disse que eles deveriam ter avisado, pois ele não poderia dar carona daquele jeito. Os homens dispararam contra Maciel, que acabou sendo morto. Ele namorava Graziele, mas seu ex-marido não aceitava o namoro. Os homens teriam feito o crime a mando de Evangelista, o ex-marido de Graziele.

Imagens de ônibus, logo depois uma mulher de blusa verde fica de costas para a câmera. Fotografia de Maciel. Enquanto isso, a repórter relata detalhes da morte dele. A mãe revela que esperava pelo filho para o almoço, mas ele não chegou. Imagem de dois ônibus em meio a uma via. A repórter está no local onde os assassinos teriam embarcado. Imagens de uma parada de ônibus, três pessoas estão nela. Ao descerem, os homens teriam disparado três vezes contra Maciel.

A fotografia de Maciel fica na tela. A repórter diz que o homem morreu ainda no ônibus. Imagens da rodovia e depois do velório. Amigo relata como Maciel era no dia-a-dia. A mãe afirma que Maciel foi morto a mando de Evangelista. Filho dedicado, teria dito que cuidaria da mãe. Imagens de Graziele. A jornalista fala do ciúme sentido por Evangelista. Ele foi até a casa no namorado de Graziele para questionar o motivo de Maciel ter dado uma moto à namorada.

Tempo da reportagem: 5' 03”

A repórter “Capitão Nascimento” revela detalhes da morte de Maciel. Evangelista nega envolvimento no crime, mas seu celular será periciado.

4ª história – O ciumento e a ex-namorada refém

imagens do sequestro de uma mulher sendo mantida refém por um homem. A Polícia aparece tentando negociar com o homem, que usa a mulher como escudo. Policiais correm para mais perto do local. Carros da polícia interrompem o trânsito.

Reportagem

Gisele Freitas de Souza ficou duas horas como refém de seu ex-marido. O homem está mantendo-a como um escudo. A Polícia está um pouco mais distante. Mardones não aceitava o fim do relacionamento. O jovem de 28 anos fez um disparo para cima para assustar os presentes. Policial diz que pensava que o homem fosse matar a esposa e a ele mesmo. A mulher estava saindo para almoçar quando foi abordada pelo ex. Fotografia de Mardones abraçado a Gisele. O irmão relata que Gisele já havia sido agredida pelo ex-marido. A mulher é levada por uma ambulância.

Tempo da reportagem: 2' 08''

5ª história – Mistério: jovem que faria aborto some

Imagem de uma mulher morena na tela. Jandira saiu para fazer um aborto. Ela vai até uma clínica clandestina, mas desaparece. A mulher estava grávida de três meses. A mãe da jovem relata que foi contrária à ideia de aborto, mas sabia das dificuldades que a filha passava, pois ela era mãe de duas crianças, fruto de relacionamentos anteriores. Fotografias de Jandira. A repórter fala sobre a clínica. Mas dias depois Jandira ainda não havia sido encontrada. Imagens das viaturas da Polícia circulando por uma rua. A mãe ressalta que a filha poderia ter tomado a decisão errada.

Tempo da reportagem: 1' 49''

Imagens do resgate de um bebê. Bombeiros resgatam criança. Estudante universitária joga criança no telhado, ela não queria ficar com a filha.

Tempo do Bloco: 1 05' 41''

Tempo do intervalo: 6' 54''

4º Bloco

6ª história – No telhado: bebê sobrevive ao abandono

Fotografia de Tainara, de 22 anos, estudante universitária. A garota esconde da família a gravidez. Marcelo Rezende diz que a menina deveria ter contado à família, mas ela seguiu escondendo a gravidez.

Reportagem

Quando a criança nasceu, a mulher a jogou no telhado de uma casa. Uma vizinha viu e chamou a Polícia, que a resgatou. O policial pega a criança no colo, carinhosamente a enrola em uma manta. Ele relata que a menina é recém-nascida. A criança estava no telhado de um prédio. A mulher que a encontrou disse que a criança parecia uma boneca, mas logo ela percebeu que se tratava de um bebê. O policial militar relata a emoção ao resgatar a menina. Fotografia de Tainara. Ela foi internada, mas está sob escolta policial.

Tempo da reportagem: 1'52''

7ª história – Presa depois de abandonar a filha

Mulher é presa após abandonar a filha em saco de lixo. A Polícia investigou o caso por dois meses e descobriu que a mulher havia colocado a criança em um saco de lixo e depois teria ido para casa dormir. A delegada relata que a mulher limpou o banheiro onde teve a bebê. O repórter passeia pela rua onde a menina teria sido abandonada. Isabel e outra mulher encontraram a criança. Isabel a enrolou em seu próprio casaco. Movimentação da rua. A outra senhora que ajudou no resgate da bebê disse estar feliz por ter encontrado a menina.

Tempo da reportagem: 2' 09''

Marcelo Rezende se despede de quem está fora do estado de São Paulo.

Tempo do bloco: 8'

4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para Laurence Bardin (2012) a Análise de Conteúdo é um conjunto de passos que auxiliam a reflexão sobre a comunicação. É adaptável e não tem padrão pré-estabelecido. Os documentos e os objetivos observados pelo pesquisador podem ser diferentes.

O método proposto de Análise de Conteúdo indicado pela autora segue três polos cronológicos: o primeiro, a pré-análise; o segundo, a exploração do material e o terceiro, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A primeira fase é momento de coleta de materiais para a análise. Ela acontece por meio da escolha dos materiais que serão utilizados para a pesquisa. Além disso, ela estrutura toda a pesquisa, pois é nesta fase que são criadas as hipóteses e os objetivos.

A segunda fase é a aplicação das decisões tomadas. Nesta pesquisa a decupagem é o resultado da exploração de material. Durante a observação do conteúdo dos programas pode-se perceber os fatores que ajudam na construção do discurso do Cidade Alerta.

A análise, propriamente dita, é a última parte, o tratamento dos resultados. Nela serão levantados aspectos relevantes do programa e que auxiliem a responder as questões levantadas durante o projeto. A Análise de Discurso servirá como um complemento para esta última parte.

Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base a outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticada graças a técnicas diferentes (BARDIN, 2012, p.132).

O programa Cidade Alerta, embora seja de cunho sensacionalista, estabelece um padrão para a atração. A violência faz parte do discurso do Cidade Alerta, mas quando se pensa em atrações populares, logo se vislumbra como algo de baixa qualidade. Por isso, o Cidade Alerta é controverso. O conteúdo sensacionalista está diretamente ligado ao apelo emocional do

programa e isso, junto à fala de Rezende e das “personagens” já citadas na decupagem, influenciam e atraem o público.

Como anteriormente foi referenciado na Introdução, o espetáculo começa com um narrador, que em tom dramático traz as histórias. Durante as reportagens com imagens fortes, os fatos ganham contornos surreais. A emoção serve para tocar o público e aproximá-lo da atração. O gênero sensacionalista tem o poder de “tocar”, e através dele o público cria o vínculo. Ao mesmo tempo, em que as imagens causam comoção, elas também motivam o mal-estar.

Segundo Castro e Coelho (2006), o sensacionalismo exalta a carga emotiva e apelativa do fato, quase criando uma nova notícia. O discurso carregado de violência não fica escondido, mas sim evidenciado pelo conteúdo recheado de violência. Como um produto que é vendido, o sensacionalismo deseja comercializar a informação.

A constante repetição dos fatos não os torna mais fortes sob a visão o público, e sim acabam perdendo o impacto inicial. O sensacionalismo e o apelo à Justiça traz a sensação de que os problemas podem ser resolvidos.

Quem assiste ao Cidade Alerta sabe o que verá, ele não espera que o programa seja um telejornal. O telespectador tem a noção de que a violência mostrada pelo Cidade Alerta está ligada ao gênero. Muitas vezes o telespectador tem a noção de que as reportagens trazidas pelo programa são um recorte de realidade, e não o verdadeiro fato. Embora, outros acreditem que aquela seja a “mais pura realidade”.

Novamente, isso é controverso. Pois o que Sodré (1999) afirma pode soar estranho quando se observa o apresentador em um programa sensacionalista, um verdadeiro animador. Rezende abusa do gestual para expressar o que está sentindo, em todo tempo exige que as imagens sejam repetidas e pode levantar seu tom de voz para julgar os crimes. Ele interpreta seus personagens – o juiz, o chefe, o conselheiro, o professor, o advogado. É muitas vezes, ao mesmo tempo em que é a única voz.

Em alguns momentos da decupagem pode-se perceber a presença de alguns destes personagens. Entre as reportagens, Marcelo Rezende se encontra

como um verdadeiro justiceiro, como no caso da menina que foi sequestrada por sua prima e o namorado dela. A menina de oito anos foi mantida em cárcere dentro de um armário. Quando os criminosos estavam dormindo, a criança encontrou um celular, e foi através dele que a menina ligou para a Polícia e alertou sobre o sequestro que sofreu. Ao final da reportagem, Rezende os sentencia à pena de morte e à prisão perpétua. Como se fosse um juiz, Rezende tem credibilidade. Em meio aos seus “devaneios”, o apresentador cita artigos de Lei e pede para que Percival de Souza reafirme o que ele está dizendo.

Nos blocos iniciais do Cidade Alerta Marcelo Rezende conta parte da história, não muito a “fundo”, mas o suficiente para contextualizar e prender a atenção do telespectador. Quando ele está envolvido pela história, eis que Rezende chama o intervalo, que por sinal é muito longo e poderia desviar a audiência. Em outro ponto de emoção da história, Rezende para e reflete sobre alguns temas de sua própria vida. O apresentador leva o público para sua intimidade e, logo em seguida, retoma o fato. Parece que está apenas a conversar, seguindo uma linha própria de raciocínio.

Segundo Arbex Júnior (2005), como em uma série televisiva, que ao chegar ao pico de audiência, naquela cena em o conflito toma forças, é o momento em que o intervalo ocupa o espaço de apreensão. O Cidade Alerta também se apropria desta maneira de seccionar os blocos do programa.

Durante o intervalo pode-se perceber a repetição de alguns anunciantes. Algumas vezes, no mesmo intervalo, os comerciais são repetidos pelo menos duas vezes. Isso acontece ao longo da programação da Rede Record, pois uma das marcas da emissora são comerciais de longa duração, talvez devido à pulverização da venda de anúncios a inúmeros clientes e a preços mais baixos: com “um pouco de cada”, paga-se o programa. Os telespectadores se mantêm fiéis, ou então, começam a “zapear” pelos outros canais até que atração volte. O “telespectador perdido” sempre pode voltar, em qualquer ponto do programa, pois as imagens e os casos são retomados, à exaustão.

Como foi mencionado no capítulo 2, o ato de “zapear” chegou com a televisão por assinatura. Com a grande variedade de canais, o público não conseguia se manter em uma única emissora. Segundo Vera Íris Paternostro, na

TV segmentada o público é quem escolhe o que irá assistir, ele não fica preso aos mesmos formatos de programa. Apesar da autora considerar que a televisão por assinatura chegou tarde ao Brasil, ainda assim, ela conseguiu modificar o comportamento do telespectador.

Durante a análise das quatro edições do Cidade Alerta, pode-se perceber a busca da produção por mostrar o desfecho dos casos, mesmo que o final não seja o desejado. No telejornalismo, que essencialmente teria que mostrar a resolução dos casos, muitas vezes isso não acontece. Como na história da menina que foi morta por um suposto admirador. Antes de saber o desfecho, achava -se que havia acontecido um assalto e que ela havia reagido e o criminoso, assustado, a teria matado. No final, se descobriu que um vizinho que gostava de Luiza a matou.

As simulações são outro ponto forte do programa. Elas dão um tom mais dramático à atração. Marcelo Rezende narra os fatos em tom de suspense. Como no roteiro de um filme de terror, aos poucos o suspense toma o telespectador. Na decupagem pode-se encontrar o caso das irmãs Sílvia e Luciana. Sílvia cuidava de sua avó e administrava a pensão dela. Mas seu tio, Marco Antônio, passou a contestar o modo como o dinheiro era administrado. As duas irmãs resolvem marcar uma reunião para dar conta do que estava sendo feito com o dinheiro. Mas durante o encontro, as duas mulheres brigaram com Marco Antônio. O homem carregava uma faca; ele a usou para assassinar Luciana e agredir Sílvia. Algo que marca esta simulação é o fato de o ator que interpreta Marco Antônio se parecer muito com o verdadeiro criminoso.

As entrevistas permitem que o repórter do Cidade Alerta tenha um posicionamento diferente em relação aos repórteres dos telejornais em geral. Os repórteres do Cidade Alerta parecem encarar os criminosos sem medo, dando voz a eles. Mesmo quando eles não querem falar, os jornalistas os questionam sobre os motivos do crime. Algumas vezes, o criminoso é posto em frente às câmeras para relatar detalhes e para se dizer arrependido do que fez. O caso da menina que estava na escolinha e foi abusada por um idoso é um exemplo disto. Ao final da história, o idoso fica de frente para as câmeras para se desculpar. Durante a “entrevista”, pode-se ouvir outros repórteres questionando o “senhor”.

O telejornal popularesco pretende ser um instrumento de reivindicação, não se limitando apenas a noticiar os fatos, mas de fazer “justiça” e de pressionar instituições num processo de apropriação e de clara inversão dos papéis sociais. (CASTRO; COELHO, 2006, p. 101).

Marcelo Rezende e Percival de Souza parecem completamente livres para dizerem o que querem. Os criminosos, o Governo e a Polícia são os principais alvos das críticas dos dois. Tanto o apresentador quanto o comentarista conhecem muito bem as leis e, por isso, falam com base nelas e também fazem o papel de porta-vozes do público: dizem o que o público gostaria de dizer ao bandido.

Um episódio chama a atenção nos programas decupados. Rezende está falando sobre o caso de uma menina que foi sequestrada pela prima e logo em seguida ele dá a sentença para a garota de 14 anos (sequestradora) e o mandante do crime: “se é num país que eu mando, esse (aponta para a fotografia do acusado) ia pra pena de morte e a de 14 pra prisão perpétua”.

Como em um espetáculo, todos os personagens têm sua deixa, sejam eles os “vilões” da história ou os “mocinhos”. No quarto programa decupado se percebe o quanto a atração dá ouvidos aos dois lados da história. A vilã da história quase vira mocinha, pois a todo momento ela aparece tentando justificar o crime cometido. A ex-noiva é acusada de ter sido a mandante do crime contra o ex-noivo. O ex-noivo teve o órgão sexual cortado. A mulher foi presa 12 anos após o crime. A ex-noiva justifica o atentado dizendo que estava grávida e que seu ex-namorado a havia espancado até que ela perdesse o bebê.

A violência não está só nas cenas, mas também na repetição delas. Parece que a história fica parada naquele exato momento. Como no caso de Natália: ela foi morta e seu pai que é chamado pela polícia para reconhecer o corpo da filha que estava desaparecida. Ao ver o corpo, o homem olha para a esposa, que imediatamente percebe que a filha está morta. A mulher se joga nos braços de outras duas mulheres. Seu choro é tão alto que as imagens ficam em segundo plano. Esta cena é repetida por diversas vezes.

Os detalhes de um crime são retratados de maneira minuciosa. Até mesmo durante a passagem do repórter podem-se encontrar objetos usados pelo criminoso. Eles são colocados em evidência através do enquadramento. Por exemplo, a bateria de um notebook cheia de sangue da vítima. Na passagem, a repórter pega o objeto na mão, enquanto o cinegrafista aproxima-se e enquadra a bateria da melhor forma para evidenciar as pequenas gotas de sangue.

Quando uma pessoa está em evidência por ter participado da história, os enquadramentos usados mostram detalhes do rosto, a lágrima que escorre pela face e a expressão de dor. As imagens deixam claro o forte apelo emocional, o que pode levar o telespectador a se sentir parte da história por ver ali os seus sentimentos refletidos.

Outra característica do gênero sensacionalista é descrever os crimes com riqueza de detalhes, além da constante repetição do fato, imagens, entrevistas e comentários. O telejornal não se limita a informar que em tal lugar, Fulano de tal matou Beltrana depois de estuprá-la (CASTRO; COELHO, 2006, p. 101).

As matérias de longa duração incomodam, pois nem sempre trazem um fato novo, mas repetem o que foi trazido anteriormente. Os repórteres entram ao vivo com as novidades do caso, mas, por vezes, o entrevistado parece perdido em sua dor. O vai e vem dos fatos é uma parte importante do sensacionalismo, pois é necessário retomar a história para chamar a atenção do público. A notícia acaba por virar um grande espetáculo. Conforme foi citado na Introdução, o Cidade Alerta se apropria da linguagem do espetáculo.

Nos últimos tempos assistimos a uma multiplicação dos espetáculos nos mais diversificados meios de comunicação. O próprio espetáculo está se tornando um dos principais organizadores da política, da economia, da comunicação, da religião, da sociedade em geral e da vida cotidiana (CASTRO; COELHO, 2006, p. 92).

Também pode-se dizer que as matérias do Cidade Alerta apresentam os conceitos do grotesco, pois elas se utilizam da deformação. Essa deformação é

o exagero, as matérias carregadas de violência. Elas fazem das reportagens uma licença poética grotesca: se caso um corpo ensanguentado estiver caído ele será mostrado, mesmo que coberto por um pano. Segundo Sodré e Paiva (2002) para que o objeto seja considerado grotesco é necessário que ele ocasione repulsa ou estranhamento. Ao mesmo tempo, como em uma praça, o programa mostra as mais diversas manifestações, que podem ser comparadas com a realidade. Segundo o autor é na praça que encontramos os melodramas e as violências.

Caracteriza-se desde o início por uma atmosfera sensorial (um *ethos*) de “praça pública, no sentido trabalhado por Bakhtin, isto é a praça como **feira livre** das expressões diversificadas da cultura popular (melodramas, festas de largo, danças, circo, etc.) ou como lugar de manifestação do espírito dos bairros de uma cidade, com suas pequenas alegrias e violências, grosserias e ditos sarcásticos [...] (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 106).

O discurso é um dos fatores determinantes para a construção de um produto televisual, pois é nele que se encontram as ideias a serem passadas pela emissora e pelo programa. Por si só as imagens mostradas são violentas, mas as falas também o são. Talvez o modo de falar do apresentador, em alguns momentos, alivie a tensão, pois ele conquista o público com suas piadinhas, brincadeiras com os repórteres e o comentarista Percival de Souza. Como apresentador de um programa sensacionalista, Rezende abuse do discurso emocional, mesmo quando está falando com os produtores (brigando), com os repórteres e/ou com Percival.

É a linguagem que condiciona o homem, sua forma de agir e de se relacionar com o mundo e com os outros homens – com a cultura, enfim, aqui entendida em seu sentido mais amplo, como ambiente construído pelos homens e que constrói os homens segundo seus próprios códigos e linguagens que agem sobre os corpos e delimitam o seu campo de percepção (ARBEX JÚNIOR, 2005, p. 85).

O relato que surge junto ao suspense da história pode mexer com o público. Quando se assiste ao Cidade Alerta, a sensação que se tem é se está

dentro da história, pois os casos são mostrados aos poucos, o que pode causar curiosidade e prender a atenção. Um discurso carregado de violência causa impacto, mesmo que a história aparentemente esteja desconectada da vida do telespectador e não cause identificação imediata. Todos os seres humanos estão sujeitos a ser vítimas de violência. Portanto, a identificação se faz nesse nível. O exagero mais parece uma interpretação. A sensação que se tem é que a qualquer momento pode acontecer o mesmo conosco.

O relato audiovisual seduz porque permite ao receptor o encontro com as zonas mais ignoradas ou ocultas de seu inconsciente. O interesse do telespectador televisivo se baseia nesta capacidade de mobilizar os sentimentos mais íntimos do espectador, de implica-lo emocionalmente na história [...] (FERRÉS, 1998, p. 92).

O discurso se dá ainda por meio da pressão exercida pela própria emissora: violência simbólica. O conceito foi criado pelo francês Pierre Bourdieu²⁴ e está ligado às pressões que as pessoas sofrem por meio de instituições e agentes políticos. Quando criou o estudo Bourdieu pensava na pressão que operários sofriam dentro das fábricas.

A emissora exerce seu poder sobre o telespectador, a partir de sua programação. A Rede Record, por exemplo, passa a imagem de uma emissora cristã, que deseja reproduzir seus valores para os brasileiros. É o que faz Rezende: apesar de falar sobre violência explícita, não usa palavras vulgares, mesmo que aparentemente o apresentador tenha “liberdade” para falar o que quiser. Como na primeira passagem de Marcelo Rezende pela Record, como citado no capítulo 3: em 2004, o apresentador chegou à Record e assumiu o Cidade Alerta, mas tempos depois o programa foi tirado do ar. O presidente da emissora afirmou que Rezende fazia “críticas exageradas”.

Outro ponto que deixa evidente o posicionamento da Rede Record é a busca por Justiça. Este pode ser considerado um valor cristão. Mesmo que essa busca seja feita de modo exagerado, quando Rezende interpreta o “papel de juiz”, ele está buscando a justiça, mesmo que de um modo sensacionalista.

²⁴ Conceito concebido por meio do site: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>

Mas não é só da palavra falada que Cidade Alerta é feito. Os GCS²⁵ (Gerador de Caracteres) da atração trazem os destaques do programa, mas o que em um telejornal comum é usado para dar um título à matéria, no programa sensacionalista ressaltam-se aspectos que chamem atenção para a violência. O texto deve mostrar traços da notícia, dar pequenas dicas sobre o caso. Enquanto num telejornal a manchete seria: ex-noivo sofre agressão ou algo assim, no Cidade Alerta do dia 4 de setembro de 2014, o texto ficou desse jeito: Vingança: homem tem o pênis cortado. Outro exemplo é a matéria do programa do dia 2 de setembro, o título da reportagem era “bombom recheado de morte”. Nesse gênero é importante destacar a deformação da história. Como foi referenciado no capítulo 1, o grotesco funciona por meio de deformações ou exageros.

O Cidade Alerta se apropria da linguagem do grotesco para relatar as histórias. Como anteriormente foi citado no capítulo 1, a notícia que ganharia um pequeno espaço em um telejornal, toma proporções maiores em um programa sensacionalista. As notícias trazidas pelo Cidade Alerta se encaixam no contexto de catástrofe. Segundo Sodré e Paiva, o grotesco tem categorias e o Cidade Alerta se está no denominado “Chocante”, pois é nesta categoria que encontramos as principais características do sensacionalismo.

Um importante conceito dentro do gênero sensacionalista é o popularesco. Como foi citado no capítulo 1, a expressão popularesco é uma junção entre popular e grotesco. Isso significa que as expressões de cunho popular são retratadas de modo exagerado. Antes de tudo, o popularesco é um produto da Indústria Cultural e tem como fins a audiência.

Segundo Debord (2003), o espetáculo está em todos os âmbitos da vida. O sensacionalismo está ligado ao espetáculo-show. O gênero absorve a linguagem do espetáculo e usa da encenação para mostrar os fatos (simulações). A maneira como os fatos são tratados também pode ser considerada um espetáculo. A notícia que ganharia um pequeno destaque toma grandes proporções ou o modo como ela é produzida revela traços do

²⁵ Estes textos são sobrepostos à imagem, durante a edição ou transmissão do programa ao vivo. Conceito de GC: <http://www.cybercollege.com/port/typ001-2.htm>

espetáculo. As encenações, a postura do apresentador e do repórter que atuam em frente às câmeras, tudo faz parte desta linguagem.

O ato de falar revela aspectos importantes para a construção do programa. Algumas vezes, o apresentador se mostra machista, como no caso da repórter Luiza “Prancheta”, no programa do dia 2 de setembro. Na sétima história, Marcelo Rezende brinca com a repórter sobre ela estar em um relacionamento e também sobre a sua blusa decotada. Logo em seguida, ele finaliza dizendo: “você enalhada é pior do que falta de dinheiro, é problema”, dando a entender que toda mulher que não está em um relacionamento vira um verdadeiro problema e quanto à repórter estar com uma roupa um pouco mais decotada, Rezende diz que isso só acontece porque ela está namorando. Ele quis dizer que a mulher só se cuida quando está em um relacionamento. O discurso intencional ou não revela o pensamento do apresentador.

Em outros momentos, como um herói, Rezende tem o discurso na ponta da língua. Um exemplo acontece no terceiro programa da decupagem, na segunda história, onde a menina de 13 anos sofria abusos por parte do padrasto. A menina engravidou, mas Rezende faz uma pequena ressalva em meio ao caso. Quando questionado sobre o gênero sensacionalista, ele responde com outra pergunta: “se a gente não faz, quem mostra?” Como se programas como o Cidade Alerta fossem capazes de fazer Justiça por si só. Se um dia Rezende foi vítima de seu próprio discurso, tropeçando em suas palavras e o Cidade Alerta deixou de ser exibido, como nos primórdios da televisão, isso não teve maiores consequências pois os programas voltados para o popular cada dia ganham mais forças. A maior liberdade no discurso faz com que o público crie uma certa identificação com este tipo de discurso exagerado.

O sensacionalismo é gênero recorrente na televisão. No início da história da televisão ele era mais voltado para os programas de auditório e hoje temos os programas de notícias sobre todos os tipos de violência.

O Cidade Alerta se encaixa no contexto do gênero sensacionalista. Ele obedece a todos aos critérios do mesmo. Mesmo nos momentos que Marcelo Rezende tenta distrair o público daquilo que está assistindo, ele está obedecendo a um aspecto do sensacionalismo. E é por ser tão consistente em

relação com seu próprio gênero e em seu discurso que, talvez, mantenha sua parcela de audiência cativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa pode-se perceber que o Cidade Alerta obedece seus próprios critérios. A notícia deve ser exagerada, sempre buscando referências no grotesco. Enquanto um telejornal comum busca informar de modo rápido e sem “extrapolar” seu discurso sério e enquadramentos comportados, pois bem, o sensacionalismo propriamente dito, se apropria do lado sensacional da notícia, explorando-o ao máximo. E por fim, a história é transformada em um verdadeiro espetáculo, onde tudo parece ser feito de maneira “encenada”. Dentro do gênero sensacionalista, o Cidade Alerta é um ótimo exemplo. Ele segue a linha do espetáculo, onde tudo é pré-estabelecido. Seu apresentador é ator principal, é quem dita a maneira pela qual o programa será conduzido. De certa forma, Marcelo Rezende é carismático, pois seu jeito, mesmo quando está em seu tom sério, consegue cativar – ao menos uma parcela de telespectadores.

A linguagem usada pelo Cidade Alerta nem sempre é tão simples, mas quando Rezende ou Percival de Souza falam com termos técnicos, eles buscam esclarecer para o público as Leis, pois o telespectador, principalmente de classe economicamente desfavorecida não tem acesso, muitas vezes, a informações específicas. Normalmente, esse público tem baixo grau de escolaridade, o que vem do condicionamento do meio em que vive e da sua situação financeira precária, agravados pelo sistema capitalista, repleto de injustiça social. Assim, é mais fácil, em programas sensacionalistas como se fosse a sua realidade, uma vez que as pessoas moram em locais mais afastados, em periferias, onde são muito comuns as histórias como as mostradas no Cidade Alerta.

A questão norteadora foi respondida: quais são os principais aspectos do discurso do Cidade Alerta, passíveis de garantir a audiência, mesmo sendo de cunho sensacionalista? Quando o telespectador assiste ao Cidade Alerta ele sabe o que será exibido pelo programa, ele não espera que não haja violência. Ele está ciente da violência das imagens e conhece bem o discurso de seus participantes. O público “compra” o que o programa “vende”. Nem mais, nem menos.

Marcelo Rezende é o principal responsável por trazer o tom dramático ao programa, mas a atração, em si, é carregada de dramaticidade. Rezende é peça importante para a construção do Cidade Alerta, pois ele é o articulista do programa e nada que acontece é inesperado. Mesmo quando um repórter interage com o apresentador, ele sabe o que esperar de Marcelo Rezende. Todos os personagens do Cidade Alerta participam do discurso do programa, eles são importantes para que o sensacionalismo, o grotesco e o espetáculo ganhem maior articulação.

O aspecto popular também é um dos fatores dominantes no gênero. O programa é feito para as camadas da população desfavorecidas econômica e socialmente. O telespectador padrão dos programas deste gênero podem não desejar e nem querer uma linguagem de difícil compreensão. Outro fator importante é o apelo emocional, importante para o sensacionalismo. É comum ao gênero, que visa despertar, de modo exagerado, as emoções do público.

A linguagem do Cidade Alerta é coloquial, mas algumas vezes se utiliza de termos do Direito para descrever alguns casos. Com a ajuda de Percival de Souza, Marcelo Rezende explica de modo que o público entenda com linguagem a mais próxima possível da usada pelo público. O vocabulário utilizado pelo Cidade Alerta busca referências na linguagem popular. Um exemplo são os bordões de Marcelo Rezende, voltados para o popularesco. O público se identifica, pois, essas frases se aproximam de sua própria linguagem – ou pelo menos, é o que se tenta: gerar identificação a catarse: “acontece com o outro, não comigo”.

A violência simbólica não fica evidente, mas é demonstrada pelos “donos do discurso” – na verdade, a emissora, o programa em si, e não os entrevistados ou as vítimas. No caso da Record pode-se pensar inclusive nos intervalos, em que a emissora coloca comerciais da Igreja Universal do Reino de Deus para enfatizar o discurso e a ligação com o Cidade Alerta: o anseio por Justiça deixa claro um valor cristão. Mesmo que essa busca aconteça de modo violento, ela tem em sua essência aspectos do Cristianismo. Quando Rezende se posiciona contrário a um caso, julgando ou sentenciando um criminoso, ele está buscando a Justiça. Um dos preceitos do Cristianismo. Obviamente, há aí distorção, pois Justiça Divina é diferente (ou pode ser) da Justiça humana.

O cenário, em especial o trono de Percival e os objetos de cena como: as figuras da cidade, as fotografias de Souza, os telões, tornam também o Cidade Alerta próximo a um espetáculo teatral. Com o novo cenário isso mais evidente, pois agora os objetos cenográficos ganharam referências de outros objetos, como é o caso do trono, da mesa e do jarro do “cantinho” de Percival de Souza. Como um rei, o comentarista tem um trono decorado com leões, que segundo a produção, referência aos tronos dos Faraós; a mesinha é como um pilar que, lembra um dos pilares do Partenon, templo dedicado à deusa Atena, na Grécia conhecida por ser a deusa da Sabedoria.

Com isso, pode-se dizer que o comentarista é considerado uma “referência do saber”. Mas, o mais importante e o que torna o programa mais próximo de um espetáculo teatral são os personagens, que agem como se realmente estivessem encenando uma peça: Marcelo Rezende anda de um lado para o outro do cenário como se fosse o dono da casa. Os repórteres e Percival são coadjuvantes de falas ensaiadas. Todos parecem saber atuar dentro desta peça e o que esperar uns dos outros – as famosas deixas ou bordões do “ator principal”. Os demais personagens são condescendentes com as piadas e brincadeiras de Rezende; permitam que ele as faça; esperam por elas e sabem como reagir a cada uma.

Os objetivos foram alcançados, pois se queria descobrir de que maneira acontece a construção do discurso do Cidade Alerta. A análise mostrou o quanto o programa se encaixa no contexto sensacionalista e que seus personagens são muito importantes, principalmente o apresentador, pois ele é o “dono da atração”. O cenário, pautas, reportagens, profissionais que lá trabalham estão de “acordo” com os padrões sensacionalistas. Os exageros nas falas e no gestual se aproximam da linguagem coloquial e ainda, o abuso do sensacional para atingir o público revelam aspectos do gênero. Um exemplo são os repórteres. Eles podem enfrentar os criminosos e “entrar” nas brincadeiras do apresentador. As reportagens maiores do que as de um telejornal trazem detalhes dos crimes e imagens impactantes, onde são explorados os enquadramentos mais aproximados.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: Identificar a maneira como o Cidade Alerta é realizado, através da análise de aspectos como: personagens,

formato, matérias (pautas), participação dos repórteres, enquadramentos de imagens, discurso dos apresentadores e cenário. Como pode-se perceber nesta pesquisa foram levantados os mais variados aspectos, desde o enquadramento até os principais personagens que Marcelo Rezende “encarna”. Esses aspectos revelaram que o conteúdo não é só feito por meio de violência, mas também por questões ligadas ao sensacionalismo. O programa é voltado para o popular, mas como se pode mostrar algo que parece tão distante da atração e de seus atores? É preciso mergulhar no exagero, beber da linguagem do espetáculo e, por fim, degustar o banquete do sensacionalismo. Isso quer dizer que o Cidade se apropria de todas as formas do gênero, ele está de acordo com o sensacionalismo e o seu público sabe que dentro dos parâmetros sensacionalistas ele tem essas “qualidades”.

O primeiro objetivo específico traçado no projeto foi: verificar o discurso do Cidade Alerta e seus personagens. O discurso fica evidente não só na fala, mas como um todo. Ele revela a violência, a qual o programa tem por si só. Como anteriormente foi citado público sabe o que esperar do programa. A linguagem utilizada é a do grotesco com aspectos de espetáculo.

O segundo objetivo específico diz respeito aos personagens do Cidade Alerta e sua importância para a construção da atração. Eles são grande parte do programa e são importantes para a edificação do programa, como já comentado.

O último objetivo específico foi: Considerar os aspectos que o público pode não captar, ou seja, o trabalho que está atrás das câmeras ou que faz parte das mensagens mais sutis de um todo. Por meio da decupagem, a análise foi feita. Nela encontram-se pontos que podem ser imperceptíveis para o público, como a violência simbólica, a linguagem do grotesco e aspectos do espetáculo.

Segundo a primeira hipótese levantada no projeto de pesquisa, a narrativa de Marcelo Rezende faz com que o jornalismo do Cidade Alerta ganhe um tom mais dramático. O tom tranquilo do apresentador parece o de um narrador de história; ele sabe como se postar diante dos microfones e sabe utilizar sua voz para trazer ainda mais dramaticidade aos casos contados pelo Cidade Alerta. Portanto a hipótese foi confirmada.

De acordo com a segunda hipótese, os vários personagens “interpretados” por Marcelo Rezende e Percival de Souza são importantes para a construção do discurso do programa. Os personagens de Marcelo Rezende revelam importantes facetas da atração. Em alguns momentos, Rezende é o apresentador, mas logo, se posiciona como um advogado que defende os fracos e oprimidos; aqueles que são esquecidos pela sociedade, mas que sofrem ou sofreram algum tipo de violência. Percival é o defensor público com as leis na “ponta da língua”. Sentado em seu trono, ele aproveita para argumentar e exemplificar os casos, sempre tendo como base os regimentos do Direito. Marcelo Rezende é o ator principal, todos os outros personagens funcionam de acordo com ele e a partir de suas deixas. Portanto, a hipótese foi confirmada.

Segundo a terceira hipótese, o espetáculo do Cidade Alerta acontece por meio do sensacionalismo e do grotesco. O grotesco está presente por meio do exagero nas reportagens, nas reações dos personagens, nas imagens e principalmente na fala. Por fim, o sensacionalismo que é feito tem o objetivo de chocar o público. A hipótese também foi confirmada. A quarta hipótese se refere justamente ao forte apelo emocional, é ele que evidencia o sensacionalismo do programa. É um dos aspectos que demonstra o quanto o Cidade Alerta é sensacionalista. O apelo emocional chama a atenção, pois se verem muitas imagens de pais chorando pelos seus filhos ou lágrimas que correm no rosto de uma adolescente que está grávida de seu padrasto. O público pode se sentir sensibilizado ou horrorizado com a história.

A penúltima hipótese é sobre o discurso, ou melhor, a linguagem de fácil acesso do Cidade Alerta. Um dos fatores realmente é a linguagem, mas um programa ligado ao popular, só poderia ter uma forma de falar parecida com o modo de falar das massas. Portanto, a hipótese também foi confirmada, assim como a última hipótese: os elementos de dramaticidade, como o cenário e seus adornos tornam o Cidade Alerta próximo a um espetáculo teatral. O cenário do Cidade Alerta é muito bem pensado. As cores passam a sensação de paz, de tranquilidade, de seriedade. A fotografia de uma cidade ao entardecer revela que tudo pode acontecer naquele momento e também é o local onde se passam algumas histórias. O que falar do trono, que faz com Percival seja o “rei dos comentários” no Cidade Alerta?

As notícias trazidas pelo Cidade Alerta, em si, são violentas, mas quando se ressalta a crueldade e a dor, se está deixando de lado o caráter informativo, para evidenciar os aspectos ligados à emoção. O próprio apresentador revela que o programa foi criado com intuito de impactar. Quem está assistindo não fica preso ao que está nas entrelinhas. Muitas vezes, não pode perceber os enquadramentos que ressaltam as emoções, o discurso inflamado e até mesmo as cores usadas no programa. Tudo isso é parte da mensagem sutil que o Cidade Alerta deseja passar ao telespectador.

A mensagem principal passada pela atração é que a Justiça vencerá todo mal. Mas, para isso, é necessário mostrar ao público as atrocidades que uma parcela da população sofre com direito aos mínimos detalhes.

O Cidade Alerta é um ótimo objeto de estudo em se tratando de sensacionalismo. Para os estudantes que se interessam pelo assunto esse trabalho irá ajudar, pois ainda não há muitos estudos sobre esta atração específica ou outros, do gênero.

As dificuldades para se apropriar do assunto tomaram um bom tempo, pois não se trata de algo leve e fácil de falar. A violência, para alguns, parece algo comum; mas, para outros, a dificuldade é enorme. O sentimento que fica é de que aquela violência toda vai invadir os lares. O efeito talvez fosse diferente se a pesquisadora amasse o assunto, mas o desafio mora aí, naquilo que se enfrenta, que foge da realidade vivida. Por vezes, achou-se que tudo o que era mostrado no Cidade Alerta poderia acontecer com as pessoas mais próximas. Sair alarmada de casa, com medo de qualquer “ser” que se aproximasse, fez com que a pesquisadora sofresse a violência do programa sem realmente tê-la vivenciado. Em alguns momentos, o choro se fez presente, em outros o riso, mas sempre ficou a sensação de medo. E, ao final da monografia, a de alívio, por ter alcançado os objetivos e superado o desafio.

6. REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- ARBEX, José. **Showrnlismo – A notícia como espetáculo**. 4ª. Ed. São Paulo: Casa Amarela, 2005.
- ARONCHI, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004, 1ª reimpressão desta edição.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2011.
- BAUER, Martin W; Gaskell, George (org). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petropólis, RJ: Vozes, 2011. 9ª Ed.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo. Ática, 2006.
- CANDIDO, Antonio; Rosenfeld, Anatol; PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perpesctiva, 2002. 10ª Ed.
- CHAUÍ. Marilena. **O que é Ideologia**. 2ª. Ed, rev. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COELHO, Cláudio Novaes Pinto. CASTRO (organização), Valdir José de. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.
- COELHO NETTO, José Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 4ª Ed.
- CURADO. Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- FARINA. Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Blücher, 1990. 4ª Ed.
- FERREIRA**. Marina Baird. **Mini Aurélio Século XXI – o mini dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S. A, 2000, 4ª Ed.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.

GUIMARÃES. Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor como informação no jornalismo.** São Paulo: Annablume, 2003. 1ª Ed.

GUIMARÃES. Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica e cultural da simbologia das cores.** São Paulo: Annablume, 2004. 3ª Ed.

HOINEFF, Nelson. **Tv em expansão.** Rio de Janeiro: Record, 1991.

LORÊDO, João. **Era uma vez...a televisão.** São Paulo: Alegro, 2000.

MACHADO. Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009, 5ª Ed.

MACHADO. Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas.** São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001, 3ª Ed.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988. 13ª Ed.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo.** São Paulo: Campus, 2006. 2ª Ed.

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA. Gustavo. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Ática, 1998

REZENDE, Marcelo. **Corta pra mim: os bastidores das grandes investigações.** São Paulo: Planeta, 2013. 1ª Ed.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010

SANTAELLA. Lucia. **Culturas e artes pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA JÚNIOR. GONÇALO. **Pais da TV: a história da televisão brasileira.** São Paulo: Conrad Livros, 2001.

SODRÉ, Muniz; PAIVA Raquel. **O Império do Grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002, 1ª. Ed.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala: função e linguagem da televisão**. Petrópolis: RJ : 1999, 6ª Ed.

SÓLIO, Marlene Branca. ALBUQUERQUE. Dinarte Filho (col); COELHO. Eulália (col). **Violência: um discurso que a mídia cala**. Caxias do Sul: EducS, 2010.

STANISLAVSKI. Constantin. **A construção da Personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, 14ª Ed

STANISLAVSKI. Constantin. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, 12ª Ed.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7ª. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

WOLFGANG. Kayser Johannes. **O grotesco: configuração na pintura e na literatura**. São Paulo: Perpesctiva, 1986.

PESQUISAS EM MEIOS DIGITAIS

Histórico do Programa Cidade Alerta - <http://rd1.ig.com.br/conheca-a-historia-do-cidade-alerta-programa-renasce-e-se-torna-carro-chefe-da-record/>. Acesso em: 20/10/2014 às 14h45min.

Perfil do apresentador do Cidade Alerta: Marcelo Rezende – Portal dos jornalistas <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9803>. Acesso em 20/10/2014 às 15h17min.

Histórico do Programa do Chacrinha – Portal Globo Memória: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/cassino-do-chacrinha/evolucao.htm>. Acesso em 02/11/2014 às 15h35min.

Histórico do Programa do Chacrinha Portal dentro do site Rede Bandeirantes: <http://www.anos80.net/televisao/programas-de-auditorio/clube-do-bolinha/>. Acesso em 02/11/2014 às 16h05min.

Histórico do Programa Brasil Urgente. Wikipedia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Urgente. Acesso em: 02/11/2014 às 16h45min.

Site da Rede Record (História da Emissora) - <http://rederecord.r7.com/historia/>

Site utilizado para exemplificar a fase do Cidade Alerta:

<http://rd1.ig.com.br/conheca-a-historia-do-cidadealerta-programa-renasce-e-se-torna-carro-chefe-da-record/>.

Site utilizado para explicar os enquadramentos:

<http://www.primeirofilme.com.br/site/olivro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

Conceito de Personagem retirado do site:

<http://www.portuguesnarede.com/2008/12/personagem-ou-o-personagem.html>.

Site utilizado para definir o conceito de GC e passagem:

<http://jornal.metodista.br/tele/manual/manual.htm>

Site utilizado para conceituar Off:

<http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>

Site utilizado para definir Termo Circunstanciado:

<http://www.pm.sc.gov.br/artigos/2193.html>

Fonte página do Facebook feita em homenagem ao personagem "Malloy":

<https://www.facebook.com/malloyaviaturacidadealerta>

Site usado para conceituar teleprompter:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teleprompter>

Conceito do enquadramento *Zoom In* retirado do site:

<http://www.tudosobretv.com.br/planos/>

Site utilizado para definir o conceito de Pesquisa Qualitativa:

<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>

Conceito de violência simbólica, de Bordieu concebido por meio do site:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>

ANEXO